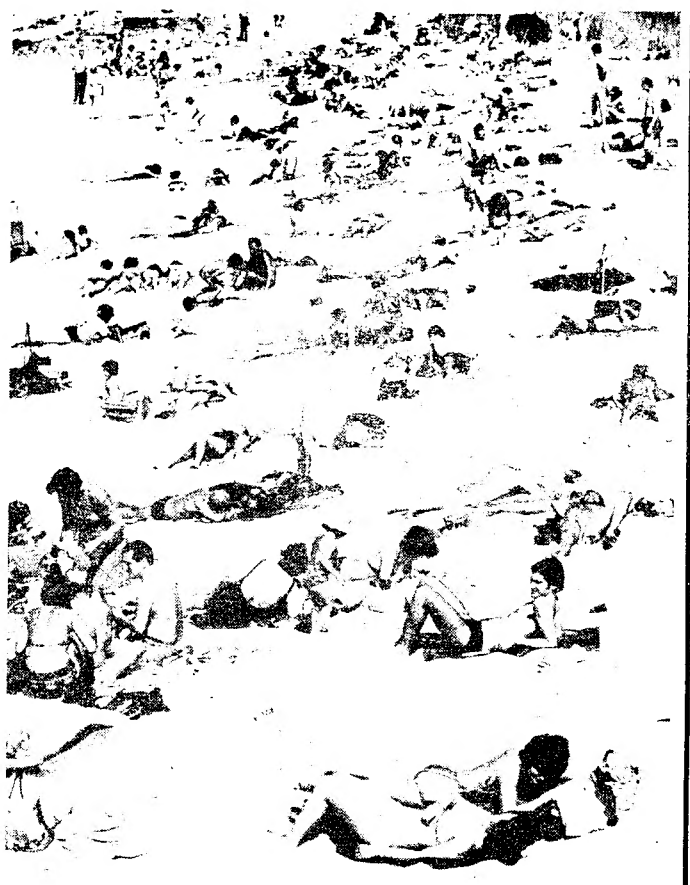
Diário de Lisboa

Maio 1978
Sábado.

ANO 58.º
N.º 19 654
7S50

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**



Já parece Verão nas praias

A vaga de calor levou hoje milhares de lisboetas para as praias, numa antevisão do que hão-de ser as grandes «cenas» de fim-de-semana na quadra estival. Em S. Pedro do Estoril, a meio da manhã, já não havia muito espaço para estender as pernas, enquanto o comboio continuava a «despejar» fornadas de gente encalorada

CONTESTAÇÃO AUMENTA; SECRETARIADO DO PS PREPARA COMUNICADO

Tomás, o indesejado

Enquanto o CDS e o PSD aprovam a decisão da Presidência da República, partidos parlamentares e extraparlamentares, sindicatos, comissões de trabalhadores e organizações populares contestam o regresso de Américo Tomás.

Para Freitas do Amaral (em declarações à RDP) «mais uma vez o sr. Presidente da República tomou uma decisão acertada». Para os «sociais-democratas» (em comunicado divulgado ontem à noite) «há que superar posições maximalistas» e por isso saúdam «a corajosa atitude da Presidência da República».

Entretanto, cresce em todo o País o repúdio generalizado pelo possível regresso de Tomás. Assim, em comunicado ontem tornado público ao fim da tarde, a CGTP-Intersindical considera que o eventual regresso do presidente dos fascistas «servirá para dar novo alento às forças reaccionárias, empenhadas na campanha de desestabilização e de tentativa de destruição das liberdades e da democracia».

«Face ao avolumar dos perigos que se põem à democracia — prossegue a Central Sindical — a CGTP alerta os trabalhadores para a necessidade de se reforçarem os laços de cooperação e unidade de todos os democratas e antifascistas».

A autorização do regresso do n.º 1 da hierarquia fascista em nome de «razões humanitárias» é também repudiada em posições públicas da Federação dos Sindicatos de Transportes Rodoviários, do Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa, do Sindicato dos Marinheiros Mercantes, da Comissão Intersindical de Trabalhadores da Sotécnica, da Comissão de Trabalhadores da Zona Sul e Ilhas, do Crédito Predial Português e da Coordenadora Nacional das Comissões do Trabalho Socialistas.

O Secretariado Distrital da Federação de Coimbra do Partido Socialista declara-se surpreendido com a anunciada autorização concedida a Américo Tomás e considera o ex-presidente «fantoche do fascismo», adiantando que Américo Tomás deve regressar, mas para se sentar no banco dos réus, a fim de ser julgado pelos «crimes que, por acção ou por omissão, praticou ou deixou praticar, durante o seu consulado».

O Secretariado da Federação Distrital do Porto do PS afirma que, em nome de todo o povo português e dos trabalhadores em especial, que «suportam nas fábricas a arrogância dos patrões em regresso», dirá «não» ao retorno de Américo Tomás.

O Secretariado Nacional do MDP/CDE «denuncia com veemência tal decisão, numa altura em que os órgãos de soberania reconhecem a existência e preconizam a luta contra a escalada das forças reaccionárias e fascistas».

Continua na pág. 7

EANES AO "DL"

"A nota diz tudo"

O Presidente da República assegurou ontem ao «DL» que o facto de neste momento não haver nenhum processo-crime contra o ex-almirante Américo Tomás não significa que não possa haver no futuro, «nomeadamente em função das actividades que possa desenvolver após o seu eventual regresso a Portugal».

Ramalho Eanes conversava com os jornalistas que o acompanha na visita à Beira Baixa.

O repórter do «DL» pediu-lhe mais esclarecimentos à nota difundida na véspera pela Presidência da República, tendo-lhe sido respondido que «a nota diz tudo».

«É intenção minha e esperança» — disse o Presidente da República — «que este País não tenha exilados e que todos os homens portugueses que estejam exilados e queiram regressar o façam, não tendo contas a prestar à justiça».

O repórter do «DL» estranhou o facto de a Presidência se referir a uma consulta ao Serviço de Extinção da PIDE/DGS e apontar, como uma das circunstâncias favoráveis ao regresso, a inexistência de matéria incriminatória naquele serviço. É que é inverosímil que alguém possa admitir que o velho almirante estivesse ali referenciado, por exemplo, como informador da PIDE. A PIDE é que, por obrigação funcional, o informaria a ele, na qualidade de Presidente da República, dos actos criminosos que foi exercendo ao longo do tempo.

O general Eanes insistiu no conteúdo da nota da Presidência da República, apenas tendo corrigido o repórter do «DL» quando falou em «velho almirante». «Velho e ex-almirante» — sublinhou.

Excepcionalmente o general Eanes acedera a responder a perguntas de carácter mais geral, não se limitando, como é seu uso quando visita o interior do País, a comentar a situação da região visitada. Era claro que a celeuma levantada pela possibilidade do regresso de Américo Tomás não o deixara indiferente. Poucos jornalistas, contudo, abordariam a questão.

A visita à Cova da Beira (Pág. 7)

TEXTO DA "CARTA DE INTENÇÕES" É CONHECIDO

FMI: exigências todas satisfeitas

Obter uma redução de 500 milhões de dólares no défice externo à custa de **restrições fiscais, monetárias e salariais** combinadas com uma política de taxas de câmbio, é o compromisso assumido pelo actual Governo junto do Fundo Monetário Internacional através da «carta de intenções» já aprovada e enviada para Washington com as assinaturas do ministro das Finanças e do Plano, Vítor Constâncio e do Governador do Banco de Portugal, Silva Lopes.

Um relatório de especialistas do FMI com a descrição e análise das medidas de «estabilização» postas em prática por Lisboa estará presente, juntamente com a «carta», no exame que sobre o assunto a directoria executiva do Fundo deverá fazer no próximo dia 4 de Junho, na capital americana.

A «carta» que solicita um crédito de emergência «stand-by» de 50 milhões de dólares, estabelece como propósito do empréstimo o apoio ao «programa de estabilização recentemente adoptado pelo Governo de Portugal» com o objectivo (diz a «carta») de «fortalecer a balança de pagamentos e reduzir as pressões inflacionárias, enquanto se mantém uma taxa positiva de crescimento da economia para manter o desemprego sob controlo».

Largos e certos do texto da «carta de intenções» ao FMI são hojje divulgados pelo matutino «o Diário» que diz que aquele documento tem a data de 9 deste mês.

Do texto da «carta» resulta patente as cedências do actual Governo ao FMI e a responsabilidade das exigências aceites no aumento galopante do custo de vida e nas restrições ao crédito que põem em grave perigo centenas de pequenas e médias empresas.

DIMINUIÇÃO DO DÉFICE

A redução que o Governo espera obter à custa de «restrições fiscais, monetárias e salariais» cifra-se, como acima foi dito em 500 milhões de dólares, ou seja, na passagem de 1,5 biliões de dólares registado no período Abril 77-Março/ 78 para 1 bilião no período Abril 78-Março/ 79.

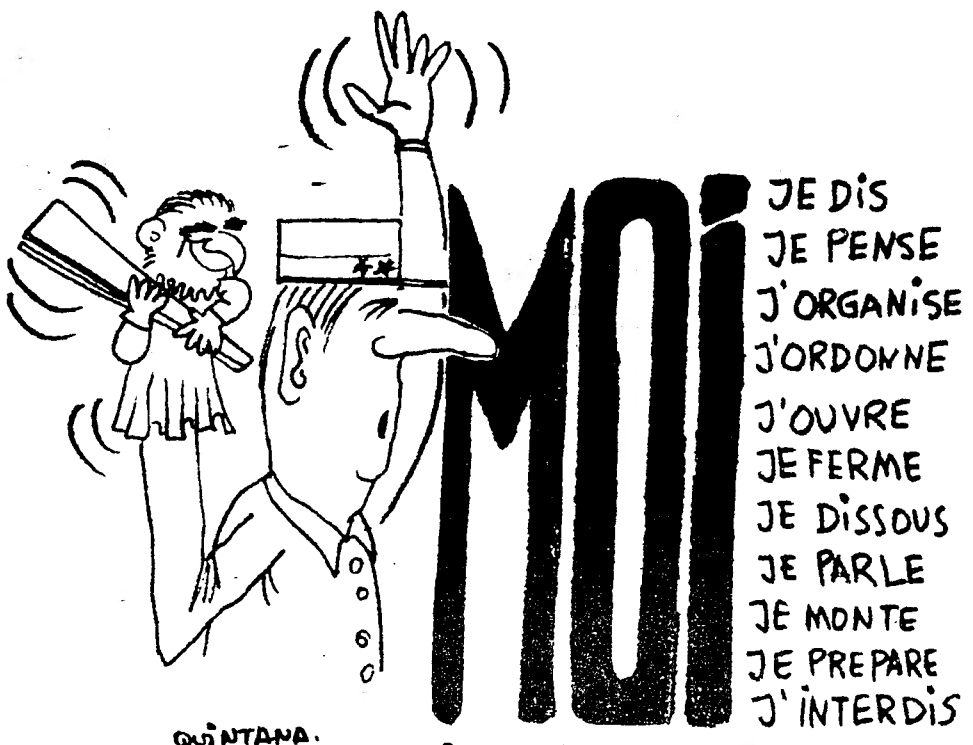
«Esta melhoria na balança externa constituirá a principal fonte de crescimento económico no período do programa», diz a carta que acrescent a que a política monetária que será praticada «tem por objectivo contribuir substancialmente para a esperada melhoria da balança externa e para a contenção da inflação».

REDUÇÃO DO CRÉDITO

A taxa de expansão do crédito interno, que em 1977 alcançou os 34,5 por cento da reserva inicial de moeda baixará para 23 por cento, segundo promete o actual Governo ao FMI.

«No fim de 1977» — diz a «carta» — «a taxa de expansão do crédito interno havia alcançado 34,5 da reserva inicial de moeda, excedendo substancialmente a taxa de crescimento da própria reserva monetária, antes de baixar para 32 por cento no ano que terminou em Março de 1978. Em média, a reserva monetária

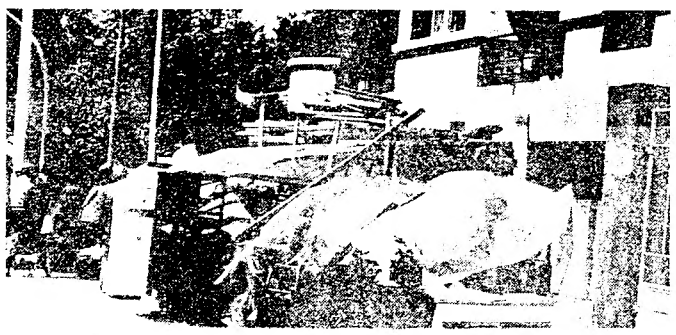
Continua na pág. 20



Há dez anos "Maio de 68" sacudia a França

Há dez anos o «Maio de 68» sacudiu a França, marcando aquele país com traços profundos. O abalo, à primeira vista de índole sócio-cultural, foi também, ou predominantemente, político, como a História dos dois lustros seguintes haveria de confirmar. Evocando a data, «DL» inicia hoje uma retrospectiva dos acontecimentos, onde se inclui a revelação de alguns documentos inéditos.

(CENTRAIS)



Tudo isto são pertences na rua

Despejo às seis da manhã

Desde as seis da manhã de anteontem, quatro famílias, com sete crianças, todas com menos de oito anos, duas doentes, uma asmática (um regueiro de esgoto passava à sua porta no tempo em que vivia numa barraca) e a outra diabética, foram despejadas de uma casa na Avenida do Brasil que faz gaveto com o Campo Grande.

O presidente da junta de freguesia conseguiu-lhes uma «casa» no Pátio do Galego. A casa não tem sobrado, a cozinha não tem tecto e a um canto crescem as ervas. Ninguém, mesmo ninguém pode habitar aquela «casa».

«Prefiro regressar à barraca do Pote d'Água» — diz um dos despejados, carpinteiro de profissão — «isto é fazer pouco de um português que tem trabalhado toda a vida para eles».

E com as crianças doentes, à soleira da porte, um cão esticado ao sol, os «tarecos» amontoados junto a uma vedação os despejados, quatro famílias, esperam que alguém lhes diga onde habitar. Que não no gaveto de uma avenida.

Dois navios para a URSS construídos em Viana

Com o objectivo de participar na inauguração de dois navios construídos pelos Estaleiros de Viana do Castelo — EP, o secretário de Estado da Energia e Indústrias de Base, eng. Rocha Cabral, estará durante os dias 16 e 17 no Norte.

Os navios a inaugurar de nome «Leninskiy Komsomol» e «Drujba Narodov», são os primeiros de uma série de quatro destinados à empresa soviética «Isudoimport». O valor total da encomenda é superior a 21700 mil dólares. Trata-se de barcos de tipo rio-mar para transporte de carga a granel, contentores e madeiras, tendo sido concebidos especialmente para navegarem em regiões de baixas temperaturas.

Durante a sua deslocação ao Norte, o secretário de Estado visitará também o Centro de Viana do Castelo da Portucel, a Socidrel, a Siderurgia Nacional (Maia) e a Petrogal.

SETENAVE

As óptimas condições oferecidas pela baía de Setúbal possibilitam que a Setenave vá passar a receber navios na situação de «lay-up» — inactividade temporária — enquanto aguardam fretamento.

A crise petrolífera e a degradação dos preços dos fretes marítimos têm levado os armadores a colocar os seus navios naquela situação, processo de lhes garantir a necessária assistência enquanto inactivos.

O «Norbon», petroleiro sueco de 250 mil toneladas, e o «La Loma», britânico, de igual tonelagem, serão os primeiros clientes da Setenave para esta espécie de legislatura. Entretanto entrou nos estaleiros da empresa o navio da RDA «Aue», que vai ser sujeito a reparações de valor superior a um milhão de dólares (cerca de 45 milhões de escudos).

CARNE DE PORCO: COMO É?

JNPP analisa posição dos suinicultores

No seguimento de uma tomada de posição dos suinicultores, que ameaçaram suspender o fornecimento de animais à indústria caso não fossem satisfeitas as suas reivindicações, a Junta Nacional dos Produtos Pecuários divulgou um comunicado em que dá conta da sua posição, faz um balanço da situação e marca uma reunião para o dia 12 com aqueles produtores.

As obras que estão a ser executadas para o ano em curso nas redes de abate e frio elevam-se a 452 mil contos. No sentido de resolver os problemas colocados pela suinicultura está-se a tentar eliminar a concorrência da carne congelada de bovino, não só através de preços estabelecidos para a produção nacional como ainda com uma diminuição progressiva da sua distribuição. Assim, embora inicialmente tivesse sido prevista a distribuição de 5 mil toneladas mensais daquela carne, em Abril só foram distribuídas mil e caminha-se para a interrupção total desse fornecimento.

Quanto a outros dois pontos de contestação dos suinicultores, nomeadamente a peste suína africana e os preços que lhes são pagos, a JNPP refere que, para o primeiro caso, estão em estudo novas medidas que «não só diminuam os elevados prejuízos dos produtores como resolvam definitivamente o problema dos subsídios».

Relativamente ao segundo ponto a JNPP considera que é necessário que sejam estabelecidos preços que, partindo da produção, passem pelos industriais e vão até ao consumidor. Neste sentido estão feitos estudos que, partindo da produção, têm obrigado a uma maior ponderação na aplicação do sistema de preços.

DE NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

JAIME GAMA NA POSSE DE DIRECTORES-GERAIS DO MAI

Democracia impõe poder local forte

«A democracia impõe um poder local forte, com autarquias técnica e financeiramente capazes e com níveis satisfatórios de decisão na sua esfera de competência, abertas a modelos institucionais de cooperação no plano da associação de municípios», afirmou ontem o ministro da Administração Interna, Jaime Gama, na cerimónia de possse dos novos directores-gerais do MAI.

Ao acto assistiram o ministro dos Transportes, o secretário de Estado da Administração Local e Regional e os comandantes-gerais da GNR e da PSP, tendo sido empossados Helena de Melo Torres Marques, como director-geral da Acção Regional e Local e José Pinheiro de Melo Bragança, como director-geral do Gabinete de Apoio às Autarquias Locais.

Segundo palavras de Jaime Gama na cerimónia de posse «os novos directores-gerais porão em prática os princípios descentralizadores do sistema democrático, tão exemplarmente simbolizados no facto de que o edifício do MAI é bastante acanhado em comparação com a grandeza da da Câmara Municipal de Lisboa...».

O ministro referiu, ainda, concretamente, quais serão as atribuições dos empossados, afirmando: «o novo director-geral da Acção Regional e Local caberá a missão de lidar com assuntos tão relevantes como as finanças locais, os critérios de transferências correntes de capital para as autarquias, a viabilidade económico-financeira de projectos locais, a definição de modelos para as áreas metropolitanas, a revisão da contabilidade local, as novas técnicas de gestão financeira e a reciclagem do pessoal técnico das autarquias».

«Reforço das autonomias regionais e locais é factir de reafirmação da identidade nacional» — palavras de Jaime Gama aos directores-gerais do MAI

Para o responsável do Gabinete de Apoio às Autarquias, licenciado pela Faculdade de Director em 1975, Jaime Gama, delineou o seguinte leque de funções: «trabalho de preparação legislativa, assessoria jurídica, apoio administrativo, investigação, formação e divulgação de que muito poderão vir a beneficiar os eleitos locais e os funcionários da administração local em todo o País».

A terminar, Jaime Gama relembrou que «o reforço gradual e ordenado, realista e não demagógico, das autonomias locais e regionais é o mais válido factor de reafirmação da identidade nacional, indispensável para que a integração irreversível de Portugal na Europa se faça sem subalternização da nossa economia e, sobretudo, sem quebra de soberania».

Em resposta e em nome dos dois empossados usou da palavra a dr.ª Helena Torres Marques.

SEGUNDO RUI PENA

Administração Pública deve ser estímulo ao desenvolvimento

O ministro Rui Pena presidiu ontem à primeira reunião do grupo de trabalho encarregado de preparar a proposta de Lei das Bases da Reforma Administrativa que, após aprovação pelo Governo, será submetida à apreciação da Assembleia da República.

A Lei das Bases visa formalizar a actuação e definir o âmbito e conteúdo da Reforma da Administração Pública, que o actual Governo, conforme consta do seu programa, se propõe renovar e aperfeiçoar.

Os respectivos objectivos foram já anunciados e o ministro da Reforma Administrativa recordou-os, ao abrir a reunião: «criação de uma estrutura integrada da reforma da Administração; dignificação da Função Pública; racionalização das estruturas administrativas; desenvolvimento das técnicas de gestão; racionalização dos processos administrativos e dinamização da participação dos utentes na Administração».

«Há pois que dotar Portugal com uma Administração Pública humana, viva, coerente e eficiente, capaz de constituir um estímulo ao desenvolvimento económico e social e de responder prontamente ao movimento de integração económica europeia», disse Rui Pena.

Para cumprimento dos objectivos a que o Governo se propõe neste campo, o ministro adiantou que, para além da Lei das Bases da Reforma Administrativa, conta-se com os projectos já alcançados da Lei das Bases da Função Pública, do Registo Central de Pessoal, da Escola Nacional de Administração e de um sistema de Estatística da Administração Pública.

PCP reúne Comité Central

O Comité Central do Partido Comunista Português reúne-se este fim-de-semana, em sessão plenária, para apreciar a situação política nacional.

Na próxima segunda-feira, às 17 horas, realiza-se uma conferência de imprensa, no Centro de Trabalho Vitória, em Lisboa, durante a qual serão divulgadas as conclusões da reunião.

Cruz Filipe no Porto durante três dias

O secretário de Estado do Comércio Externo, dr. Cruz Filipe, estará no Porto, durante os primeiros três dias da próxima semana, a fim de contactar com os serviços dependentes do seu departamento, com entidades ligadas à produção e comércio do Vinho do Porto, e com empresas exportadoras dos sectores têxtil e metalúrgico.

Com o secretário de Estado da Energia, assistirá também à inauguração dos primeiros navios de uma encomenda da URSS construídos em Viana do Castelo.

Estão programadas visitas a várias empresas ligadas ao Vinho do Porto e ao respectivo Instituto, à Cotesi, e às instalações da empresa Salvador Caetano. Na próxima segunda-feira, Cruz Filipe terá uma reunião com as associações de importadores e industriais do Norte.

MIRANDA CALHA

Por sua vez, e também nos dias 15, 16 e 17, o secretário de Estado da Administração Regional e Local estará no Algarve com o objectivo de se inteirar, junto das diversas autarquias, dos anseios das populações. Miranda Calha, terá reuniões de trabalho no Governo Civil de Faro e nas Câmaras de Faro, Olhão, Vila Real, de Santo António, Alcoutim e Albufeira, nomeadamente.

De Espanha, a convite delegação parlamentar chega amanhã a Lisboa

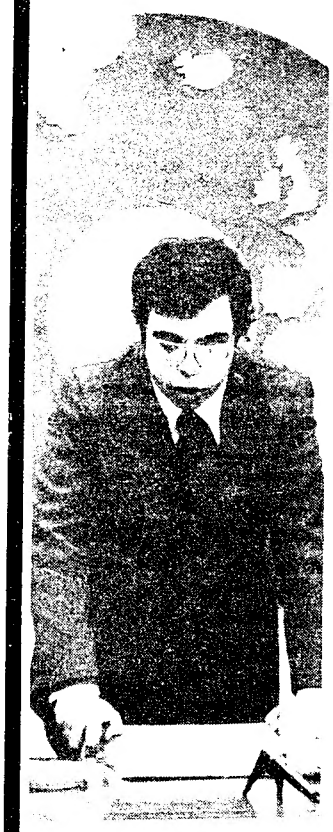
Chega amanhã ao fim da tarde a Lisboa a delegação parlamentar espanhola, que visita o nosso País a convite de Vasco da Gama Fernandes, presidente da Assembleia da República.

Dela fazem parte o presidente das Cortes, António Hernandez Gil, o vice-presidente do Senado, Juan Carlos Guerra, o presidente do Congresso dos Deputados, Fernando Alvarez de Miranda e representantes de quase todos os partidos representados no Parlamento espanhol.

Entre outras actividades, a delegação encontrar-se-á com o presidente e outros membros da Mesa da Assembleia da República, e com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Vítor Sá Machado, na segunda-feira e no dia seguinte com o Presidente da República, assistindo depois a uma sessão da AR.

Para além de visitas turísticas em Lisboa, a delegação parlamentar espanhola deslocar-se-á ainda à zona de Setúbal, onde visitará os estaleiros navais da Setenave, regressando a Madrid na manhã de quinta-feira, dia 18.

ponto a ponto

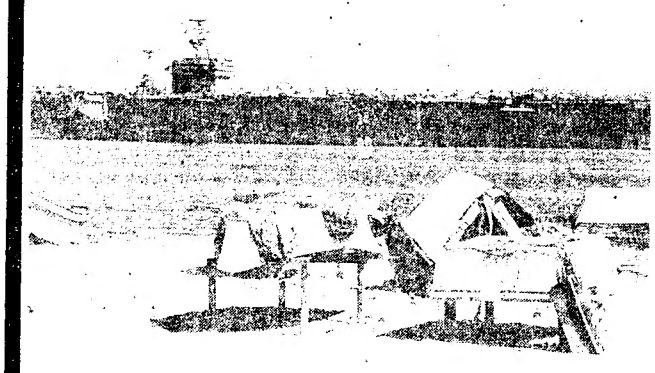


Mário Mesquita, director do matutino «Diário de Notícias», em foco depois das críticas que lhe foram dirigidas publicamente pelo seu próprio partido, o PS, abordou ontem à noite o tema «Autonomia e separatismo numa perspectiva histórica» durante uma conferência na Casa dos Açores. Na assistência, Mota Amaral, chefe do Governo Regional, e o ministro Jaime Gama, natural daquele arquipélago. A conferência que se centrou especialmente no desenvolvimento da ideia separatista no século XIX teve um ponto curioso quando Mário Mesquita evocou o seu aparecimento como reacção aos ideais iberistas. Foi precisamente um editorial do «DN» intitulado «Iberismo» que suscitou as críticas do PS. Hoje, o semanário «Expresso» diz que três membros do Secretariado do PS se teriam oposto à crítica: Jaime Gama, Sottomayor Cardia e Arons de Carvalho.

«A luta para libertar a Humanidade da bomba de neutrões» foi o tema de uma conferência que o general Costa Gomes proferiu ontem na Associação de Amizade Portugal-URSS. Costa Gomes referiu os efeitos trágicos daquela arma, os quais, sugeriu, deveriam ser mais pormenorizadamente divulgados pelos órgãos de Informação e citou que, ao contrário do que se pensa geralmente, a bomba de neutrões tem efeitos retardados em pessoas que se encontram afastadas do seu centro de deflagração, as quais vêm a morrer tempos mais tarde.

Ramalho Eanes deverá promulgar na próxima semana a Lei do Plano para 1978. A nova lei, que circulou entretanto entre o Conselho da Revolução e a Assembleia da República devido a um problema de datas e prazos para promulgação, deverá sair agora com a data de 31 de Maio.

Partiu esta manhã para Roma o ministro da Reforma Administrativa, Rui Pena, que em representação do Governo vai assistir às cerimónias religiosas de sufrágio por alma do presidente Aldo Moro, acto que terá lugar, hoje ainda, na Basílica de S. João de Latrão. Rui Pena regressa amanhã a Lisboa.



O presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes, visitou ontem à tarde o porta-aviões «Nimitz» da esquadra permanente da NATO no Atlântico, o qual se encontra fundeado no Tejo. O «Nimitz», que trabalha a energia nuclear e, como tal, constitui um risco permanente nas zonas onde estaciona, foi igualmente visitado pelo embaixador dos EUA, pelo presidente do STJ, por conselheiros da Revolução, deputados do PS, CDS e PSD e pelos ministros da Aministração Interna e dos Transportes.

SERÁ A QUANTIFICAÇÃO UM PROGRESSO? (conclusão)

PAUL FABRA

A verdade parece simples: a taxa de expansão «escolhida» foi estabelecida de modo que se pudesse colocar na coluna das receitas suplementares, sob a forma de entradas fiscais acrescidas, o número mais adequado para o equilíbrio das contas (versão comunista do programa) ou (versão socialista) para limitar o desequilíbrio a 40 biliões de francos. Foi esse o montante do défice registado pelo orçamento de Chirac e Foucade — o que é uma referência pouco razoável pois tal défice levou à crise do franco...

Outras «receitas» resultam de uma lógica económica ainda mais surpreendente. Por exemplo, os comunistas consideram uma «economia» o fim do encerramento das empresas. Mas, em princípio, o fecho das empresas é determinado precisamente por... razões de ordem económica. Podemos deplorar as consequências sociais de tais decisões, mas em nenhum país industrializado se poderá apresentar como um ganho para a nação a manutenção sistemática da actividade de instalações que deixaram de ser rentáveis — empregamos a palavra apesar da «grosseira» ignorância que, segundo Alfred Sauvy, os partidos de esquerda revelam sobre o papel do lucro.

A quantificação das incidências sobre o comércio externo das medidas preconizadas é ainda mais aleatória. Na realidade, tudo dependerá do modo de financiamento. Se o imposto for massivamente preferido em relação à inflação, o resultado poderá ser como já referimos, um menor estímulo ao investimento — e uma queda das actividades — mas será obtido um equilíbrio, ou um quase equilíbrio, nas transacções externas. Também neste caso as lições da experiência foram esquecidas não só em França mas também no estrangeiro.

Quando em finais de 1971 os países do grupo dos Dez discutiam o realinhamento monetário que daria origem ao acordo de Smithoniam Institute, o secretário norte-americano do Tesouro, Conally, defendia uma forte desvalorização do dólar, afirmando que de acordo com o cálculo dos seus peritos (corroborado pelos da OCDE), um ponto de desvalorização deveria corresponder a uma diminuição do défice da balança de pagamentos (ou a um excedente suplementar) de um bilião de dólares. Este grau de exactidão não era propriamente digno de admiração. Na verdade não tinha qualquer fundamento. O dólar foi desvalorizado e não se verificou nenhuma melhoria na balança de pagamentos americana. Nixon preprava então a sua reeleição através de uma vigorosa política de expansão monetária e orçamental...

Outra fonte de erro consiste em comparar números que não são comparáveis: afirmar, por exemplo, que um défice de 2 por cento do PNB é relativamente moderado porque o da Alemanha Federal país muito considerado pelo seu rigor, é de 4 por cento. Se queremos avaliar a incidência inflacionista dos avanços de fundos das finanças públicas temos de nos interrogar sobre o seu modo de financiamento. Serão o resultado de uma verdadeira poupança ou sairão do Instituto de Emissão através dos bancos?

. De todas as «quantificações» a que deveria ser feita com mais precaução é a do desemprego, devido à gravidade

Continua na pág. 4

política de A a Z

E A «CRISE» CONTINUA...

Desta vez um comunicado da Presidência da República que não teve, nem poderia ter, o mérito de apaziguar a «direita» e de contentar o «centro», veio não só inquietar a «esquerda» como despertar as mais justificadas preocupações. Decisões deste género, pelo conteúdo e pela forma, não contribuirão para a desejada estabilização e deixam margem a especulações. Não são de molde, como se depreende das reacções já tornadas públicas, consolidar a Democracia, a viabilizar a «maioria constitucional», a inspirar confiança, a motivar a esperança.

Se nas declarações da «esquerda» muitas das quais no próprio comedimento, traem a indignação perante o insólito, juntarmos as de três dirigentes do Partido Socialista, força central da actual fórmula de Governo, teremos uma ideia do desencontro entre a «realidade política nacional» e a «decisão política da Presidência da República».

Não exageremos o que esta decisão, relativa ao regresso do ex-Presidente da República, significa, quer quanto ao conteúdo político, quer quanto à entidade que decide e à forma da decisão. Mas não minimizemos o que ela significa. Não a consideremos uma decisão banal. Não ignoremos o desencontro que tal decisão representa em relação ao sentir de vastos sectores da população e às responsabilidades nacionais e políticas das forças democráticas.

Surpreendendo e inquietando as correntes democráticas, e perturbadora para a opinião pública, decisão comunicada pela Presidência, surge como mais um factor de desestabilização. Porque — e o Presidente da República não o poderá esquecer — a confiança é um factor de estabilidade, a esperança na fidelidade aos ideais de Abril é factor de empenhamento e de entusiasmo.

As manifestações populares e militares de 25 de Abril, e a jornada nacional do 1.º de Maio, na sua diversidade mas na tendência dominante da afirmação, evidenciaram bem que o «povo civil» e o «povo fardado» não querem o «regresso» e estão dispostos a impedir a «desforra». Mas um «País novo», e é nisso que estamos empenhados, não poderá ser construído sem confiança política e moral nos seus dirigentes nacionais, sem relações claras entre o Governo e outros Órgãos de Soberania, sem cooperação das forças democráticas (e antifascistas), sem participação efectiva das forças do Trabalho e da Cultura.

A este «Portugal em mudança» não pode ser constantemente oferecida, por razões diferentes e a partir de iniciativas de vária origem, a perspectiva da ruptura política, do desentendimento político irremediável, da desestabilização sem recuperação possível.

Não exageremos. Mas é nosso dever dizer aos leitores, sem alarmismos, mas sem dourar amargas pílulas, que se deu um passo nesta latente «crise», que se caminha para tornar mais profunda e mais difícil a «crise».

CLARIFICAR A SITUAÇÃO

A comunicação da Presidência da República que surpreendeu a grande maioria dos membros do Secretariado Nacional do Partido Socialista não teria surpreendido Mário Soares? O secretário-geral do Partido Socialista na sua qualidade de Primeiro-Ministro, estaria no conhecimento da intenção presidencial? A «Presidência da República» teria dado conhecimento da decisão ao Governo ou a alguns membros do Governo?

Tudo importa esclarecer. Mário Soares não deixará de se explicar perante o Governo, perante o PS, perante a «opinião pública».

De qualquer modo, se o Governo, colectivamente, não aderir a esta decisão presidencial, a impressão de desencontro entre os sentimentos e concepções do Presidente da República e do Governo irá pesar no desenvolvimento da «crise». Para esta decisão presidencial, de resto, o aplauso do Governo (constitucionalmente desnecessário, bem o sabemos) viria aprofundar a «crise», imediatizá-la. Roubar a Mário Soares a ilusão doce da estabilidade (por falta de alternativa) até 1980.

Porque este Governo, se, colectivamente, se conformar com o regresso de Américo de Deus, servidor de Salazar, seu instrumento e seu cúmplice, perde a face perante o País como Governo democrático, antifascista, representativo, pela presença socialista de uma vontade popular maioritária. E, porque, os «socialistas» deste Governo perdem a face perante o seu «partido», as «bases partidárias», os «camaradas» anónimos mas prestantes que são o corpo político e a força eleitoral do PS, se não mostrarem que discordam do «regresso» e que não aceitam a «absolvição».

E não o esqueçamos também ... será difícil defender nos meios «centristas» este «regresso», esquecendo que Américo de Deus Rodrigues Tomás contribuiu para frustrar o «reformismo marcelista».

A situação criada exige um debate clarificador. Haverá que responder se houve, ou não «fascismo»; se o «fascismo» foi, ou não, um crime contra Portugal; se o «fascismo» teve, ou não, responsáveis; se Américo Tomás foi, ou não, responsável por «actos de Governo», por «actos de moralidade pública» por «crimes políticos».

Porque se o «fascismo não existiu», teremos que nos perguntar o que foi, e a que título ocorreu o «25 de Abril de 1974»?

Uma decisão inquietante, e gravemente inoportuna pela aparente oportunidade, vem desautorizar a Revolução de Abril. Um semanário falou já da infeliz «redacção da nota». Será apenas isso? Uma má redacção, apenas? Só, uma transigência inoportuna?

Brasileiros interessados na cultura portuguesa

Está a decorrer em Belo Horizonte uma Semana de Estudos Portugueses promovida pela Universidade de Minas Gerais e patrocinada pelo Consulado de Portugal. No decorrer desta semana será lançado um Centro de Estudos Portugueses.

Entre 22 e 26 deste mês decorrerá por outro lado em S. Luis do Maranhão a primeira Semana de Literatura Portuguesa, prevendo-se que Jacinto do Prado Coelho se desloque ao Brasil para participar no referido encontro.

Na sua recente estadia em Portugal, onde participou no Encontro de Estudos Pessoanos, o catedrático de Literatura Portuguesa no Brasil, Ludegário de Azevedo Filho, lembrou que é incompreensível que não se utilizasse mais a rede natural que constituem todos os professores de Literatura Portuguesa existentes nas universidades brasileiras, pois que eram os primeiros a estar altamente interessados em contribuir para o intercâmbio cultural entre os dois países.

Luís Torres nas Conservas de Peixe

O secretário de Estado das Pescas, dr. Vasco Neves, confere posse na próxima segunda-feira ao dr. Luís Torres nas funções de director do Instituto Português de Conservas de Peixe.

À cerimónia, que decorrerá no Gabinete do secretário de Estado, assistirá o dr. Luís Saias, ministro da Agricultura e Pescas.

Quantificação

Continuação da pág. 3

e ao carácter doloroso do fenómeno. Mas, preocupados em aparecerem como os melhores defensores do pleno emprego, os protagonistas da quantificação esquecem os seus próprios princípios. A «maioria» e o patronato conceberam e aplicaram um programa de ajuda à colocação profissional dos jovens que tem dado alguns resultados. Os sociais-democratas suecos empregaram métodos semelhantes para reduzirem artificialmente o desemprego dos jovens. Estamos longe da «verdade» da economia de mercado. Por seu turno os socialistas e comunistas reclamam mais empregos públicos. É difícil acreditar que todos eles se destinem a enfermeiras e assitentes sociais, dado que aqueles partidos preconizam um maior controlo e vigilância da economia. Nessa medida, as suas propostas levariam a um aumento do número de funcionários apesar de serem acompanhadas de protestos contra a estatização e a burocratização.

© Le Monde

RDP faz concurso de composições radiofónicas

De acordo com o Governo francês, a Radiodifusão Portuguesa organiza este ano um concurso de composições radiofónicas, de âmbito interno, com o objectivo de intensificar o intercâmbio cultural e a valorização dos seus profissionais.

Ao Prémio França poderão concorrer todos os trabalhadores da RDP com composições radiofónicas que deverão versar um dos seguintes temas:

a) Relações culturais e históricas entre Portugal e França;
b) Europa e Democracia.

Cada candidato poderá se quiser concorrer a todos os temas com um ou mais trabalhos. Estes, gravados em fita magnética, deverão ter a duração de 20 a 40 minutos e ser entregues até ao dia 29 de Setembro. O júri reunirá para os avaliar na segunda quinzena de Outubro.

Os primeiros prémios consistem em estágio de quinze dias na Rádio France, de acordo com o interesse profissional dos galardoados.

Abreu Faro na Academia

Na próxima quinta-feira, dia 18 de Maio, às 15 horas, reúne a classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa sob a presidência do prof. Toscano Rico.

Na ordem do dia, o prof. Abreu Faro apresentará uma comunicação intitulada «Propagação de ondas electromagnéticas em meios em movimento».

Detidos autores do crime da Reboleira

Já são conhecidas as circunstâncias em que foi assassinado anteontem na Reboleira o empregado de escritório Henrique Eduardo Felix de Figueiredo cujo cadáver foi encontrado, com 16 facadas distribuídas pelo tórax e pelo abdómen, por um amigo que o ia visitar. Os três individuos que foram vistos, como noticiámos, a sair da casa da vítima por uma janela traseira foram detidos ainda ontem e confessaram o crime. Trata-se de Tiago de Almeida de 17 anos e Rui Fernando Rodrigues, de 19 anos irmãos, naturais dos Açores, o primeiro empregado da indústria hoteleira e o segundo cicerone, e José Cruz Dias, de 21 anos, electricista, todos residentes nos Olivais Sul.

De acordo com informações obtidas esta manhã, os três jóvens tinham-se drogado nos Olivais e decidido proceder a uma «recolha de fundos» escolhendo, para esse fim, o Eduardo Figueiredo com quem mantinham relações e que se dedicava a práticas homossexuais. Em casa da vítima, e depois de terem tomado algumas bebidas que este lhes ofereceu, um deles retirou-se para o interior da casa a fim de se deitar com a vítima. Decorrido algum tempo, porém, levantou-se o problema do pagamento e não tendo o jovem concordado com a quantia oferecida pela vítima, chamou os amigos e incitou-os a que estes o esfaqueassem, enquanto o agarrava pelo pescoço. Os dois amigos não se fizeram rogados e rapando de uma faca de mato começaram a esfaquear o Figueiredo que se encontrava deitado e impossibilitado de se defender. O mais novo, que se encontrava na cama imobilisando a vítima, também participou activamente no crime.

NO BOM SENTIDO!

O 25 de Abril foi parar ao Museu

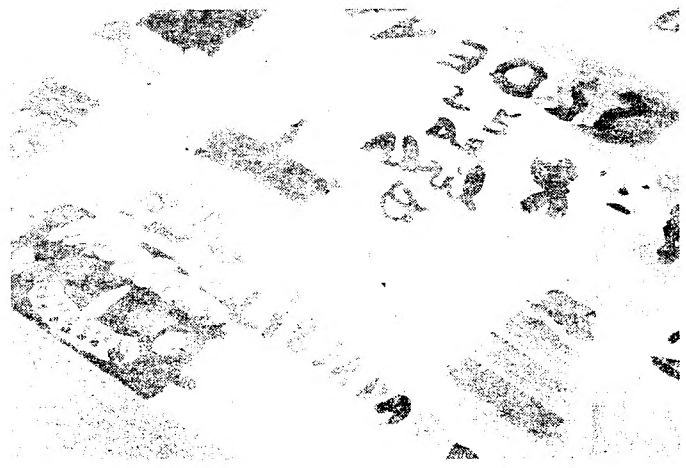
O 25 de Abril foi parar ao museu (no melhor sentido). Tratou-se de uma iniciativa do grupo «5 mais 1», que levou ao Museu de Évora uma exposição de pintura e escultura certamente um dos acontecimentos de maior relevo ultimamente levados a efeito naquela cidade.

No grupo «5 mais 1» integram-se os artistas plásticos João Hogair, Júlio Pereira, Teresa Magalhães, Guilherme Parente, Sérgio Pombo e o último «algarismo» do grupo, o escultor Virgílio Domingues.

O êxito da exposição foi marcado sobretudo pela presença de muitos jovens, manifestamente interessados nas formas de expressão plástica actuais, raramente acessíveis àqueles que não vivem nas grandes cidades. Paralelamente à exposição, foram realizadas outras iniciativas: trabalhos realizados com crianças das escolas e um concerto do maestro António Vitorino d'Almeida.

Independente e autónomo nas suas realizações, o «5 mais 1» tenciona organizar em Outubro uma grande exposição em Lisboa (Sociedade Nacional das Belas-Artes) com a participação de pintores austríacos. Em Novembro, abre-se caminho para a Itália: o grupo exporá no Instituto de Santo António dos Portugueses, em Roma.

Artes Plásticas: a «malta» de Évora diz como é.



De pequenino se torce o destino: 25 de Abril Dia da liberdade.

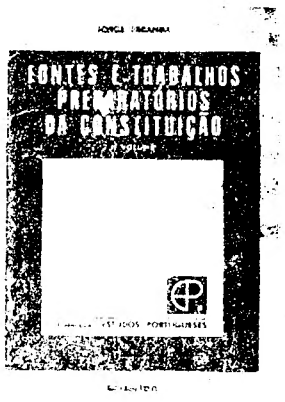
Prevenção Rodoviária analisa sinalização nocturna

A Prevenção Rodoviária Portuguesa vai organizar, de 16 a 19 do corrente, um encontro em que participarão especialistas de três dezenas de países membros da Prevenção Rodoviária Internacional, incidindo grande parte dos trabalhos sobre a questão da sinalização nocturna.

No decorrer do encontro será analisada uma proposta de origem polaca para a concretização de uma campanha visando a «reflectorização dos peões». No decorrer de uma conferência de Imprensa ontem realizada foi salientada a gravidade dos acidentes nocturnos, sendo o problema da «circulação nocturna e sinalização» debatido no colóquio que terá lugar nas tardes de 16 e 17 no auditório da FIL.

Uma «Exposição de Segurança Rodoviária», considerada a mais importante até hoje realizada, e em que participam 27 países membros da PRI, decorrerá na FIL de 16 de Maio a 10 de Junho. Um dos objectivos que se procura alcançar com a realização desta exposição é a sensibilização dos jovens escolares para o problema da segurança rodoviária. A mostra estará aberta ao público das 15 às 23 horas, englobando filmes, palestras e reuniões de trabalho a que os visitantes terão acesso.

FONTES E TRABALHOS PREPARATÓRIOS DA CONSTITUIÇÃO



Esta obra reúne os textos fundamentais relativos à elaboração da Constituição de 2 de Abril de 1976, revestidos, uns, de significado autónomo, documentando, outros, certos actos ou momentos mais decisivos do processo.

Em dois apêndices faz-se a colectânea das leis constitucionais publicadas de 25 de Abril de 1974 a 2 de Abril de 1976 e dos principais textos e projectos político-constitucionais entretanto também produzidos.

2 volumes — 1300 páginas

PREÇO — 700$00

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

AMORTECEDORES

Reparo e Reconstruo
todas as marcas,
com garantia
MENDES Tel. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE
dos amortecedores «J. M.»
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B
(A Benfica)

BANCO DE PORTUGAL

Direcção de Serviços de Emissão e Tesouraria

A fim de esclarecer eventuais dúvidas quanto ao sistema de datas e assinaturas apostas nas notas do Banco de Portugal, torna-se público o seguinte:

Começaram há dias a circular notas de 100$00, ch. 7, efígie «Camilo Castelo Branco», assinadas por membros do Conselho de Administração do Banco de Portugal, em exercício em Abril de 1977, embora com a mesma data (30 de Novembro de 1965) das que foram emitidas com as assinaturas de ex-membros do referido Conselho.

Tal como se informou a quando da emissão das notas de 20$00, ch.8, efígie «Garcia de Orta», o Banco de Portugal informa que:

de harmonia com o determinado no § 2º, do Artº 200º, do Regulamento Administrativo, do Banco, hoje substituído pelo Artº, 9º da Lei Orgânica, a data aposta nas notas corresponde à data da deliberação do ex-Conselho Geral, hoje Conselho de Administração, que autorizou a «criação» da respectiva «chapa»;

as assinaturas que figuram nas notas são as dos «membros do Conselho de Administração, em exercício à data da emissão geral», das mesmas como estabelece o nº2 do Artº 9º da Lei Orgânica do Banco.

Nesta conformidade, a data constante das notas, não é a data em que foram apostas as assinaturas nem com estas se relaciona, indicando tão-sòmente a data da «criação» das notas pelo Banco de Portugal, ou seja, o momento em que foi deliberado pelo Conselho de Administração (anteriormente Conselho Geral) proceder à preparação e manufactura de uma nova «chapa».

A ADMINISTRAÇÃO

COMUNICAÇÃO SOCIAL

PSD contra nomeação de gestores para "DN/Capital" e "Comércio do Porto"

A Comissão Permanente do Conselho Nacional do PSD, em comunicado que intitula «A escalada continua», acusa o Governo PS/CDS de ter consumado ontem a entrega do «Diário de Notícias» e «Capital» à superintendência do PS, e do «Comércio do Porto» ao CDS. Afirma o PSD que os componentes das novas administrações «na generalidade não dispõem de currículos que atestem, nem a competência profissional, nem as garantias de independência face ao Governo e ao pluralismo partidário».

E opina: «Num sector carecido de profunda reestruturação, em vez de se procurarem pessoas com qualificações adequadas e identificadas com os seus principais problemas o Governo opta por critérios políticos, sacrificando em definitivo a viabilização dessas empresas, já que nem sequer toma em consideração o ponto de vista dos trabalhadores, essencial para as tarefas de recuperação económica dessas empresas».

Na linguagem do comunicado do PSD, o PS evidencia «a má consciência de se opor às propostas democráticas do PSD do voto secreto», propondo «um voto de censura ao nosso partido, apoiado servilmente pelo CDS».

PCP: PROJECTO DA SECS COM DEFICIÊNCIAS

Reconhece o PCP, numa nota da secção de Informação e Propaganda do Comité Central, que o «Projecto de Bases Gerais da Política de Informação» da SECS representa «um relativo progresso em relação a anteriores concepções e propostas governamentais para o sector da Comunicação Social», considerando contudo que o referido projecto apresenta ainda «numerosas deficiências, lacunas, ambiguidades e incorrecções e que está por isso ainda longe de corresponder às exigências de uma informação ao serviço do povo português».

Segundo o PCP, prevaleceram ainda «concepções que não conseguem encarar a necessária reestruturação dos meios de Comunicação Social sem ser à custa de despedimentos».

O estabelecimento em relação ao sector nacionalizado e privado merece reticências do PCP, nomeadamente na «ausência de referências expressas a medidas de combate à Imprensa fascista, abertura a despedimentos colectivos, e não reconhecimento da intervenção organizada dos trabalhadores através dos Conselhos de Redacção e do exercício do controlo de gestão».

No que respeita às empresas intervencionadas, entende o PCP «ser prioritário definir com clareza a sua situação presente e futura e, em função de tal definição, estabelecer as formas adequadas e justas de apoio».

Acusa o PCP o projecto da SECS de insistir na «desumana e tecnocrática concepção da «existência de excedentes insusceptíveis de utilização na mesma ou noutras empresas», o que significa ainda o frio e premeditado lançamento de trabalhadores no desemprego».

TRABALHADORES, COMENTAM

A Comissão de Trabalhadores da Empresa Pública Notícias/Capital debruçou-se sobre o documento «Projecto de Bases Gerais da Política de Informação», da SECS, concluindo que se trata «quase de uma mera declaração de intenções» em relação ao sector, «ameaçando ainda o direito ao trabalho para muitos dos que dele vivem».

Acentua a análise da CT da Notícias/Capital ser importante «acentuar que o sector nacionalizado não pode ser prejudicado pelo sector privado, como se aponta».

JORNALISMO NOS AÇORES

O Governo Regional dos Açores, através da Direcção Regional da Comunicação Social, e com a colaboração do Instituto Universitário daquele arquipélago, promove de 18 a 20 do corrente mês um seminário de jornalismo destinado aos profissionais açorianos.

Os trabalhos, que decorrerão no Instituto Universitário, em Ponta Delgada, contam com a participação de 40 profissionais e serão orientados pelo dr. José Lechner, especialmente convidado para o efeito.

Dia da Unidade no RASP

PORTO, 13 O Regimento de Artilharia da Serra do Pilar mais conhecido por RASP, comemorou ontem o Dia da Unidade.

As cerimónias, realizadas no quartel de Gaia, presidiu o general Duarte Silva, comandante da Região Militar Norte.

FOGOS REAIS

Segundo anuncia o Estado-Maior do Exército vão realizar-se exercícios de fogos reais em várias regiões do País.

Assim, em Aguiar da Beira, estará em exercícios o Regimento de Infantaria de Viseu, no próximo dia 18 de Maio.

Por sua vez, o Regimento de Artilharia de Costa (R.A.C.), terá exercícios de fogos reais a 16 de Maio nas zonas de Outão e de Albarquel; no dia 18, a mesma unidade operará na Raposeira, em Alcabideche, na Parede, na Laje e na Raposa (Fonte da Telha).

Terceiro aniversário de "O Jornal" assinalado com dois números especiais

Com a publicação de dois números especiais (nesta semana e na próxima), «O Jornal iniciou uma série de iniciativas comemorativas do seu terceiro aniversário, que se prolongarão, ainda, por algumas semanas.

No número de ontem e no próximo publica «O Jornal» colaborações tão diversas e valiosas como um «poster» de João Abel Manta, reproduzido em duas páginas, os «Cadernos de um escritor», de Fernando Namora, textos inéditos de Camilo Castelo Branco (acompanhados de uma entrevista ao escritor Alexandre Cabral, artigos de Diogo Freitas do Amaral (evocando a sua primeira visita a Inglaterra, aos 15 anos), António Sousa Franco, Salgado Zenha (sobre o prof. Elísio de Moura, Miller Guerra (sobre o Serviço Nacional de Saúde), Álvaro Salema, José Augusto Seabra e Francisco Sarsfield Cabral, um desenho de Álvaro Cunhal, evocações de Bento de Jesus Caraça, por Mário Neves e A. Lobo Vilela, e de Vitorino Nemésio e a Coimbra dos anos 20, por Paulo Quintela, juntamente com um soneto inédito do próprio Nemésio, poemas de Sophia de Mello Breyner, Mário Dionísio e José Carlos de Vasconcelos, um conto de Luís de Sttau Monteiro, crónicas de José Gomes Ferreira e Dinis Machado e dos nossos já habituais colaboradores Eduardo Prado Coelho, Augusto Abelaira, Rémy Freire, Beja Santos, Maria Judite de Carvalho, Velna de Carvalho, etc. —, tudo isto além de reportagens e crónicas de todos os elementos do corpo redactorial de «O Jornal».

SAÚDE

Arnaut recebeu delegação do PCP

O ministro dos Assuntos Sociais, dr. António Arnaut recebeu, ontem à tarde uma delegação do PCP, com a qual trocou impressões sobre o Serviço Nacional de Saúde. Os delegados do PCP expressaram ao ministro a sua perspectiva sobre o SNS, contribuição do partido para a discussão pública do projecto daquele Serviço.

António Arnaut visitou, ontem também, acompanhado do Governador Civil de Lisboa, o Hospital do Pousal, pertencente à Junta Distrital e destinado ao internamento de doentes de difícil recuperação. Esta unidade hospitalar, actualmente com uma capacidade de apenas 70 camas, está a sofrer importantes obras de ampliação subsidiadas pelo MAS. Pretende alargar-se a sua capacidade para 170 camas.

Esta manhã o ministro presidiu à sessão inaugural do colóquio internacional sobre o Serviço Nacional de Saúde, organizado pela secção regional do Sul da Ordem dos Médicos.

CGTP-IN DISCUTE SNS

O Conselho Geral da CGTP-IN vai reunir no próximo dia 16, a partir das 10 horas, para discussão e análise de toda a problemática que se prende com a montagem do Serviço Nacional de Saúde. Da ordem de trabalhos consta nomeadamente a «apreciação e parecer do Conselho Geral da posição política do movimento sindical unitário face a uma política de saúde para os trabalhadores portugueses».

O comunicado da CGTP sobre o assunto termina: «Dado que o Serviço Nacional de Saúde constitui condição essencial para uma melhoria das condições de vida dos trabalhadores portugueses, que importará aperfeiçoar permanentemente, o movimento sindical unitário continuará, mesmo para além do prazo previsto para a discussão do anteprojecto, a discutir e aprofundar toda a problemática que se prende com o SNS».

Direcção de Saúde lembra vacina anti-sarampo

Os adultos que não foram vacinados na infância contra o sarampo sofrem as complicações mais frequentes e mais graves desta doença relembra a Direcção-Geral de Saúde, a propósito da necessidade de se vacinarem as crianças.

O sarampo, e sobretudo as suas complicações (encefalites, pneumonias, etc.) causavam entre nós uma média anual de 250 óbitos. Após o início da vacinação, aquela média de óbitos desceu para 96 no triénio 1973-1975, graças à atitude compreensiva dos pais que entenderam perfeitamente os benefícios resultantes da vacinação dos seus filhos contra o sarampo. Assim, já foram vacinadas cerca de 600.000 crianças.

Porém, se na maioria dos distritos se tem verificado uma afluência satisfatória de crianças à vacinação, noutros o mesmo não sucedeu, donde resultou o aparecimento, no Inverno passado, em algumas regiões, de surtos epidémicos de uma certa gravidade, que ocasionaram a hospitalização de muitas crianças e a morte de algumas.

A situação epidemiológica do sarampo no nosso país é agora diferente, graças à vacinação. O sarampo deixou de ser entre nós, tal como em outros países onde campanhas idênticas foram levadas a cabo já há alguns anos, uma doença que atingia quase todas as crianças, antes dos 10 anos de idade.

Porém para que esta situação se mantenha e a cobertura vacinal melhore, é necessário que as crianças que vão nascendo sejam vacinadas contra o sarampo, quando completarem um ano de idade.

A DGS lembra que os sinais e sintomas da doença são mais acentuados e as complicações mais frequentes e graves, quando o sarampo atinge os adolescentes e adultos susceptíveis, que não foram devidamente vacinados na infância.

Assim, aquela Direcção solicita a atenção de todos os pais para a responsabilidade que assumem, não só em relação aos seus filhos, como também à população em geral, se não os vacinarem contra o sarampo, visto que a não eliminação dos susceptíveis por meio da vacina favorece a disseminação da doença no caso desta ser introduzida na comunidade.

Durante o mês de Maio está à disposição da população vacina contra o sarampo, em todos os postos de vacinação dos serviços de saúde dos distritos do continente e regiões autónomas dos Açores e da Madeira. Esta campanha destina-se às crianças com 12 ou mais meses de idade e menos de 6 anos que ainda não tiveram o sarampo ou que não foram vacinadas.

A vacinação completa contra o sarampo obtém-se com a administração de apenas uma dose de vacina.

Dia da Mãe 1978

Uma incomparável oferta de amor para o dia da mãe

Uma medalha e fio de prata fina 999‰ ou de ouro puro sobre prata sterling (vermeil)

Rigorosa data limite da subscrição: até às 24 horas do dia 22 de Maio de 1978

Estamos a poucas semanas do DIA DA MÃE. Neste dia privilegiado, todos gostamos de demonstrar o amor que por ela sentimos!

Este ano, Colecções Portuguesas convida-o a celebrar este dia especial com uma oferta preciosa e tão duradoura como o próprio amor, do qual é símbolo:

A Medalha do Dia da Mãe 1978!

Feita de prata fina 999‰ ou de ouro puro sobre prata sterling (vermeil), mais do que uma jóia ela é uma tradição clássica. Fabricada em exclusivo por um autêntico artista, esta medalha de tiragem limitada representa actualmente uma obra rara de joalharia, cunhada peça por peça.

A medalha representa uma ave com os seus filhotes, símbolo emotivo da ternura do amor maternal.

Cada medalha será individualmente cunhada em qualidade «Epreuve».

Nessa qualidade, o desenho aparece ligeiramente matizado sobre um fundo limpido e brilhante como um espelho! A medalha irá acompanhada de um fio com 55 cms de comprimento da mesma qualidade.

Esta oferta limitar-se-á ao número exacto de pedidos enviados até à meia-noite do dia 22 de Maio de 1978 (o carimbo dos correios confirmará a data do envio).

O preço de cada medalha é de Esc: 1200$00 para a medalha de prata com o fio em prata massiça.
Esc: 1900$00 para a medalha de vermeil com o seu fio também em vermeil.

Só poderá ser adquirida uma medalha por cada subscritor.
Tamanho único: 24 mm; fio: 55 cms de comprimento.

TÍTULO PESSOAL DE RESERVA DE SUBSCRIÇÃO

O cupão só é válido se for enviado até às 24.00 horas do dia 22 de Maio de 1978

A remeter para PHILAE LDA.-C. P.-Apartado 3116, Lisboa-3

Agradeço que tomem nota da minha subscrição para a medalha do Dia da Mãe 1978 com 24 mm de diâmetro e do seu fio com 55 cms de comprimento.

Receberei a minha medalha o mais tardar até ao dia 26 de Maio, caso o cupão tenha sido enviado antes da meia-noite do dia 19 de Maio (confirmação através do carimbo dos Correios), de modo a poder oferecê-la no DIA DA MÃE, 28 de Maio de 1978.

Se o cupão for enviado depois do dia 19 de Maio, receberei a minha medalha depois do dia 28 de Maio de 1978.

Não envio dinheiro agora. Liquidarei a minha encomenda quando me for entregue.

Desejo receber a minha medalha e fio em (Ponha um X):
☐ Prata fina 999‰ ao preço de Esc: 1200$00
☐ Ouro puro 24 qts sobre prata sterling (vermeil) ao preço de Esc: 1900$00

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Tel. casa _____

Profissão _____ Tel. escritório _____

Assinatura _____

Limite: Uma só medalha por subscritor
Válido para o Continente e Ilhas

COMPANHIA PORTUGUESA DE RESSEGUROS "EQUIDADE"

RELATÓRIO E CONTAS DO EXERCÍCIO DE 1977

Concluído mais um exercício desta Companhia — 36.º — apresentamos como nos compete, o respectivo Relatório e Contas.

A Companhia Portuguesa de Resseguros Equidade continuou a desenvolver a sua actividade no mercado Segurador exclusivamente na base dos negócios cedidos pela Companhia de Seguros Ultramarina, uma vez que ainda não foi concretizada a política já definida pelo Instituto Nacional de Seguros sobre o mercado Português de Resseguro.

A sua carteira de prémios situou-se em Esc. 42.406.277$90, menos 2,2 por cento do que no ano anterior mercê duma modificação nas cedências por parte da Ultramarina em relação aos seguros do Ramo Incêndio.

Por consequência, as Comissões cedidas diminuiram também em Esc. 1.973.086$00, seja menos 12,6 por cento do que em 1976.

Porque a sua Ressegurada, Companhia de Seguros Ultramarina, teve, na generalidade, uma sinistralidade ocasionalmente pesada, as Indemnizações cifraram-se em Esc. 33.256.767$60, representando um acréscimo percentual de 19,38 por cento, continuando a ter forte influência os efeitos altamente desequilibrantes do Ramo Automóveis determinando, consequentemente, a revisão do contrato para o ano de 1978.

Do aumento das Reservas consequentes destes factos resulta que a Conta de Devedores por Valores em Depósito apresente um agravamento de Esc. 11.576.826$10.

Os Rendimentos de Valores Livres aumentaram 76,08 por cento, montando a Esc. 3.210.715$80 e as Receitas Diversas apresentam um valor activo de Esc. 2.409.595$00 resultante da anulação da Provisão para Prejuízos Previsíveis constituída em 1975, muito contribuindo para amenizar o prejuízo da exploração.

Assim, os prejuízos deste Exercício, pesadamente gravosos face ao exposto, fixaram-se em Esc. 2.520.565$90. Do saldo positivo transitado de Exercícios Anteriores, Esc. 7.384.478$70, foram pagos, por determinação superior, Esc. 1.017.169$50 aos ex-Directores e membros do Conselho Fiscal correspondente às suas participações estatutárias respeitantes ao ano de 1974.

Por isso, o saldo da Conta de Ganhos e Perdas em 31 de Dezembro de 1977, situou-se em Esc. 3.846.743$30.

Lisboa, 27-3-77

O CONSELHO DE GESTÃO

Luís Celestino Monteiro da Silva
António Ferreira Gomes de Pinho
Dr. José Carlos Carvalho Simões
José Lopes da Água
Vasco Ângelo Cardoso de Abreu

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1977

ACTIVO		
RESERVA DE GARANTIA		
De resseguros cedidos	-$-	44.222$00
RESERVA DE SEGUROS VENCIDOS		
De resseguros cedidos	-$-	
VALORES EM DEPÓSITO		
De vários	960.000$00	
De resseguradores	-$-	960.000$00
DEVEDORES POR VALORES EM DEPÓSITO	-$-	
Vários		
Resseguros	57.024.889$30	57.024.889$30
IMÓVEIS		47.811.504$00
MOBILIÁRIO E MATERIAL	45.528$00	
AMORTIZAÇÕES DE MOBILIÁRIO E MATERIAL	— 13.154$80	32.373$20
EMPRÉSTIMOS HIPOTECÁRIOS		
EMPRÉSTIMOS SOBRE TÍTULOS		
ACCIONISTAS		
DEVEDORES GERAIS		
Resseguros	116.945$00	
Resseguradores		
Outros	120.235$30	237.180$30
QUOTAS-PARTES DE INDEMNIZAÇÕES A RECEBER		4.191$50
LETRAS A RECEBER		
TÍTULOS DE CRÉDITO	28.511.394$90	
DEPÓSITOS EM BANCOS	4.792.894$70	
CAIXA *	1.035.832$60	34.340.122$20
SITUAÇÃO LÍQUIDA PASSIVA		
FLUTUAÇÃO DE VALORES		
De títulos		4.973.742$10
		145.428.224$60

* Numerário e ouro-moeda.

PASSIVO		
RESERVA DE GARANTIA		
De resseguros aceites		12.475.572$00
RESERVA DE SEGUROS VENCIDOS		
De resseguros aceites		39.278.118$20
CREDORES POR VALORES EM DEPÓSITO		
Vários	960.000$00	
Resseguradores	$	960.000$00
CREDORES GERAIS		
Ressegurados	42.447.450$10	
Resseguradores	41.811$60	
Outros	412.348$90	42.901.610$60
INDEMNIZAÇÕES A PAGAR		
De resseguros aceites		5.289.806$70
PROVISÕES DIVERSAS		325.000$00
SITUAÇÃO LÍQUIDA ACTIVA		
CAPITAL	3.000.000$00	
FUNDO DE RESERVA LEGAL	700.000$00	
FUNDOS DE RESERVA LIVRES	30.000.000$00	
FLUTUAÇÃO DE VALORES		
De imóveis	5.811.406$00	
De câmbios	839.967$80	
GANHOS E PERDAS		
De exercícios anteriores	6.367.309$20	
Do exercício	— 2.520.565$90	44.198.117$10
		145.428.224$60

CONTA DE GANHOS E PERDAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1977

DÉBITO	ACIDENTES PESSOAIS	FOGO	AGRÍCOLA	AUTOMÓVEIS	MARÍTIMO	TRANSPORTES TERRESTRES	AÉREO	DIVERSOS	CONTAS GERAIS	SUB-TOTAIS	TOTAIS
RESERVA DE GARANTIA											
De resseguros aceites	99.396$00	57.516$00	$	1.609.033$00	52.315$00	10.491$00	3.287$00	90.767$00	-$-	1.923.411$00	
De resseguros cedidos	-$-	8.885$00	$	-$-	438$00	$	-$-	11.457$00	-$-	9.457$00	1.932.868$00
AMORTIZAÇÕES	$	$	$	$	-$-	-$-	$	-$-	4.613$40		4.613$40
COMISSÕES											
De resseguros aceites	288.477$70	155.401$00	905.271$10	9.859.348$30	1.726.076$60	150.850$80	45.858$60	523.600$00	$	13.655.305$60	
Despesas de aquisição	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	13.655.305$60
INDEMNIZAÇÕES											
De resseguros aceites	317.058$70	166.440$90	947.367$10	28.482.478$20	2.679.503$00	143.802$00	34.639$20	490.456$90	$		33.256.767$60
ENCARGOS DE RESSEGUROS CEDIDOS											
Prémios	$	131.379$20	$	-$-	$	-$-	$	1.392$00	-$-	132.771$20	132.771$20
Juros	$	$	$	-$-	$	-$-	$	-$-	-$-		
DESPESAS GERAIS									-$-		
Órgãos Sociais	-$-	-$-	-$-	-$-	$	-$-	$	-$-	501.623$40	501.623$40	
Pessoal	-$-	-$-	$	$	$	$	$	-$-			
Publicidade	-$-	-$-	$	$	$	$	$	-$-	71.293$30	71.293$30	
Outras despesas de administração	-$-	-$-	$	$	$	$	$	-$-	1.057.816$10	1.057.816$10	
Encargos Fiscais	-$-	-$-	$	$	$	$	$	-$-	89.337$50	89.337$50	1.720.070$30
Encargos parafiscais	-$-	-$-	-	-	-	-	-	-$-	-$-		-$-
ENCARGOS DIVERSOS	-$-	-$-	$	$	$	$	$	-$-	3.846.743$30		3.846.743$30
SALDO DE EXERCÍCIOS ANTERIORES	-$-	-$-	$	$	$	$	$	$	5.571.427$00		54.549.139$40
CRÉDITO	704.934$40	519.631$10	1.847.989$40	39.951.459$50	4.458.336$60	305.153$80	83.784$80	1.106.423$20			
SALDO DE 1976	$	$	$	$	$	$	-$-	-$-	6.367.309$20		6.367.309$20
RESERVA DE GARANTIA											
De resseguros aceites	-$-	$	7.542$00	$	$	$	-$-	56.980$00	-$-	64.522$00	
De resseguros cedidos	-$-	$	$	$	$	$	-$-	956$00	-$-	956$00	64.617$00
PRÉMIOS E SEUS ADICIONAIS											
De resseguros aceites	745.266$60	320.127$00	1.914.116$80	32.864.493$30	5.002.985$50	431.030$40	131.024$10	997.232$90	$		42.406.277$90
RECEITA DE RESSEGUROS CEDIDOS											
Comissões	-$-	85.905$50	-$-	-$-	$	-$-	-$-	643$90		87.556$40	
Indemnizações	-$-	3.085$10	$	$	$	$	$	$	-$-	3.085$10	90.624$50
RENDIMENTOS	-$-	-$-	-$-	$	$	-$-	$	-$-	-$-	$	
Das reservas de resseguros aceites	-$-	-$-	-$-	-$-	$	-$-	$	$	3.210.715$80	3.210.715$80	
De valores livres											3.210.715$80
RECEITAS DIVERSAS	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	$	$	-$-	-$-	$	
Cargos em outras sociedades	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	$	$	-$-	2.409.595$00	2.409.595$00	2.409.595$00
Outras											
	745.266$60	410.101$60	1.921.658$80	32.864.493$30	5.002.985$80	431.030$40	131.024$10	1.054.957$80	111.987.620$00		54.549.139$40

Lisboa, 31 de Dezembro de 1977
O Técnico de Contas
Álvaro Alfaro

O Conselho de Gestão
Luís Celestino Monteiro da Silva
António Ferreira Gomes de Pinho
Dr. José Carlos Carvalho Simões
José Lopes da Água
Vasco Ângelo Cardoso de Abreu

INVENTÁRIO DAS PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS E OUTRAS APLICAÇÕES EM VALORES MOBILIÁRIOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1977

DESIGNAÇÃO	QUANTIDADES	VALOR NOMINAL	PREÇO MÉDIO DE COMPRA	COTAÇÃO EM BOLSA	VALOR DE BALANÇO UNITÁRIO	VALOR DE BALANÇO TOTAL	VALOR TOTAL DE AQUISIÇÃO	DIFERENÇAS FLUTUAÇÃO DE VALORES
1 PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS		-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-
1.1 Quotas		-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-
1.2 Acções		-$-	-$-	-$-	-$-	$-	-$-	-$-
2 OUTRAS PARTICIPAÇÕES								
2.1 Títulos nacionais:								
2.1.1 Títulos de dívida pública e obrigações com garantia do Estado:								
Tesouro 15,5 % 1975	2 000	500$00	500$00	$	480$00	960 000$00	1 000 000$00	— 40 000$00
Tesouro 15,5 % 1976	6 000	1 000$00	1 000$00	$	870$00	5 220 000$00	6 000 000$00	— 780 000$00
Tesouro 6 % 1976 Ouro	1 200	5000$00	500$00	$	620$00	744 000$00	600 000$00	+ 144 000$00
Tesouro 18 % 1977 FIPS Classe A	2 000	1 000$00	1 000$00	$	1 000$00	2 000 000$00	2 000 000$00	$
2.1.2 Outras obrigações:								
Hidro Eléctrica do Cávado 5 %	215	1 000$00	999$10	$	640$00	137 600$00	214 811$10	— 77 211$10
Nitratos de Portugal 5 %	69	1 000$00	1 002$60	$	605$00	41 745$00	69 184$80	— 27 439$80
2.1.3 acções:								
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa	45	1 000$00	3 113$30	$	4 850$00	218 250$00	140 100$00	+ 78 150$00
Companhia do Boror	20	200$00	498$70	$	153$00	3 060$00	9 975$00	— 6 915$00
Companhia do Boror Comercial	20	30$00	51$90	$	76$00	1 520$00	1 038$80	+ 481$20
Companhia de Seguros Aliança Madeirense	92	100$00	294$20	$	350$00	32 200$00	27 053$20	+ 5 146$80
Companhia de Seguros Comércio e Indústria	320	500$00	21 706$30	$	9 100$00	2 912 000$00	6 946 000$00	— 4 034 000$00
Companhia de Seguros Garantia Funchalense	160	150$00	168$50	$	168$50	26 955$00	26 955$00	$
Companhia de Seguros Nauticus	2 297	100$00	200$80	$	200$80	461 245$90	461 245$90	$
Companhia de Seguros Portugal Previdente	3	1 000$00	3 000$00	$	3 000$00	9 000$00	9 000$00	$
Companhia de Seguros Ultramarina	2 060	2 000$00	7 604$00	$	7 500$00	15 450 000$00	15 664 273$20	— 214 273$20
Crédito Predial Português	33	500$00	3 500$00	$	2 843$00	93 819$00	115 500$00	— 21 681$00
Sociedade Agrícola do Lucala	200	1 000$00	1 000$00	$	1 000$00	200 000$00	200 000$00	$
SOMA	16 734					28 511 394$90	33 185 137$00	4 973 742$10
2.2 Títulos estrangeiros:								
2.2.1 Bilhetes do Tesouro e outras obrigações emitidas por Estados Estrangeiros:		$	$	$-	-$-	$	$	$
2.2.2 Outras obrigações:		$	$	-$-	-$-	$	-$-	$
2.2.3 Acções:		$	$	-$-	-$-	$	-$-	$
SOMA		$-	$	$-	-$-	-$-	$	$
2.3 TOTAL	16 734					28 511 394$90	33 485 137$00	4 973 742$10
3. TOTAL GERAL	16 734					28 511 394$90	33 485 137$00	4 973 742$10

VASCO LOURENÇO AO "DN"

"Ficou demonstrada a impossibilidade de qualquer pronunciamento militar"

. «Considero extraordinariamente importantes as comemorações levadas a efeito por militares no 25 de Abril último. Aí ficou demonstrada a impossibilidade de qualquer pronunciamento militar contra as instituições democráticas vigentes» — afirmou ao «Diário de Notícias», numa entrevista hoje publicada, o major Vasco Lourenço.

No longo texto, onde se aborda a conspiração permanente da direita e do fascismo dentro das Forças Armadas, a pretexto da reposição da hierarquia, aquele conselheiro da Revolução toma posição sobre numerosos aspectos da actual situação político-militar e sobre a sua possível evolução. Recorda, por exemplo, que o capitão Santos Costa, homem de mão de Salazar, dominava todo o Exército («será bom não esquecer que o dominou sempre, desde capitão até general»), e pergunta: «Que é a hierarquia? Não estaria a cadeia hierárquica perfeitamente definida com a minha estadia no Comando da Região Militar de Lisboa e com a de Rocha Vieira na chefia do Estado-Maior do Exército? Ou será que esteve melhor quando o então capitão Santos Costa dominava todo o Exército?»

«O argumento só foi utilizado pelas forças de direita» — prossegue Vasco Lourenço — «para combater os militares graduados que politicamente lhes não agradavam. Quando lhes agradam, o argumento já não serve, como, aliás, em muitos outros assuntos». Nessa medida, afirma, a reposição da hierarquia, «nos termos em que tem sido explorada», poderá significar um ataque ao 25 de Abril.

As opiniões de um «capitão de Abril»

«O próximo alvo será o Presidente da República» — diz noutro passo Vasco Lourenço. E explica: «Retirar ao Presidente da República o cargo de chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas é indispensável para quem deseje atingir o Poder por meios não democráticos. Era necessário, pois, retirar-lhe as anteparas que, como oficiais graduados, constituíam o CEME e o GML. Isto sem pretender, de modo algum, atingir os seus substitutos, pessoas e militares por quem tenho o maior respeito e consideração».

A intriga que levou ao conflito com Rocha Vieira é também largamente abordada na entrevista. Referindo-se à recusa do Conselho da Arma em propô-lo para major, Vasco Lourenço coloca assim a questão: «Como justificar a atitude de três membros do Conselho da Arma ao declararem não conhecer o capitão Vasco Lourenço e, portanto, não se poderem pronunciar sobre ele? Onde teriam vivido esses três oficiais nos últimos anos? E como aceitar que o CEME possa sancionar a ultrapassagem na promoção de um capitão graduado em general que, por proposta sua, é governador militar de Lisboa e comandante da Região Militar, sem que antes imponha fim a essa situação?».

Sobre a polémica levantada quanto ao «Documento Charais», Vasco Lourenço afirma «que é mais uma das tentativas desesperadas para fazer pressões sobre o Conselho da Revolução». «O que se visa é tentar imobilizar o CR e colocar contra ele a maioria dos militares». E, mais adiante: «Lembrarei, a propósito, que é da exclusiva competência do CR legislar sobre a organização e o funcionamento das Forças Armadas. Portanto, terá que ser ele a fazer essa legislação».

A respeito do CR, diz ainda Vasco Lourenço: «Sou de opinião que a solução encontrada pelos constituintes de 1975 foi extraordinariamente feliz, evitando, por exemplo, o que se passou em 1910: a discussão política não foi levada para os quartéis; mas agora ela verifica-se num órgão político-militar, onde se encontram os principais chefes militares».

Segundo Vasco Lourenço, a manter-se o perigo actual do golpe e da conspiração, dentro das Forças Armadas, ameaçando as instituições democráticas, o povo português deverá encontrar, quando da revisão constitucional, uma fórmula semelhante, que defenda a ordem democrática de tais ameaças.

Ramalho Eanes na Cova da Beira

FUNDÃO, 13 (do nosso enviado especial Daniel Reis) — A zona abrangida pelo Plano da Rega da Cova da Beira foi esta manhã visitada pelo Presidente da República que se deslocou ao local onde vão ser implantadas as barragens da Meimoa e Capinha, as duas principais infra-estruturas hidráulicas que beneficiarão 20 mil pequenas explorações agrícolas em 30 freguesias dos concelhos do Fundão, Covilhão, Penamacor, Belmonte, Guarda e Sabugal.

O Fundão é o concelho mais beneficiado pois o regadio vai abranger 13 das suas freguesias.

Os acessos às barragens da Capinha e da Meimoa já se iniciaram e, segundo uma nota distribuída pela Presidência da República aos jornalistas, a primeira fase de aproveitamento do regadio abrange 14.500 hectares. A adjudicação e o início das obras propriamente ditas estão programados para o terceiro trimestre deste ano.

Até final de 78, devem ser ali gastos mais de 100 mil contos. O investimento previsto para a primeira fase do Plano da Rega é de dois milhões e 160 mil contos a investir durante cinco anos.

A maior parte do financiamento externo deverá provir da Alemanha Federal, como confirmou ontem o Presidente da República ao aludir às diligências bem sucedidas a que procedeu nesse sentido durante a sua visita à capital da RFA. Foram já colocados à disposição do Governo português 70 milhões de marcos.

Acompanham o general Eanes, neste seu segundo e último dia de trabalho na Beira Baixa, os secretários de Estado de Fomento Agrário, Vaz Portugal, das Obras Públicas, João Porto, e do Planeamento, José Manuel Serrão, além do conselheiro da Revolução, Vasco Lourenço, do governador civil de Castelo Branco, Elias Garcia e dos presidentes das câmaras municipais abrangidas pelo Plano da Rega.

Prevê-se que o general Ramalho Eanes siga, a meio da tarde, para a Lousa, terra natal de Vasco Lourenço, onde ambos devem almoçar à hora a que a nossa jornal começa a circular em Lisboa.

Contestação ao regresso de Tomás

. Para a União de Esquerda para a Democracia Socialista o regresso de Américo Tomás constitui uma «provocação e ofensa ao povo português». O Secretariado Nacional da UEDS considera que o regresso de Américo Tomás» não poderá, também, ser desligado das cedências permanentes ao patronato e à direita consubstanciadas na política económica do I Governo Constitucional e do II Governo de Coligação PS/CDS, da repressão que cada dia mais se abate nas empresas e nos locais de trabalho sobre os trabalhadores portugueses».

A Frente Socialista Popular (FSP), depois de também considerar que a autorização de regresso a Portugal, dada a Américo Tomás, é uma afronta ao povo português, classifica o ex-almirante como tendo sido «um dos mais altos chefes dum regime de criminosos que durante 50 anos assolou o nosso país».

Por seu turno, o Movimento de Esquerda Socialista (MES) qualifica tal decisão como «um escândalo nacional» e uma «afronta a todo o povo português, a todos os trabalhadores e amantes da paz». O MES entende que a autorização «só poderá contribuir para que a escalada fascista em curso no nosso país se torne mais arrogante».

Para o Partido Revolucionário do Proletariado (PRP) a possibilidade de regresso a Portugal de Américo Tomás e o descongelamento das suas contas bancárias revelam «o domínio de um poder político-militar fascizante em Portugal e o seu completo desprezo pela vontade dos trabalhadores e antifascistas», e representa o «grau de vergonha a que chegaram os que tomam, justificam ou aceitam medidas deste tipo».

GOVERNO FOI INFORMADO COM ANTECEDÊNCIA?

Entretanto, parece que nem tudo é cristalino neste caso. Segundo «o Expresso» de hoje, que se mostra surpreendido com os clamores do PS perante a decisão da Presidência da República, o Governo da coligação socialista/centrista teria sido informado com três dias de antecedência em relação à data da publicação da nota de Belém, que cria as condições para o regresso de Américo Tomás, não tendo manifestado opinião contrária.

Convém, no entanto, recordar que Mário Soares, quando visitou oficialmente o Brasil, em 1976, declarou que tanto Américo Tomás como Marcelo Caetano, poderiam regressar a Portugal, mas teriam de responder em tribunal, por actos praticados durante o regime fascista deposto em 25 de Abril de 1974.

O ex-almirante com Santos Costa: entendiam-se bem

Mário Soares encontra-se actualmente em Dakar, no Senegal, numa reunião da Internacional Socialista, dando-se como provável que o Secretariado Nacional do PS aguardasse a chegada a Lisboa do Chefe do Governo para divulgar a sua posição.

Contudo, contactado esta manhã pela nossa Redacção, Manuel Alegre, afirmou ao «DL», que o comunicado já estava redigido e aprovado, pronto para divulgação nas próximas horas.

Caso Andrade da Silva vai ser analisado pelo STM

O Supremo Tribunal Militar indeferiu o pedido de «habeas corpus» apresentado no passado dia 3 pelo capitão Andrade da Silva, baseando-se para isso numa disposição do Código do Processo Penal que não permite a sua concessão nos casos em que a decisão judicial é passível de recurso.

O STM prometeu analisar, com a máxima brevidade possível, a «legalidade ou ilegalidade da prisão preventiva do capitão Andrade da Silva», detido na Casa de Reclusão da Trafaria há cerca de um ano. Da decisão que mantém na situação de prisão preventiva o capitão Andrade da Silva foi já apresentado recurso pela defesa do militar, a cargo dos drs. Goucha Soares e Xencora Camotim.

Brasília, S. Paulo e Rio na agenda do Presidente

O Presidente da República visitará Brasília, São Paulo e o Rio de Janeiro, durante a sua visita oficial ao Brasil, a iniciar no próximo dia 21 de Maio.

Em Brasília, o Presidente da República trocará presentes e condecorações com o general Ernesto Geisel, receberá o corpo diplomático, inaugurará uma exposição de tapeçarias portuguesas e será obsequiado com um jantar pelo presidente brasileiro.

No dia seguinte, o Chefe do Estado preside à inauguração do edifício da nova chancelaria e Embaixada Portuguesa em Brasília, encontrando-se depois com a comunidade portuguesa. De seguida, visitará o Congresso brasileiro e o Supremo Tribunal Federal, e terá uma sessão de conversações com o general Geisel.

À noite o Presidente da República e a mulher oferecem um banquete às autoridades brasileiras.

Para quarta-feira, 24 de Maio, a comunidade portuguesa de S. Paulo oferece um almoço ao Presidente da República, que será também convidado num jantar, oferecido pelo governador do Estado.

Os dois últimos dias da estadia do Chefe do Estado no Brasil decorrerão no Rio de Janeiro, em contactos com a comunidade portuguesa radicada nesta cidade e com as autoridades locais.

Parlamentares europeus

A Comissão para as Questões Jurídicas do Conselho da Europa vai reunir a partir de 17 de Maio no Porto.

À primeira sessão, que se realiza na Fundação Eng. António de Almeida, estará presente o Ministro da Justiça, Joseó dos Sanais Pais.

Assistem à reunião trinta parlamentares do Luxemburgo, França, Noruega, Turquia, RFA, Áustria, Itália, Grécia, Portugal, Reino Unido, Malta, Irlanda, Islândia, Bélgica, Espanha Suécia, Suíça, Dinamarca e Países Baixos.

Tarda Lei Orgânica do MP

Termina na segunda-feira o prazo concedido pelos magistrados do Ministério Público para a aprovação da respectiva lei orgânica, que se encontra pendente na Assembleia da República.

Num comunicado distribuído à Imprensa, o Sindicato dos Magistrados do Ministério Público informa que tem diligenciado junto dos órgãos competentes, e que se encontra atento ao mandato da classe, que lhe foi conferido no plenário realizado em Coimbra em 8 de Abril, «para adoptar as formas de luta que julgar convenientes» no caso do prazo não ser respeitado.

Aparentemente por coincidência, um grupo de magistrados marcou para segunda-feira um encontro-almoço de homenagem ao procurador-geral da República, «que se diz pretender ser de apoio aos seus esforços em defesa da autonomia e dignificação do Ministério Público». Sem pôr em dúvida tais objectivos, o sindicato lamenta a forma como o encontro foi organizado e a escolha daquele dia, «que poderia levantar dúbias interpretações quanto às lutas que a classe trava pelo seu estatuto».

Subscrevendo inteiramente os princípios da defesa da autonomia do MP e dignificação da função, o sindicato estará representado no encontro, «exclusivamente para reafirmar e defender as posições pelas quais tem lutado, não se recusando a apoiar os esforços do senhor procurador-geral enquanto convergentes com os do sindicato».

Aspecto parcial dos trabalhos, durante a sessão de abertura desta manhã: Manuel Lopes esclarece os objectivos do Encontro

DESDE HOJE

Juristas sindicais em Encontro Nacional

Está a decorrer em Lisboa o primeiro Encontro Nacional sobre Direito do Trabalho e Perspectivas da Actividade Jurídica do Movimento Sindical, no qual participam algumas centenas de juristas e funcionários sindicais ligados a questões de contencioso e contratação colectiva, provenientes de todo o País.

O encontro encerra os seus trabalhos amanhã à tarde, após a aprovação das conclusões sobre as diversas matérias constantes da ordem de trabalhos, que abarca vasta problemática jurídica com maior relevância no campo laboral.

Falando esta manhã na sessão de abertura, em representação do secretariado da CGTP-IN, entidade promotora da iniciativa, Manuel Lopes esclareceu os objectivos do Encontro. Segundo afirmou, é de esperar que «fiquem definidas as relações entre os dirigentes sindicais e os juristas e outros trabalhadores ligados aos serviços de contencioso e de contratação; mais clarificados os conceitos e os objectivos da acção jurídica sindical; melhor caracterizados os princípios deontológicos que devem presidir à actividade dos juristas e advogados que exercem a sua profissão nas organizações sindicais; maiores possibilidades de aproveitamento e racionalização dos meios e métodos utilizados na acção jurídica-sindical; e, o que é mais importante, se criem condições para uma acção jurídica sindical tecnicamente mais perfeita e mais coordenada nesta frente de luta dos trabalhadores portugueses na defesa dos seus direitos e liberdades e do regime democrático definido e consagrado na Constituição».

CGTP-IN COMENTA

Discurso de Soares é mau prenúncio

«A intervenção feita pelo Primeiro-Ministro perante as câmaras da televisão, em 10 de Maio passado, não veio infelizmente dar resposta aos grandes problemas que enfrentam os trabalhadores e outras camadas desfavorecidas do povo português. Na verdade, a afirmação feita pelo Primeiro-Ministro de que o tipo de «política de austeridade» encetada pelo Governo vai continuar «com redobrada energia» levanta legítimas preocupações sobre o já baixo nível de vida dos trabalhadores, sobre as conquistas da Revolução e sobre a defesa da independência nacional».

O comentário parte do Secretariado da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical Nacional, que analisa o discurso de Mário Soares ao País em comunicado ontem divulgado.

A central sindical adverte desde logo que «não dará cobertura a uma política que se traduz na diminuição do nível de vida dos trabalhadores, no aumento do desemprego e na dependência de Portugal em relação ao estrangeiro», reafirmando que «a grave crise que Portugal atravessa só poderá ser resolvida desde que se atenda aos anseios mais profundos dos trabalhadores portugueses». Para a CGTP-IN é clara a urgência de uma política que «reipeite e garanta a participação activa, organizada, consciente e responsável» dos trabalhadores, e assegure o «efectivo e rigoroso cumprimento da Constituição».

Analisando as aspirações de Soares, a CGTP-IN, afirma:

«Ao optimismo do discurso do Primeiro-Ministro contrapõe-se, infelizmente, a realidade actual, bem sombria e reveladora do agravamento da situação económica e financeira do País, reveladora do fracasso da política que o Governo teima em prosseguir.

«Segundo dados, fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística, referentes já a 1978, o défice da balança comercial atingiu, no primeiro trimestre deste ano, 28,3 milhões de contos.

«São também os factos que desmentem a afirmação do Primeiro Ministro de que não encareceriam os preços dos bens essenciais. Com efeito, o aumento do imposto de transações, tornado público no dia imediatamente seguinte às declarações do dr. Mário Soares, determinará um novo e generalizado aumento dos preços, já que a sua incidência será suportada pelos consumidores. O aumento da taxa do imposto profissional, decidida no próprio dia da comunicação do Primeiro-Ministro, vai determinar uma diminuição no já tão baixo rendimento disponível dos trabalhadores.

«Também a desvalorização brusca do escudo e o aumento do ritmo da chamada desvalorização deslizante, determinará o encarecimento contínuo dos produtos importados.

«Perante esta situação, que é a situação real do nosso País, os trabalhadores manifestaram, inequivocamente, no 1.º de Maio, a maior indignação e protesto contra a política que a permitiu e prossegue, e a determinação em lutar pela defesa dos seus interesses e direitos, que correspondem aos interesses nacionais.

Votar sim, mas na rua

Os trabalhadores da empresa Luso-Suíça destacados para a empreitada de construção do Hotel Alfa, em Sete Rios, viram-se forçados a eleger os seus delegados sindicais em plena rua, há alguns dias, dado que a administração interditou o local das obras para aquele efeito.

Estranhamente, na véspera, o delegado sindical em exercício foi inopinadamente transferido para outro local de trabalho. Por outro lado, foi vedado o acesso às obras de um dirigente sindical que ali se deslocou para acompanhar a eleição, numa atitude que viola flagrantemente a Lei Sindical.

Agindo com pleno à-vontade, fazendo a sua própria lei, o patronato lá vai, cantando e rindo...

Greve na Petrogal (Norte)

Os setenta e seis trabalhadores da divisão de lubrificantes da refinaria da Petrogal (Petróleos de Portugal), em Leça da Palmeira (Matosinhos), entraram em greve às zero horas de hoje, como forma de protesto contra o despedimento, por parte do conselho de gerência da empresa, de um seu colega, o engenheiro técnico Marques Rodrigues — informa a ANOP.

De acordo com a decisão tomada em plenário daquele sector no dia 4 do corrente, a greve prolongar-se-á por tempo indeterminado, «até à reintegração do trabalhador despedido».

Segundo declarou à ANOP um elemento da comissão de luta, o processo disciplinar que culminou com o despedimento daquele trabalhador teve origem na recusa, por parte deste, de dar parecer, que lhe fora pedido pelo chefe da divisão de lubrificantes, sobre a eventual promoção de outro trabalhador.

Marques Rodrigues fundamentou a sua recusa no facto de não ter sido considerado o parecer que ele e outros colegas haviam emitido, em consulta anterior da mesma natureza. O processo disciplinar baseou-se em pretensa «desobediência à chefia». O conselho de gerência deliberou despedir o funcionário em 3 do corrente, e no dia imediato efectuou-se um plenário de trabalhadores que, por unanimidade, tomara a resolução de entrar em greve a partir das zero horas de hoje, se, entretanto, não fosse anulado o despedimento.

Esta decisão foi depois ratificada em plenário geral de todos os sectores da empresa, no qual participaram cerca de 600 trabalhadores, com quatro abstenções e nenhum voto contra.

Patronato espanhol ignora pacto de Moncloa

— dirigente das Comisiones Obreras fala ao "DL"

A unidade do movimento sindical em Espanha tem ainda largo caminho à sua frente, na opinião de José Maria Castañares, mecânico da Construção Naval, de 46 anos, na Biscaya, e militante da Confederação Sindical Comissões Operárias, uma das maiores — se não a maior — organização de trabalhadores no país vizinho, com cerca de dois milhões de filiados.

Castañares foi um dos vários sindicalistas estrangeiros que a convite da CGTP-IN assistiu às comemorações do 1.º de Maio em Portugal. A proximidade da Espanha e a necessidade de união por parte dos trabalhadores de todo o mundo, carácter comum de maioria dos problemas, levou-nos a abordá-lo no sentido de conhecermos alguma coisa do que se passa em Espanha e da vida das CO.

«As CO têm já uma longa história. Nasceram por volta dos anos 60, como organizações de base e correspondiam a uma necessidade autêntica dos trabalhadores de se organizarem para a luta no momento em que se gerava um conflito ou era preciso fazer uma reinvindicação. Uniam-se, organizavam-se, lutavam contra o patrão e, terminada a luta, desapareciam».

Em 1960, a estrutura orgânica do movimento aperfeiçou-se e entre 60 e 67 as comissões organizam-se para a luta mas não desaparecem, continuam organizadas. Em 66, concorrem às eleições sindicais do governo fascista, aproveitando as oportunidades concedidas por aquele Governo. Lutando legal e clandestinamente, vão integrando a maioria dos trabalhadores espanhóis.

«A organização foi-se aperfeiçoando e, embora as CO não estivessem ainda legalizadas, eramos conhecidos em todo o lado, prendiam-nos, reprimiam-nos bestialmente até que em Abril-Maio do ano passado fomos legalizados. Os nossos dirigentes, andaluzes, bascos, catalães, galegos, de todas as partes do país, passaram a ser conhecidos. Encontramo-nos num processo muito forte — sublinhou Castañeras — muito amplo, melhor estruturado, mas não temos infra-estruturas.

UNIDADE NA ACÇÃO POR ENQUANTO...

«O problema da unidade em Espanha passará em primeiro lugar por um processo de unidade na acção», prosseguiu o militante das CO. «Consegue-se actualmente unidade para efeitos de lutas pontuais, com vista a determinada acções conjuntas, mas quanto ao sentido orgânico de unidade, considero que há ainda um largo caminho a percorrer, porque as conexões políticas e os interesses partidários o impedem. Posso citar como exemplo o que se passa com as CO e a UGT» (União Geral dos Trabalhadores, organização afecta ao PSOE). «Conseguimos com eles uma certa unidade de acção para por exemplo, promover manifestações em Madrid e noutros pontos do país. Mas recentemente, antes das eleições sindicais, formámos uma organização conjunta, a Coordenadora das Organizações Sindicais (COS), de que a UGT se separou antes das eleições. A UGT adoptou então o «slogan». «Vota UGT, vota Sindicato Socialista», o que eu penso que não convence as pessoas e implica uma conexão muito firme com a organização política do PSOE. Além destas divergências há ainda os grupelhos sindicais radicalizados, que uma vez vão por um lado, outra vez por outro, enfim, vão por onde lhes caiba melhor. Este processo também dificulta o trabalho com eles, na medida em que o sindicalismo não é uma atomização de Sindicatos e que quanto menos houver, melhor. Quando todos os trabalhadores se derem conta disso, será mais fácil a unidade sindical.

A propósito de lutas concretas e da grande união dos trabalhadores espanhóis para as vencer, Castañares abordou as recentes vitórias das CO nas recentes eleições para delegados de empresa.

«Foi um verdadeiro triunfo das CO. De facto, 40 a 45 por cento dos delegados da empresas em todo o país são militantes das CO. Isto mostra que os trabalhadores não confiam em quem lhes fala «bonito» mas em quem vêem lutar, trabalhar, sofrer inclusive, penas de prisão. Nos últimos vinte anos as CO foram praticamente a única organização sindical que lutou na clandestinidade em verdadeira defesa dos interesses dos trabalhadores.

Quanto às eleições, uma vez terminadas, acabou a unidade. São, digamos, acontecimentos de data fixa, tudo está ainda muito desligado. Cada um fez o que pôde e quanto pôde».

O espírito de unidade dos trabalhadores quando se trata de vencer terminadas lutas resulta também do agravamento das condições gerais de vida dos trabalhadores em Espanha: subida do custo de vida, aumento da inflação, mais de um milhão de desempregados, reformas muito baixas (6,7 mil pesetas), grandes deficiências na assistência médico-social.

«Se os Pactos de Moncloa fossem estritamente aplicados, representariam um avanço para a classe operária. Mas só estão a ser cumpridos na medida em que o poder de compra dos trabalhadores é cada vez mais reduzido. O grande patronato não quer saber dos Pactos por que diz que são lesivos dos seus interesses; a esquerda subscreveu-os mas não está a lutar para que se cumpram. As pessoas ficam confusas. É preciso arrimar os ombros uns aos outros para melhorar o contexto económico do país, caso contrário, penso que iremos perder o pouco que temos de democracia».

Finalmente, Castañeras deu um esclarecimento que se impunha quanto à ligação entre as CO e o Partido Comunista Espanhol:

«Houve quem estivesse interessado em dizer que tal como a UGT é um apêndice do Partido Socialista, as Comissões Operárias seriam um apêndice do Partido Comunista Espanhol. Mas isso não é verdade: nas CO há cerca de dois milhões de filiados, enquanto o PC tem 200 mil... O que aconteceu foi que em determinado momento aquando da vinda a público das CO organizadas, elas integravam um amplo leque de pensamentos ideológicos, religiosos, gente que vinha da Acção Católica, etc... Quando a repressão fascista se abateu sobre as CO quem não tinha apoio ideológico firme ficou pelo caminho. Neste processo de vinte anos, houve muitos momentos de forte repressão sobre os militantes das CO, nos quais ficou o peso específico dos homens do Partido Comunista. Penso que sempre houve, há e haverá militantes comunistas nas CO ocupando até funções de responsabilidade quer a nível de empresas, quer a nível de secretarias-gerais, como é o caso de Marcelino Camacho. Essa é realmente a ligação entre o PCE e as CO. Mas estas representam um novo estilo de luta do Movimento Operário».

Na NAZARÉ o Diário de Lisboa vende-se na TABACARIA BATISTA

Incorrespondência de Fradique Mendes

O gabarito ao "guichet"

Quero contar como foi.
Poucas palavras.
Só as que digam como foi.

Ia não sei a que filme.
Estava eu na «bicha».
No bocadinho de solo que se via, viam-se espalhadas muitas notas de mil. Tremiam-lhe nas mãos (de possuidor), e, daí, fácil pensá-lo, que as **notas** tenham caído numa **profusão**, tão **desmedida** ... e **tão ternura** ...: que ficou esquecida uma nota de vinte (... como se lhe chama em gíria? ele deve saber), desprevenida e magra. Todavia...

Fiz eu o que... qualquer «gajo» faria... Não é preciso ser honesto; preciso é apenas...

Foi o que fiz.

A pessoa era-me inteiramente desconhecida; sabia lá d'onde vinha; mas sabia que a nota lhe pertencia e... disse isso mesmo: Olhe que o sr. deixou cair 20$00... e apontei.

A reacção ... natural ... foi a seguinte:

Um solene mutismo.

Orá cá por casa o sapateiro (homem das meias-solas) e a quase, em períodos de penúria, quase mulher-a-dias, cá por casa ensinou-se-me a palavra: obrigado...

Também se me ensinou (não questão de casa, sim questão de terra, de nascido, de sangue ou coisa que o valha, e valiosamente) ... a não ficar de-boca-calada perante o insulto, por mais desconhecido, por mais envolto em crepes de ignorância física donde ele parta, por mais na aparência mudas que sejam as formas que ele, na aparência, revista.

E foi o que fiz.

Fui eu quem disse: **muito obrigado...** (e disse-o num tom que ... está-se mesmo a ver ... veja que sou eu que falo por si...).

Tão verdade como as sete pedras que atiram aos cães, quando eles mordem.

2.ª PARTE

Porque é que se não suicid...? O que é que ind... há a fazer...? A chateira da gente...

(É claro que... tudo isto se passa num outro mundo, onde isto é possível, tão possível como os sacanas de alto gabarito. Vai por minha conta... e risco. Na verdade do que não é metáfora, na porrada (inglória) que me espera).

3.ª PARTE

O nosso Fradique (de quem só o Eça se lembra) não ficou estupefacto, ficou menos isso que intrigado com a identidade da sombra, da figura. Uma espécie de indignação de **murros no peito** (seu, porque o outro sumira-se para o seu próprio mundo, a milhentos quilómetros de distância deste meu **podre** mundo, vogando numa nebulosa, talvez submerso no fundo submarino (que admito lodoso) e ... o que é pior, mais infeliz, mais intrigante, mais perplexo na identidade: **mas quem será biltre???**

E por aqui me fico...

Até que o Fradique, pondo-me a mão no ombro, disse:

Homem... duelos já não há...

4.ª PARTE

Trata-se da ida a determinado sítio dos orvalhos cintilantes, das cobras de águas, dos espelhos mútuos dos dentes de fora, onde , não mim, mas Fradique mandou, por um esqueleto, um cartão com o seu nome, morada e tudo.

O Graça deve ler-se o Maestro, e em muita coisa mestre Fernando Lopes Graça fazia anos e faziam-lhe uma festa.

E... no seu desterro (o fog não lhe diminuíra a visão, **deo gratis**) Fradique viu que o seu amigo recebia as justas homenagens que muita gente só agora publicamente lhe rendia.

No seu desterro, dizia, caíra **do céu aos trambolhões**, há muitos anos, uma canção que falava das **Canções**, tais que a PIDE não gostava nada de ouvir.

E foi na mais púbere das ingnorâncias ainda! que o cartão foi entregue. Era bonito era justo! ser um entre os muitos a dizer a Fernando Lopes Graça, que, já naquele tempo, havia gritos! ocultos na gaveta.

Do fundo dos mares, ou da orquídea dos céus a tal flor que murcha nas nuvens da frontalidade : veio a recusa, isto é, o habitante não estava.

5.ª PARTE

Mas que habitante?... (monólogo ininterrupto) Que, e que é, ele!?

6.ª PARTE

A... salvação... a enorme e não funesta tranquilidade de espírito... veio nas **badanas** Cá está! Fradique, é este cair... (Variamente glosada).

7.ª E NÃO SEI SE ÚLTIMA PARTE

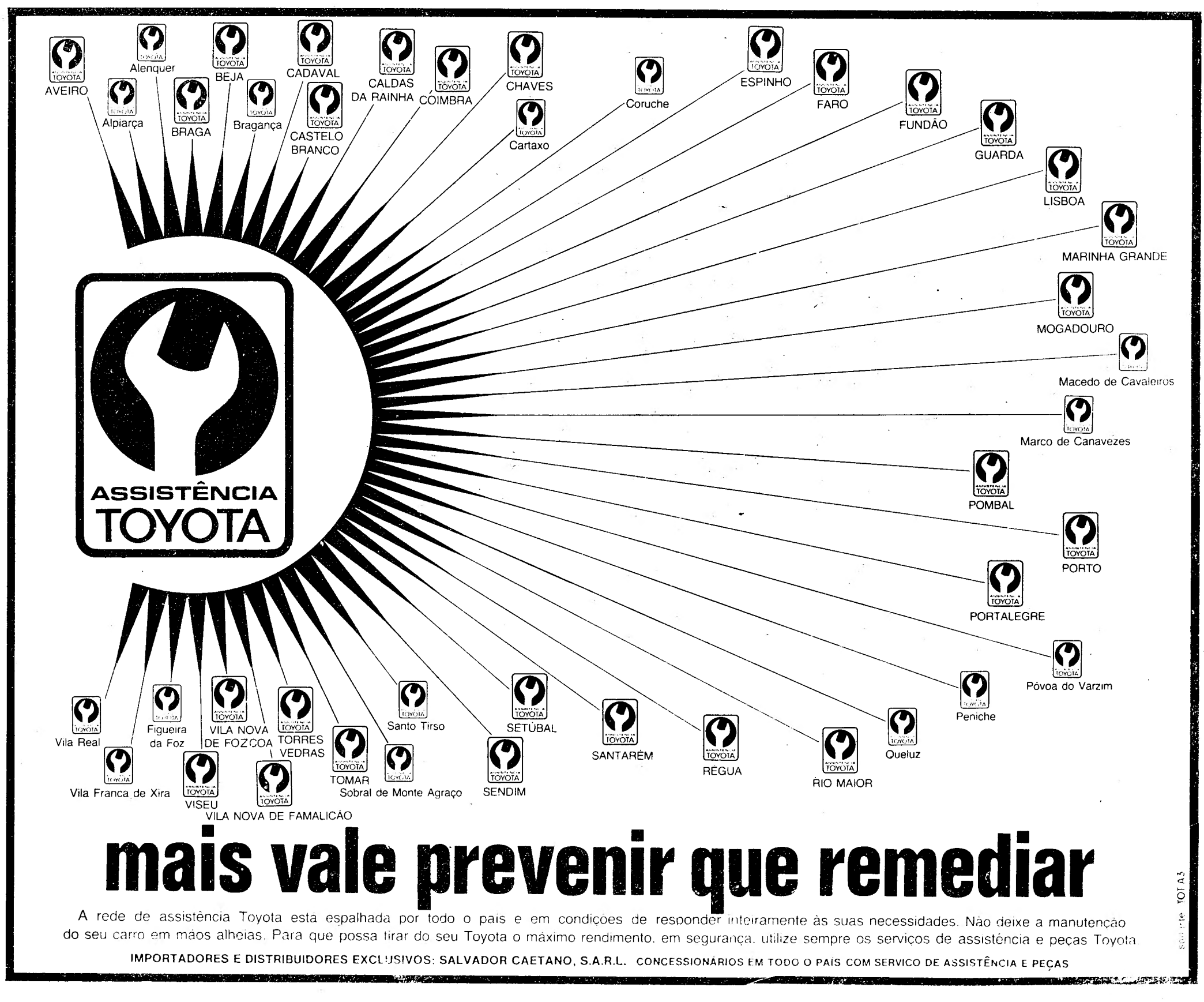
É que... Fradique viu o filme, não gostou, e não se suicidou...

JÁ NOUTRA DIRECÇÃO:

Cá estamos à espera que o réprobo se não demore muito em cumprir o destino, aceitar o conselho, de alto gabarito.

Suceda o que suceder... era melhor. Víamo-nos livres finalmente! dum presença incómoda. (Segreda-me o desmemoriado contador de histórias impossivelmente verídicas que dá pelo nome, falso, de...

RAUL DE CARVALHO



«Posters» de Maio editados pelos estudantes de Belas-Artes

MAIO 68 EM FRANÇA

Maio de 68: não faltam «clichés» para catalogar a crise francesa de há dez anos. Cada um e cada qual avança com a sua análise, com a sua sentença. Tal não é o nosso propósito porque, partindo do princípio de que incumbe aos sociólogos a missão de apreciar e analisar à lupa os acontecimentos então vividos, preferimos, nas linhas que se seguem, fazer apenas um breve relato, quase cronológico, daquilo que a História classificou como sendo a «Revolução Francesa de Maio de 68».

No entanto, e apesar do que acabamos de afirmar, não nos coibimos, como participantes que fomos nesses acontecimentos, de considerar que para além dos erros e das confusões, do folclore e populismo — pecha usual naqueles que despertam para a política — de que Maio por vezes se revestiu, a sua bandeira é valiosa. Valiosa porque desenhou um quadro novo nas relações entre as pessoas, nas mentalidades. Nesse aspecto, a grande fenda aberta pelo abalo então registado na sociedade francesa — atentemos nisso, se a tal estivermos aptos — verificou-se a nível da recusa do autoritarismo e da burocracia e do apelo permanente à luta contra todo o poder opressor.

Maio de 68 foi ainda a revelação de um desejo profundo de expressão desde há muito reprimida; foi, em suma, a ocasião para uma tomada generalizada da palavra. Palavra essa, como já afirmámos, nem sempre coerente, nem sempre construtiva, frequentemente espontânea (e sabemos bem que a espontaneidade esconde as mais das vezes a ideologia dominante), mas palavra libertadora que obrigou um país a abrir os olhos e a tomar partido. Maio de 68 foi uma lufada de ar fresco na atmosfera pesada de uma sociedade «na qual», como diria Jean-Paul Sartre, «quer se seja estudante, quadro ou operário, é-se **sempre** objecto, nunca sujeito».

A revolta estudantil ou a liberta

Quando, na noite de 22 de Março de 1968, 142 estudantes invadiram e ocuparam a sala do Conselho da Faculdade de Letras da Universidade de Nanterre, ninguém ousou imaginar que esta acção estaria na base de uma das maiores crises, tanto a nível político como a nível social e cultural, vividas pela França no decorrer de uma História já de si movimentada.

E no entanto não se pode falar hoje de Maio de 68 sem fazer referência ao 22 de Março e ao movimento que esse dia gerou, verdadeiro ponto de partida e catalizador dos acontecimentos de que estamos a tratar.

Com efeito, ao ocuparem o local onde se tomavam as decisões, os estudantes de Nanterre prosseguiam um objectivo claro: indicar que a partir desse momento iriam contestar e renegar as autoridades universitárias e substituir-se a elas. As razões que determinavam esta atitude **eram** múltiplas e, sem termos a pretensão de as enumerar todas, devemos citar a hierarquização, o paternalismo e o autoritarismo de professores habituados ao «eu sei, portanto o menino cala-se», a selecção no seio dos estudantes com vista a perpetuar «a ordem natural das coisas», a falta de programas adequados às necessidades culturais que então se faziam sentir, o isolamento da universidade francesa em relação aos problemas sociais (ensino concebido estritamente para satisfazer a modificação do processo de produção da sociedade neocapitalista) e a entrada de «apparitures» (em gíria universitária, «gorilas»).

DO VIETNAME ÀS GREVES SELVAGENS

Por outro lado a guerra do Vietname, a guerrilha e o assassínio de «Che» Guevara na Bolívia, a agitação estudantil em Roma, em Tóquio, nos Estados Unidos (Berkeley e Columbia), em Berlim, em Madrid e em Praga, a revolta dos negros americanos e o consequente «Black Power», a Revolução Cultural na China e as greves selvagens que a França vinha conhecendo (Caen, Redon, Rhodiaceta, etc.) por parte de jovens operários cuja dificuldade era cada dia maior em aceitar e compreender a estratégia dos seus sindicatos, foram razões de peso para sensibilizarem parte de uma juventude desencantada e, inconscientemente, à procura de um novo projecto de sociedade.

São aliás estas peças soltas de um vasto processo de sensibilização que explicam que, para além de todos os problemas de ordem universitária que existiam no seu seio, Nanterre se visse palco quotidiano de refregas violentas entre estudantes de matizes ideológicos diferentes ou radicalmente opostos. Embora estes confrontos se processassem a maior parte das vezes entre grupos da extrema-esquerda e da extrema-direita, não era raro assistir a afrontamentos entre as várias correntes de esquerda. Normal, pois, que nestas circunstâncias se tivessem engendrado situações pouco ou nada favoráveis a uma acalmia na frente estudantil.

Mas, adiante. Tudo o que se acaba de dizer — e muito mais — contribuiu para que o clima se fosse progressivamente degradando e se chegasse ao encerramento da Universidade de Nanterre. Encerramento estranho se atendermos ao facto de a razão invocada para tal — impedimento da realização de alguns cursos e escaramuças entre estudantes — não ser, como já referimos, facto invulgar na rotina daquela universidade.

ENCERRAMENTO DE NANTERRE E DA SORBONNE

Seja como for, no dia 2 de Maio de 1968 as autoridades universitárias de Nanterre, de acordo com o então ministro da Educação, Alain Peyrefitte, e do reitor da Academia de Paris, Roche, decidem que a partir de sexta-feira, 3 de Maio, «e até nova ordem», os cursos e os trabalhos práticos seriam suspensos na Faculdade de Letras de Nanterre. Entretanto, e também por que o reitor da Academia de Paris temia que os confrontos se deslocassem de Nanterre para a Sorbonne (o grupo fascista «Occidente» tinha tentado incendiar as instalações da Federação dos Grupos de Estudo de Letras, que é a organização dos estudantes da Faculdade de Letras de Paris), o mesmo, depois de prévia consulta a Peyrefitte, do qual recebera luz verde, decide igualmente encerrar a Sorbonne.

A polícia ao assalto das barricadas

FLIC FLAC

Quel plaisir de te voir enfin crouler
Palais masure
Et toi cher savoir
Dans ton ébranlement vas-tu
Recouvrer ton teint
d'Aurore
Bruine, crépitements salins
Haleine d'horizons hauturiers
Saison d'oeil
Rêvant de larguer ses amarres
La ville frémit à son quai
Flic Flac
Levain des nombres et figures
Passage présence avénement
Le temps s'éveille
Au bain des signes
Braise

Poema de Michel Butor cedido ao Comité Revolucionário de Agitação Cultural

Quem vai à guerra dá e leva...

A matraca não mata a cólera, ALIMENTA-A

ação da palavra

Texto de Manuel Anta

Para tanto, e visto que algumas centenas de estudantes de esquerda ali se encontravam concentrados à espera do «Ocidente», que tinha anunciado para esse dia a sua intenção de expulsar «a canalha bolchevique da Sorbonne e do Quartier Latin», o reitor Roche resolve chamar a polícia para ela evacuar o local. Com inabitual brutalidade, a polícia, em vez de se limitar a dispersar os estudantes, cumpre as ordens recebidas matraqueando e procedendo à detenção de cerca de 600 estudantes.

Com estas decisões, baseadas na convicção de que «os agitadores são uma minoria e que a poucos dias dos exames ninguém terá coragem para os seguir», as autoridades universitárias e o ministro da Educação por um lado, e a polícia pelo outro, acabam de lançar, sem o saber, uma faúlha sobre um barril de pólvora. A explosão que iria seguir-se seria tremenda e mergulharia a França numa crise sem precedentes.

O CICLO REPRESSÃO SOLIDARIEDADE

Em poucas horas a esmagadora maioria dos estudantes, habituados a uma inércia colectiva ou à fuga individual perante os problemas que se lhes colocavam, e pouco ou nada atraídos, em tempo normal, pelos grupos esquerdistas e pelos «contestatários» de Nanterre, sentir-se-iam atraídos, como insectos pela luz, pelos apelos que eram lançados à solidariedade contra a repressão policial e contra o encerramento da Sorbonne. Aquilo que nenhum grupo esquerdista tinha conseguido fazer, a entrada da polícia na Sorbonne fá-lo-ia em breve lapso de tempo.

Num ápice as ruas do Quartier Latin viram-se palco de verdadeiras batalhas entre estudantes e as «forças da ordem». Resistência contra a agressão, violência contra a violência entravam em vertiginosa escalada.

Bem pretendeu o ministro da Educação, poucos dias depois, de encerrar a Sorbonne. Com efeito, no dia 8 de Maio, no Parlamento, anuncia a reabertura para o dia seguinte. Pressionado porém, por De Gaulle, para quem a firmeza se impunha (atide esta que mais tarde viria a lamentar quando, em desabafo ao seu primeiro-ministro George Pompidou, diria: «J'ai fait le con...»), Alain Peyrefitte ver-se-á obrigado a dar o dito por não dito e a adiar um «gesto» que, para muitos, poderia acalmar os ânimos.

A ESCALADA DA VIOLÊNCIA

Entretanto os comícios e as manifestações de repúdio contra as prisões efectuadas e contra o encerramento da Sorbonne iam-se sucedendo. O Sindicato Nacional dos Professores do Ensino Superior (SNE-Sup) e a União Nacional dos Estudantes Franceses (UNEF) lançavam com êxito um apelo à greve geral ilimitada dos seus membros enquanto não se verificasse a suspenssão das acções judiciais movidas contra os estudantes detidos ou em curso de interrogatório, a retirada das forças policiais do Quartier Latin e dos locais universitários e, ainda, a reabertura das faculdades. Paralelamente a esta mobilização geral, os confrontos com a polícia iam-se multiplicando. Assim, no dia 6, três dias após as primeiras refregas entre as «forças da ordem» e os estudantes, 20.000 destes voltariam de novo a afrontar a polícia no decorrer de mais uma noite de violência. O balanço revelar-se-ia significativo: 422 detenções e inúmeros feridos de ambas as partes.

No dia 7 uma manifestação de 50.000 pessoas (os estudantes começavam a receber reforços oriundos das camadas mais diversas da população) atravessa Paris e vai à Etoile (Campos Elíseos) cantar a «Internacional» sobre o túmulo do Soldado Desconhecido. De regresso ao Quartier Latin novos afrontamentos se produzem.

A RECUSA DOS CHEFES E DO ENQUADRAMENTO

E chega-se assim ao dia 8. Jornada importante porque vai acentuar o carácter de um movimento que não quer chefes, que não quer «ser enquadrado». Com efeito, adeptos de uma ideologia nascida do encontro de várias correntes de pensamento (o marxismo, que constituía a base doutrinal, a referência fundamental; o anarquismo, que dava ao movimento as suas formas abertas, provocantes, libertas de quaisquer obrigações; o guevarismo, que insistia sobre a acção directa e violenta; enfim a psicossociologia e a psicanálise, que colocavam a tónica na espontaneidade, no valor e na criatividade da expressão), os «filhos de Maio», recusando a concepção leninista do partido vanguarda organizada que conduz as massas ao combate voltam costas às organizações esquerdistas «responsáveis», que entendem, por seu lado, ser necessário «por cobro à anarquia e estruturar o movimento».

Tudo isto após o comício e uma manifestação em que, apesar da presença simbólica das Centrais Sindicais e do desejo unitário comum, as divergências são de peso e o entendimento difícil. Embora a «ruptura» fosse mais fictícia que real os dias que se seguiram assim o mostraram. Não era menos verdade que a revolta de Maio mantinha bem alto a sua intenção de não se ver recuperada nem assimilada «por discursos e estratégias paralisantes».

No dia 9 é anunciada a reabertura da Faculdade de Nanterre. Tal medida não desbloqueia a situação. A revolta está na rua e não entende de modo algum abandonar o terreno conquistado. Além do mais, proceder à reabertura de Nanterre quando toda a universidade francesa se encontra paralisada é uma medida inóqua, já que é na reabertura da Sorbonne, na libertação dos estudantes detidos e na evacuação da polícia do Quartier Latin que residem as causas do prosseguimento da luta encetada.

Assim não o entenderam as autoridades. Decidido a não ceder, o Governo ajudou a agudizar a situação e, com a repressão, a fortalecer o campo dos «insurrectos». Estes, com efeito, e graças ao eterno ciclo repressão-solidariedade, viam as suas fileiras constantemente engrossadas e chegavam à conclusão de que, embora a repressão policial lhes fizesse «mal», já tinha cessado de lhes meter medo.

A NOITE DAS BARRICADAS

Tal estado de espírito conduzi-los-ia à noite de 10 para 11 de Maio, noite essa considerada mais tarde como a «noite das barricadas».

O que aconteceu nesse dia é um tanto ou quanto confuso, mesmo para nós que estávamos lá. Apenas se pode dizer que, após um comício na Praça de Denfert-Rochereau, convocado pela UNEF e pelo SNE-SUP, se seguiu uma manifestação que contornou o Quartier Latin. Trinta mil estudantes, professores, alunos dos liceus e jovens trabalhadores conseguiriam desfilar no Boulevard Sant-Michel, indo em seguida o grosso da manifestação concentrar-se perto dos jardins do Luxemburgo.

Partindo do princípio de que a barricada «delimita campos opostos», vários manifestantes começaram a erguer dezenas delas. O propósito prosseguido não implicava intuitos ofensivos, (ouviam-se frequentes «não provoquem a Polícia») pretendendo-se apenas criar dentro do Quartier Latin zonas «libertadas» em oposição às «ocupadas» pelas forças da polícia. Tanto assim era que o clima eufórico reinante na área das barricadas mais fazia supor que se estava numa grande festa e não a poucas horas de um afrontamento de rara violência.

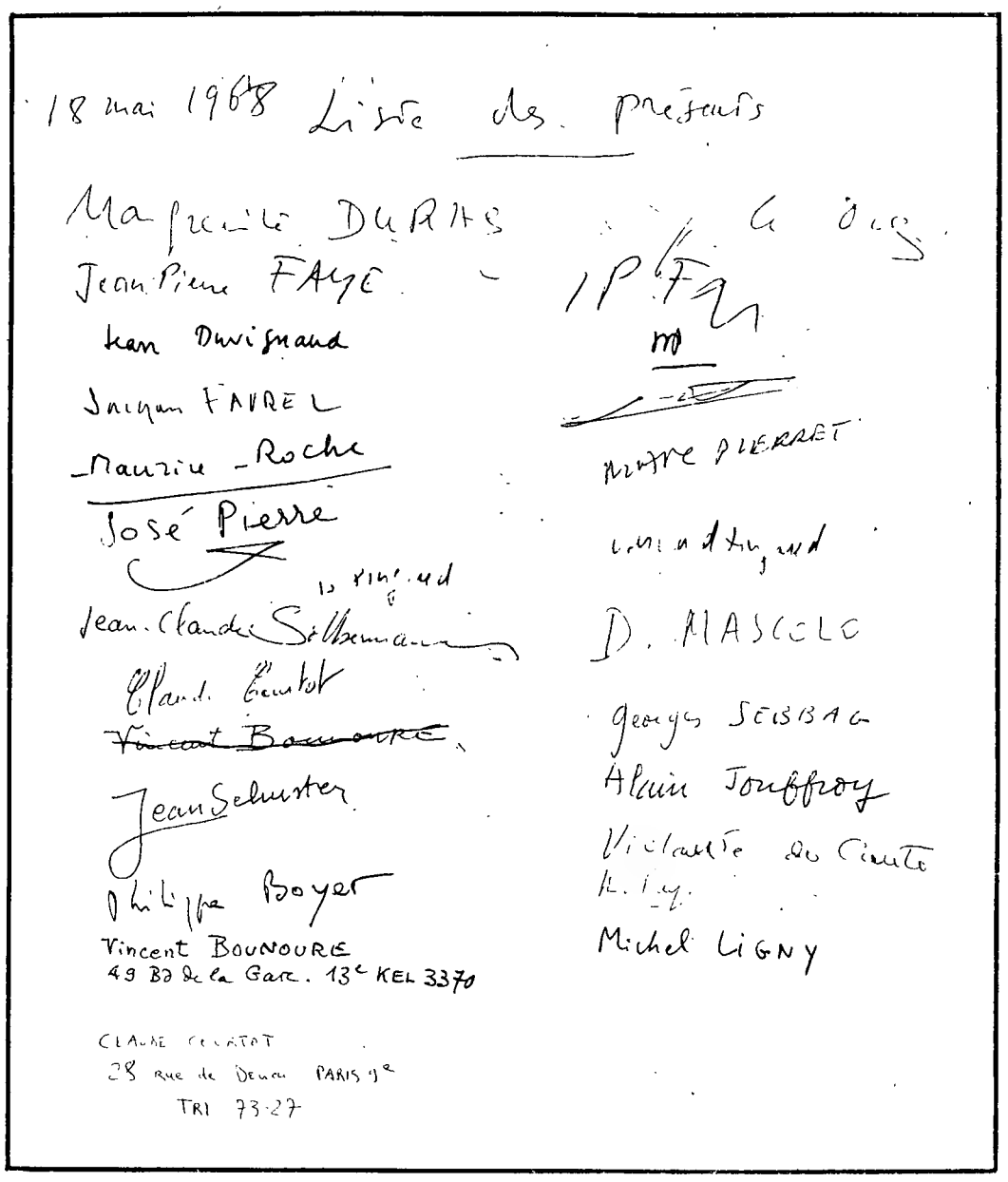
Subitamente, por volta das 2,05 da madrugada do dia 11, a polícia atacou sem prevenir. Foi uma noite em que mais uma vez os manifestantes, cada um e todos ao mesmo tempo, floretearam com denodo contra forças avaliadas em 5000 homens armados até aos dentes de matracas, bombas de cloro e granadas «cricket» contendo um gás (gás C.B.) extremamente tóxico e utilizado na altura pelo exército americano no Vietnam.

Dizemos «floretearam» porque a todo esse arsenal os manifestantes só tinham a opor «cocktails Molotov», varapaus, ferros e paralelepípedos arrancados ao pavimento das ruas do Quartier Latin... No entanto, e com o auxílio da população, que lançava pelas janelas baldes de água para atenuar os efeitos dos gases, as forças de revolta foram conseguindo montar as suas barricadas. Mas tudo tem o seu fim. Face à superioridade das quinquilharias de CRS, dos pelotões de Intervenção e à impossibilidade de resistência dos manifestantes tinha que ceder perante o progressivo das granadas [illegible] por volta das [illegible] E foi então que uma nova fase surgiu: na [illegible] de um dia [illegible] a romper, todos aqueles que não usavam [illegible] estavam condenados «a ser abatidos» caso fossem encontrados na via pública.

A população atónita e horrorizada assistia então a um [illegible] de perseguição nas [illegible] das escadas do metropolitano e de prédios particulares, e inclusive nos corredores dos hospitais e casas de saúde. As ruas circunvizinhas do «templo da subedoria», a Sorbonne, não eram o local indicado para passeios nessa [illegible] do 11 de Maio.

De tal modo foi violenta a repressão exercida que as grandes Centrais Sindicais (CGTe CFDT), não podendo ignorar que muitas das vítimas dessa repressão eram operários, publicavam no mesmo dia [illegible] pelo comum a uma greve geral para segunda feira, 13 de Maio, e marcavam também para a mesma data uma manifestação comum com os estudantes e os professores.

NA PRÓXIMA SEMANA: «A COMBATIVIDADE OPERÁRIA E A CRISE POLÍTICA».



Lista dos presentes numa reunião do Comité de Acção Estudantes-Escritores realizada no CRAC da Sorbonne na tarde do dia 18 de Maio de 1968

FMI POR TRÁS?

Importantes alterações no governo militar do Peru

No meio de fortes boatos sobre divergências na cúpula militar, verificaram-se na tarde de ontem três importantes alterações no gabinete ministerial peruano.

Por motivos que não foram informados, o presidente Francisco Morales Bermudez decidiu, no fim de uma reunião de emergência com os membros da Junta Militar em que participaram também os comandantes das regiões, incorporar dois técnicos civis no Governo.

O ministro do Interior, general Luís Cisneros e os titulares da pasta da Economia, general Alcibíades Saenz, e da Indústria e Comércio, general Gaston Ibañez, foram substituídos pelo general Fernando Velit e pelos engenheiros Javier Sucte e Gabriel Lanata, respectivamente.

Ao que parece, os bancos privados norte-americanos, principais credores, exigiam um aval prévio do Fundo Monetário Internacional (FMI) antes de contribuir com novos empréstimos. O FMI, por sua vez, sugeriu ao Governo peruano alterações no Ministério da Economia e Finanças.

Quando faltam apenas vinte dias para as eleições com vista a eleger uma Assembleia Constituinte, e na altura em que as actuais dificuldades mantêm praticamente asfixiadas as diligências do Governo, estas alterações ministeriais poderiam ser interpretadas como um «esforço no sentido de mudar a imagem do país, tanto no plano interno como no estrangeiro».

Antes de serem conhecidas estas alterações no gabinete e de se ter anunciado que os novos ministros iriam prestar juramento das suas novas funções na segunda-feira, o presidente Morales Bermudez e os membros da Junta Militar do Governo receberam o inteiro apoio dos altos comandos das forças armadas, num «acto de camaradagem castrense» realizado na divisão blindada, acantonada em Lima.

Num discurso em tom severo e de marcada autoridade, o general Morales Bermudez fez alusão à «injusta campanha» dirigida contra as forças armadas e indicou que os militares estavam «plenamente conscientes dos difíceis momentos que o país vive, devido aos problemas políticos, económicos e sociais».

O chefe de Estado reafirmou a decisão das forças armadas no sentido de se cumprir o programa de democratização e reiterou que os militares «transmitirão a sua responsabilidade política aos civis», tal como se prometeu ao povo peruano.

No entanto, advertiu que a nova Constituição terá que encontrar alguma fórmula, «viável e prática», que permita as instituições armadas «estarem presentes de forma directa» no âmbito político do país.

Em meios políticos observou-se que, em conformidade com o discurso do líder peruano, as forças armadas do Peru, há mais de dez anos no poder, não pensam regressar de forma total e imediata aos quartéis.

A retirada realizar-se-á gradualmente e procurando a todo o transe um «entendimento cívico-militar que permita governar com um certo consenso nacional».

A Reuter considera que essas importantes remodelações ocorrem para «satisfazer o comércio e a comunidade internacional enquanto satisfaz a esquerda». A France Presse tem uma opinião precisamente contrária: «A instalação de dois civis nos ministérios económicos vai satisfazer os meios da direita e os patrões, numa altura em que prosseguem as negociações entre o Peru e o FMI». Repare-se que as substituições abrangem sectores intimamente ligados: o económico e da «ordem interna»...

Ovando reconhece ordens para matar "Che" Guevara

O ex-presidente da Bolívia, general Alfredo Ovando Candia admitiu ontem, em conferência de Imprensa, que as Forças Armadas sob o seu comando, ordenaram a morte de Ernesto «Che» Guevara, ocorrida a 8 de Outubro de 1967. Os comunicados oficiais na altura da morte do lendário guerrilheiro disseram que ele havia morrido num «recontro com tropas bolivianas». Entretanto, mais tarde soube-se que «Che» Guevara, ferido, havia sido capturado, encerrado na sala de aulas vazia de uma escola rural e, posteriormente, assassinado a sangue frio, não sem antes esbofetear o sargento que lhe apontava uma metralhadora. Ovando, que era o comandante em chefe das Forças Armadas da Bolívia na altura, regressou agora ao país após oito anos de exílio, depois de ter sido derrubado pelo actual ditador, Hugo Banzer, também general. Entretanto, ao confirmar que o comando das Forças Armadas dera ordens para abater Guevara, negou que tivesse dado pessoalmente instruções nesse sentido. Pouco depois do seu assassínio, «Che» Guevara seria classificado pelo próprio Ovando Candia como um soldado «bom, tenaz e valente».

Recorde-se, entretanto, que nas operações para matar o líder guerrilheiro, latino-americano, as tropas bolivianas contaram com apoios especiais de «técnicos» norte-americanos e agentes da CIA, que, depois estiveram directamente ligados ao golpe que derrubou Ovando Candia, colocando Banzer no Poder, numa demonstração de que eram, no mínimo, mal agradecidos. A propósito da sua queda, disse Ovando Candia na mesma conferência de Imprensa: «A CIA é responsável por vários golpes de Estado e assassinatos políticos na Bolívia. O processo que esta organização tem sobre a Bolívia deveria ser aberto, imediatamente, como foi o do Chile. No meu derrube intervieram vários elementos, mas o papel mais importante foi mesmo desempenhado pela CIA».

CHILE

A amnistia foi para a DINA

FRIDA MODAK

Embora tenham ficado claros os limitados alcances da amnistia que o regime chileno acaba de decretar, há uma insistência em referir-se a uma amnistia geral que permitiria o regresso ao Chile das principais figuras da esquerda.

É evidente que os procuradores anónimos da Junta Militar que dão à imprensa a lista dos supostos amnistiados procuram com isso criar o ânimo [illegible], fazendo crer que os dirigentes que se encontram no exterior não regressam porque não querem.

Ao mesmo tempo esperam que persista a confusão que criaram desde que esse decreto se publicou no diário oficial e os mais conotados com o regime referindo-se ao texto como de uma amnistia geral, na esperança de que isto ajude a melhorar a sua imagem no exterior.

O concreto em torno desta amnistia é que ela tem dois efeitos: um, conhecido, cujas limitações se assinalam, e outro sub-reptício que é o mais importante.

O [illegible] decreto dispõe que [illegible] amnistiados os condenados pela Junta Militar a partir de 11 de Setembro de 1973 e os que, ao expedir-se o decreto, estavam submetidos a processos nos tribunais militares, com excepção dos implicados na outorga de passaportes oficiais aos que viajaram até aos Estados Unidos para ultimar os detalhes do assassínio do ex-chanceler Orlando Letelier.

Mas o mais importante é que se amnistia os que na «clandestinidade» tenham cometido delitos sancionáveis pelos Tribunais Militares, isto como prova da amplitude da medida.

Mas num dos artigos do decreto há uma lista de delitos que não se amnistiam, e nessa lista não se encontram os de sequestro e mandado compulsório ilegítimo, pelo que ficam amnistiados os responsáveis pelos sequestros e torturas que fizeram desaparecer mais de duas mil e quinhentas pessoas a partir de 11 de Setembro de 1973.

Isto indica que o objectivo real da amnistia era consagrar a impunidade para a Direcção de Informação Nacional (DINA) e a sua sucessora, Central Nacional de Informação, cujos agentes têm actuado inclusive à margem da legislação da ditadura ao sequestrar, torturar e manter na qualidade de desaparecidas milhares de pessoas.

É esta actividade clandestina da DINA, que só estava autorizada de facto pelo regime, que se amnistia.

Portanto fica claro para evitar que, como consequência das investigações relativas ao assassínio de Orlando Letelier, comecem a vir à luz outros crimes, a Junta Chilena ditou este decreto a favor da DINA, revestindo-o com a concessão de uma amnistia cujos limitados alcances assinalaremos agora.

As pessoas teoricamente beneficiadas com a amnistia são 2.071. Mas no momento de promulgar-se o Decreto, 1121 dessas pessoas encontravam-se no estrangeiro porque se lhes tinham comutado as penas de prisão pela de desterro. Outras 853 estavam em liberade condicional dentro do Chile e só 97 foram efectivamente postas em liberdade.

Os 1121 chilenos que se encontram no estrangeiro mudam a sua condição de desterrados pela mesma em que se encontram os que foram expulsos pela ditadura e aqueles que saíram do país como asilados políticos, pelo que o desterro se mantém vigente, ainda que o novo decreto diga que se lhes levantou a condenação.

Os desterrados, os expulsos e os asilados não podem regressar livremente ao Chile, porque o Decreto n.º 81, de 1973, estabelece que só podem fazê-lo se solicitarem e obtiverem a autorização expressa do ministério do Interior.

Ao formular essa solicitação o interessado deve comprometer-se por escrito a não realizar actividades políticas dentro do Chile e a acatar, portanto, a ordem imposta pelo regime, renunciando assim ao exercício dos seus direitos e liberdades fundamentais.

Quem regressar sem submeter-se a este trâmite será julgado por tribunais militares, e as condenações previstas vão desde os 15 anos de prisão até à pena de morte. Além disso, apresentar a solicitação não obriga o ministério do Interior a autorizar o regresso este pode ser rejeitado.

Por consequência não há livre regresso e, ainda que alguém o consiga com autorização, pode ser processado por delitos cometidos no estrangeiro, porque a denúncia dos crimes da Junta se considera um delito contra a segurança nacional do país.

Daí que todas as afirmações dos procuradores do regime chileno estão destinadas a tirar alguma vantagem da confusão que interessadamente criaram para ocultar o verdadeiro sentido do decreto, promulgado para retirar toda a culpa ao aparelho repressivo.

IPS

Pub.

SINDICATO DOS TRABALHADORES

DA INDÚSTRIA VIDREIRA

MOÇÃO

Os Delegados Sindicais do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira Zona Sul — reunidos em plenário no dia 12/5/78, decidem:

1 — Repudiar o regresso de um dos maiores responsáveis pelo obscurantismo, repressão perseguição e morte a que foi votado o Povo Português durante 48 anos de ditadura fascista.

2 — Não podem deixar de exprimir a sua mais viva apreensão e repulsa pela abertura dada aos agentes do fascismo que constituem um perigo real para a democracia, liberdade, e outras conquistas do Povo Português.

3 — Tomaz é um símbolo do FASCISMO ODIOSO. O seu regresso a Portugal constitui uma afronta e uma provocação aos trabalhadores portugueses.

4 — O descongelamento da conta bancária, dinheiro roubado ao Povo desmente a necessidade da tão apregoada austeridade que dia a dia trás a miséria e a fome aos lares dos mais desfavorecidos, os trabalhadores, para quem foi feito o 25 de Abril.

CONTRA O REGRESSO DOS FASCISTAS!
NÃO AO FASCISMO!
UNIDOS VENCEREMOS!

A DIRECÇÃO

HOTEL DA LINHA DO ESTORIL

Terreno, no Monte Estoril para Hotel de Categoria 3 estrelas, para 124 apartamentos, compostos de quarto, sala comum, kitchnet, quarto de banho e hall, sauna para Homens e Senhoras. Restaurante, Snack Bar, como complemento da Piscina.

Licenças pagas. Pronto a Construir.

Trata Predial Delma, Av. Ant.º Augusto Aguiar, 150 - 1.º Esq. tel: 578231

CAMARA MUNICIPAL

DO SEIXAL

PRECISA

Engenheiro Civil

Deve indicar até 17/5/78, o seu curriculum vitae e idade.

As respostas devem ser dirigidas à Câmara Municipal.

Seixal, 10 de Maio de 1978

Paulo VI preside em Roma às "exéquias oficiais" de Moro

Numa decisão sem precedentes, o Papa Paulo VI preside hoje à tarde, à cerimónia religiosa em memória de Aldo Moro, que a Democracia-Cristã insistiu em organizar na basílica de São João de Latrão, contra a própria vontade do morto, expressa ainda em vida.

A decisão do Papa, anunciada oficialmente na manhã de ontem, encontra-se na linha da atitude do Pontífice Romano que não hesitou em «ajoelhar diante dos homens das Brigadas Vermelhas», suplicando-lhes que poupassem a vida de Aldo Moro, «esse homem justo e bom», como Paulo VI seu amigo pessoal o definiu.

O Papa será rodeado pelas mais altas entidades italinas, bem como por representantes e enviados especiais estrangeiros, cujos nomes não foram divulgados, por medida de segurança.

Paulo VI, que assistiu inúmeras vezes às cerimónias fúnebres de cardeais, na basílica de São Pedro, nunca saiu da Cidade do Vaticano, para semelhantes cerimónias e muito menos por um leigo, mesmo se as exéquias se realizassem, como a de hoje, em «terra vaticana».

De facto, a basílica de São João de Latrão, como bem da Igreja, goza do estatuto de extra-territorialidade, devido aos acordos de 1929, conhecidos por «acordos de Latrão», entre o Vaticano e a Itália de Mussolini.

A presença do Papa, do chefe de Estado e das principais figuras políticas italianas, bem como dos representantes estrangeiros, em terra não italiana mas em pleno centro de Roma, gera um duplo problema de segurança.

De facto, para além das pessoas presentes na Basílica (4.000 a 5.000 lugares), a população foi convidada a participar no ofício a celebrar pelo vigário de Roma, cardeal Ugo Poletti e a cerimónia será transmitida para fora fora do templo através de altifalantes.

A Polícia encontra-se já mobilizada para impedir qualquer novo atentado ou provocação, que parte da Imprensa de extrema-esquerda já nas suas edições de ontem temia e denunciava.

As medidas excepcionais adoptadas são justificadas pela repetição de actos terroristas, que as «Brigadas Vermelhas» e seus cúmplices diariamente continuam a reivindicar.

Recorde-se que ainda ontem, em Milão, um secretário de secção da Democracia Cristã foi atingido a tiro pelas «BV», tal como acontecera já na quinta-feira a um banqueiro e, na quarta-feira a um quadro da indústria.

A impotente cerimónia de hoje contrasta, pela presença de tantas e tão importantes entidades», com a homenagem simples e popular que lhe foi prestada no pequeno cemitério de Torrita Tiberina, onde Moro foi enterrado, 24 horas depois de ser encontrado morto.

Respeitando a vontade do defunto, a família do presidente da Democracia-Cristã assassinado não deverá estar presente na homenagem que o Governo de Itália hoje oficialmente lhe presta. Antes, deverá manter-se encerrada e fechada no seu doloroso afastamento actual.

A missa será retransmitida pela Eurovisão.

Ignora-se ainda se o será em directo (a partir das 16h 25 locais) ou em diferido.

Todas as cadeias do Estado, de rádio e televisão difundirão em Itália, em directo.

Golpe de Estado nas ilhas Comores

Segundo revelaram fontes que a France-Presse considera seguras, verificou-se um golpe nas ilhas Comores, tendo sido derrubado o chefe de Estado, Ali Solli.

O golpe ter-se-á registado a noite passada e o novo «homem forte» parece ser Said Atthumann, antigo ministro do presidente Ahmed Abdallah e sobrinho do antigo presidente Mohamed Scheik.

A emissora comoriana lançou um apelo à população, aconselhando-a a «manter-se calma».

Até ao fim da manhã não havia mais qualquer detalhe acerca do facto. As ilhas Comores, cuja capital é Saint Denis de La Reuinor estão localizadas na costa africana, em frente à República Malgaxe (ex-Madagascar).

DENÚNCIA DO "AS SAFIR"

CIA planeia bases dos EUA em terras do Médio Oriente

Uma missão da CIA que recentemente visitou vários países do Médio-Oriente, elaborou um plano que prevê a instalação de numerosas bases norte-americanas nesta região do Globo, indica o periódico libanês de esquerda «As Safir».

A informação da missão norte-americana sumetida ao Congresso, salienta que interessa a Washington manter uma presença militar maciça no Médio-Oriente, região que possui grandes recursos vitais.

O diário acrescenta que a informação prevê a instalação de uma base norte-americana em Assyoune (Sinai), no sudoeste do porto israelita de Eilat, e de outras duas no centro do Sinai, assim como a construção de uma base naval no porto de Jaffa (Israel).

A missão da CIA observou que estas instalações militares não precisariam de efectivos superiores a dez mil homens, número que — segundo o periódico — não pareceu excessivo ao Congresso.

«As Safir» anuncia, além disso, que a missão norte-americana, chefiada por Jim Roland, precisou que o referido plano garantiria, tanto a «segurança» de Israel como a da Arábia Saudita, o maior país exportador de petróleo do mundo.

Como sempre, a CIA desmentiu a informação.

EGIPTO SAQUEADO POR ISRAEL

Entretanto, o Egipto pediu a intervenção norte-americana no sentido de suspender a exploração de petróleo e outros minerais levada a cabo por Israel, nos territórios ocupados no Sinai, anunciou hoje o jornal oficioso «Al Ahram».

A exploração de riquezas no Sinai, tem sido levada a cabo pelas autoridades israelitas, com o apoio de companhias norte-americanas.

O [illegible] foi contido num [illegible] urgente», enviada por Mhamed Kameln ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo do Cairo, ao secretário de Estado norte-americano Cyrus Vance.

O texto da mensagem condena em termos violentos a «actividade ilegal de Israel com o auxílio de empresas norte-americanas e firmas europeias».

No mês passado, o Egipto já havia levantado este problema na ONU, e até agora não obteve qualquer resultado irático.

Violentos incidentes no Norte de Espanha

Dois polícias ficaram feridos e três pessoas foram detidas ontem à noite em Pamplona (Navarra) durante violentas manifestações, enquanto que se registavam outros confrontos nas cidades bascas de Bilbau e San Sebastian.

A maior parte dos manifestantes protestavam contra a morte de jovens militantes do ramo militar da organização nacionalista basca ETA, mortos quinta-feira em Guernica aquando dum tiroteio com a Polícia. Outros apoiavam a semana a favor da amnistia dos presos políticos começada segunda-feira no País Basco.

Em Pamplona, várias dezenas de pessoas erigiram barricadas e atiraram pedras às «forças da ordem», ferindo dois polícias. Foram por outro lado encontrados doze coquetéis Molotov e uma granada numa escola da cidade.

Em Renteria, perto de San Sebastian, oitocentos manifestantes tentaram tomar de assalto um quartel da guarda civil. Os polícias, entrincheirados no edifício, repeliram os assaltantes por meio de granadas lacrimogêneas. Estes, antes de se dispersarem, lançaram vários coquetéis Molotov sobre o quartel.

Os manifestantes cortaram seguidamente a estrada Madrid-Irun derrubando dois camiões.

Em San Sebastian, quatro mil pessoas assistiram a uma cerimónia religiosa em memória dos dois militantes da ETA mortos, antes de desfilarem nas ruas da cidade insultando as «forças da ordem».

Finalmente em Bilbau, várias centenas de manifestantes, no final dum serviço religioso, viraram dois autocarros e erigiram barricadas. A Polícia dispersou-os.

METRO DE MADRID FOI NACIONALIZADO

Entretanto, o Governo anunciou ontem à noite que nacionalizaria o metropolitano de Madrid, pertencente a uma empresa privada, onde 233 pessoas ficaram feridas em dois desastres sérios que ocorreram este mês.

Um decreto publicado após uma sessão do Gabinete dizia que o Governo assumiria temporariamente o controlo e asseguraria a exploração regular do metro. Eventualmente, espera-se que o sistema de transporte seja cedido às autoridades municipais de Madrid.

A acção governamental de nacionalizar o metro era aguardada há meses e sindicalistas têm alegado que a empresa privada que o explora não introduziu qualquer melhoria no sistema, esperando a medida.

Mais de 300 pessoas ficaram feridas em 15 acidentes no sistema do metropolitano, nos últimos dois anos.

Noticiario em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

CONFLITOS NA FRONTEIRA

Desculpas oficiais da URSS à China

A União Soviética apresentou desculpas oficiais ao Governo da China, pelo que considerou «uma não-intencional violação do território sob controlo do Governo de Pequim» cometida durante esta semana por um grupo de fuzileiros navais em perseguição de «bandidos armados».

A nota diplomática em que as desculpas são apresentadas salienta que as forças militares da União Soviética retiraram do território chinês logo que o erro foi detectado e verificaram que, em vez de se encontrarem na ilha soviética de Krestovsky, tinham penetrado uma «distância insignificante» em território chinês.

O despacho da agência oficial soviética «Tass» que noticiava a apresentação oficial de desculpas salientava que «não foram tomadas quaisquer medidas contra a população chinesa» durante a operação desencadeada pelas tropas que penetraram em território sob controlo das autoridades de Pequim.

A «Tass» negou também as notícias chinesas que acusavam as forças soviéticas de terem repetidamente aberto fogo contra a população.

As notícias da «Tass» sobre a violação da fronteira foram difundidas pelo serviço de noticiários da televisão soviética.

A China havia declarado que «só a serenidade do lado chinês impediu que o incidente se transformasse num conflito armado».

Acordo SALT dentro de poucas semanas

O tratado soviético-norte-americano para a limitação de armas estratégicas nucleares poderá ser assinado «dentro de semanas e não dentro de meses» como anteriormente se pensava, afirmou o negociador chefe norte-americano para o tratado SALT, Paul Warnke.

«Noventa e cinco por cento das questões estão já resolvidas e restam apenas dois problemas fundamentais a ultrapassar», acrescentou o funcionário norte-americano, depois de referir a próxima deslocação a Washington do ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, para conversações com Carter e Cyrus Vance sobre questões de âmbito SALT.

SEKU TURÉ PROPÕE

Africanos fora da ONU sem Namíbia independente

O presidente da República Democrática da Guiné, Ahmed Seku Turé, lançou um apelo aos 49 países africanos membros da ONU, para que kbandonem a organização caso esta não proclame a independência da Namíbia no prazo de um mês, anunciou um comunicado publicado ontem nesta capital, no final de uma visita oficial de três dias. do presidente guineense.

Seku Turé pediu ainda a OUA que proclame a independência da Namibia se as Nações Unidas não o fizerem.

No comunicado comum assinados pelo presidente guineense e pelo seu colega nigeriano, Olusegun Obasanjo, reafirmam o seu total apoio a luta de libertação na África do Sul e condenam o ataque sul-africano contra a República Popular de Angola e rejeitam todas as tentativas racistas do Pretória para instalar «um governo de fantoches na Namíbia».

STEVE BIKO

Deputada contesta tribunais de Vorster

Helen Suzman, deputada da oposição do parlamento sul-africano, pôs em causa publicamente, na sexta-feira, a decisão dos tribunais pela qual a polícia foi considerada como «não responsável» pela morte do activista negro Steve Biko, a 12 de Setembro do ano passado.

Recorde-se que Biko morreu nas instalações da polícia racista de Vorster devido a traumatismo cranianos.

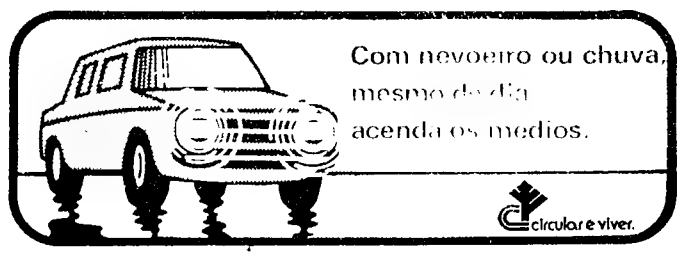
O ministro da Justiça, Jimmy Kruger, reagiu vivamente, mas a deputada manteve as suas declarações e respondeu ainda pela afirmativa a uma questão de um deputado do Partido governamental, que pretendia saber se ela pensava que o magistrado instrutor do problema tinha deliberado e conscientemente pronunciado um veredito errado.

Polisario denuncia intervenção francesa

Mohamed Uld, presidente do Conselho de Ministros da República Árabe Sariana, pôs de sobreaviso os cidadãos estrangeiros que se encontram nas zonas de combate do Sara Ocidental [illegible] ontem à Rádio Líbia. [illegible] advertiu tais cidadãos «[illegible] perigos a que se expõe[illegible] vendo-se nessas zonas» [illegible] conferência de Imprens[illegible] em Tripoli.

O [illegible] saariano denunciou [illegible] intervenção [illegible] ção e acrescentou [illegible] intervenção [illegible] dos soldados [illegible] verdade é [illegible] para aumentar [illegible] saariano.

O povo saariano, que combateu contra o colonialismo espanhol, que [illegible] como um rebanho [illegible] meiros, não pode ser [illegible] desta forma imoral», indicou ainda Mohamed Uld.



PUB.

TEATRO ABERTO
P.de ESPANHA
(metro: PALHAVÃ)
telef 77 09 69

grupo 4
APRESENTA

a sátira musical
de ARY DOS SANTOS, AUGUSTO SOBRAL, RUI MENDES, FERNANDO TORDO, PAULO DE CARVALHO, PEDRO OSORIO
encenação de RUI MENDES

O caso da MÃOZINHA MISTERIOSA

com subsídio da S.E.C.
espectáculo não aconselhável a menores de 13 anos

«... AQUILO É TÃO BOM, TÃO BOM QUE JÁ FUI DUAS VEZES AO TEATRO ABERTO! HEI-DE IR MAIS E ACONSELHO; SEM RESTRIÇÕES...»
M.H. DÁ MESQUITA (A CAPITAL)

3.as, 4.as e 5.as FEIRAS: às 21.45
6.as FEIRAS: às 20 e 30 e 22 e 45
SÁBADOS: às 15 e 30, 20 e 30 e 22 e 45
DOMINGOS: às 15 e 30 e 20 e 30

UM CASO SÉRIO (DE MORRER A RIR) COM

HENRIQUETA MAYA · PAULO DE CARVALHO · FERNANDO TORDO · RUI MENDES
MORAIS E CASTRO · LUISA BASTO · PEDRO OSORIO · HELENA ISABEL
FERNANDA COIMBRA · CARLOS GONÇALVES · ALVARO FARIA · ADELAIDE FERREIRA
PAULO GODINHO · MANUEL MENDONÇA

O recital e o filme por fazer

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

O realizador queria fazer daquele recital de piano um filme diferente. Não era que o programa trouxesse algo de novo, pois que se tratava de Beethoven e Schumann. Nem que o pianista fosse um subvertor das tradições, pois que se tratava de Sequeira Costa. De qualquer modo, o realizador estava empenhado em fazer obra séria, meditada, que marcasse uma data na sua trajectória.

Pôs-se a estudar as partituras. Olhou para a primeira página de uma das peças: observou as pautas, agrupadas aos pares por chavetas, as claves de sol e de fá, os números e as barras do compasso, as palavrinhas indicativas do andamento e da «expressão», as ligaduras, as abreviaturas e os sinais que regem a dinâmica, enfim, as notas musicais de onde se deduzem (de acordo com a prévia definição modular de algumas das anteriores coordenadas) as alturas e as durações. E pensou: «Neste espaço lê-se um tempo».

«Se o objecto do filme fosse a partitura, em si» — continuou reflectindo — «como captá-la?» Colocou então as várias hipóteses: página a página, pauta a pauta... Não: a melhor maneira de percorrer a partitura, de a ler para os espectadores do filme, seria fazer corresponder sincronicamente o espaço visual da escrita ao tempo sonoro da audição, dar de cada som-tempo a sua imagem-espaço.

«É PRECISO QUE O SOM SE LIBERTE DO PAPEL»

«Mas será assim a partitura tão importante para quem ouve a música?» — interrogou-se. «Vendo bem e ouvindo melhor», pensou, «é preciso que o som se liberte do papel, e não que continue agarrado a ele. Que é a escrita musical senão mero recurso a que os compositores tiveram de lançar mão para codificarem o seu pensamento sonoro? Pudesse eles trabalhar o som como o escultor trabalha a pedra, ou usar as palavras já feitas como o poeta, e não seriam prisioneiros da pauta e das barras de compasso.»

Pegou num papel e fez um esquema: de um lado o compositor com a sua vontade de expressão sonora; do outro, o público aberto à audição. No centro, a pauta silenciosa, muda. «quem anima este circuito, transformando-o em som? Já se sabe que é o executante.»

E tentou uma definição de executante: «Um intermediário sem dúvida. Mas também um investigador. Um criador, até. O executante tem de reganhar na pauta o que o compositor nela perdeu: tem de perscrutar a vontade mais íntima deste, ali transposta em diagrama (e subordinada, portanto, às limitações de um código). Recai sobre ele uma grande responsabilidade: ou será um novo filtro do pensamento musical que se pretende expresso no papel, ou será a força que nos devolve esse pensamento em toda a sua integridade».

O pianista português Sequeira Costa

Começou a temer um dilema inextricável. Para arrumar ideias, resolveu examinar a coisa sob outro ponto de vista. «Tratando-se de um recital de piano», pensou, «o que está em causa é o piano e o pianista, a maneira como se defrontam, independentemente de haver partitura ou de assistirmos a uma improvisação. No fundo, só, isto interessa ao cinema e à TV e sempre foi segundo esta atitude que se filmaram os recitais».

«Donde», prosseguiu congeminando, «a única questão a resolver é: que vou filmar do pianista e do piano?».

E passou à enumeração de todos os planos possíveis, segundo diferentes tomadas de imagem. Havia as mãos nas teclas, os pés nos pedais, o corpo, a cabeça, a expressão fisionómica, as cordas a serem percutidas, os vários ângulos de observação do conjunto piano-pianista, etc.

CONVERGÊNCIA E CONTRADIÇÃO ENTRE O GESTO E O SOM

Ocorreu-lhe então que tudo isto constituía, por assim dizer, um discurso autónomo: «a diferentes pianistas hão-de corresponder diferentes maneiras de tocar.»

Como apanhar a **diferença**? Não a diferença puramente exterior, mas a diferença profunda que se exprime no equilíbrio de forças físicas e se traduz na **diferença de som**, extraído do mesmo piano e da mesma partitura? — Outra questão para a qual derivou o curso das suas reflexões. Pôs-se a imaginar situações contraditórias: um pianista forçando uma fisionomia vigorosa (num fortíssimo exigido pela partitura) sem conseguir das teclas a percussão do som correspondente; ou exibindo um sorriso beatífico, num desenho melódico que fazia ecoar apenas fraco ou débil... Como ler com as câmaras esta linguagem feita da convergência ou da contradição entre o gesto e o som?

Pensou no seu tempo de aluno do Conservatório de Arte Dramática, quando estudava e ensaiava a direcção de actores. Lembrara-se, de repente, de um princípio básico de Stanislavsky, que também se aplicava aos executantes de obras musicais. Procurou o livro na estante abriu-o e leu em certo passo:

«...é necessário que o actor me responda com toda a sinceridade o que fará fisicamente, isto é, como irá agir (e não, de modo algum, sentir — que Deus o livre de tal!) nas circunstâncias criadas pelo poeta, pelo encenador, pelo decorador, pelo próprio actor com a sua imaginação, pelo técnico electricista, etc. Se e quando estes actos físicos forem claramente precisados, bastará ao actor realizá-los fisicamente. (Digo bem: realizá-los fisicamente e não vivê-los, porque o acto físico correcto engendra espontaneamente o reviver. Mas se se segue o caminho inverso e se começa por pensar no sentimento (...), o sentimento degenera em cabotinismo e a acção em imitação superficial.»

«Também num pianista pensou o nosso realizador — é da correcção do acto físico, na abordagem do piano, que depende o sentido do som, a sua real carga expressiva, a sua correspondência a uma concepção interior do artista perante a proposta de uma partitura ou o curso de uma improvisação. O que eu tenho de apanhar é essa tensão extremamente rica entre o corpo do executante (os seus actos físicos) e o som que ele arranca do piano. Descobrir onde há verdade e onde há contradições...»

OUTRA VEZ A PARTITURA

Sim, mas... no caso de um recital Beethoven-Schumann não se pode passar à margem de uma coisa chamada partitura, nem do que ela reflecte do pensamento musical do autor: «Pode haver do pianista uma concepção assumida, coerente, de certa partitura, que não seja partilhada por outros pianistas. As várias concepções são de certo modo legítimas, desde que responsavelmente sentidas e elaboradas pelos artistas, e desde que eles as transponham em acto físico de execução. Será possível ler para o filme também estas diferenças?»

«E como filmar com fidelidade a uma ideia que temos de Beethoven e de Schumann? Ou que eu tenho de ambos os compositores através de um conjunto de informações e de relacionações? Ou que o interprete tem e previamente me trasmite? Pois não é que Beethoven e Schumann devem reviver no piano, e que o meu dever, como realizador, é pelo menos impedir que a leitura da câmara distraia o espectador dessa **mensagem**? Estava de novo no princípio. Excluída a solução visual da partitura (ou até mesmo da partitura autógrafa), como tornar a câmara «mais schumaniana» ou «mais beethoveniana»?

«Fazendo talvez um filme paralelo sobre o som do recital», pensou. «Um filme baseado num estudo muito profundo da idiossincrasia de cada um dos compositores (da idiossincrasia que se representa na sua música), em função da época (das condições concretas de tempo e de lugar) e da focagem actual. Reelaborar, enfim, a minha ideia ou a nossa ideia de Beethoven e Schumann, através dos meios específicos que o cinema pode proporcionar...»

«Mas isso já não seria filmar

Continua na pág. 18

ADOQUE teatro
Tel. 874476

UMA BARRIGADA DE RISO!!!

DURANTE UMA CURTA TEMPORADA

ROUPA VELHA

SEIS ANOS DE REVISTAS
EM DUAS HORAS DE GARGALHADAS!

ATENÇÃO AOS HORÁRIOS:
DE SEGUNDA A QUINTA-FEIRA
ÀS 21.30 H.
AS SEXTAS E SÁBADOS
ÀS 20.30 E 22.45 H.
NO DOMINGO AS 16.00 E 21.30 H.
FOLGA ÀS QUARTAS-FEIRAS
MARTIM MONIZ (METRO SOCORRO)

NÃO ACONS. A MENORES DE 18 ANOS

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
da Câmara Municipal do Barreiro

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE 15 AUTOCARROS PARA TRANSPORTE PÚBLICO DE PASSAGEIROS

Os Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro tornam público que se encontra aberto concurso para o fornecimento de 15 autocarros destinados ao transporte público de passageiros.

As propostas deverão dar entrada nos Serviços Municipalizados até às dezassete horas e trinta minutos do dia 14 de Junho de 1978, entregues em mão pelos concorrentes ou seus representantes, ou remetidos pelo correio, sob registo com aviso de recepção.

Os Serviços Municipalizados manterão durante as horas normais de expediente, nas suas instalações, à disposição dos concorrentes, para consulta, desde a data do respectivo anúncio até ao dia e hora do acto público do concurso, o «Programa de Concurso» e «Caderno de Encargos», os quais poderão ser fornecidos aos concorrentes que o solicitem.

Barreiro, 8 de Maio de 1978

O Presidente do Conselho de Administração

CÚSCÚS
ESPECIALIDADE ÁRABE
PRATOS INDIVIDUAIS A 80$00
Jante todos os dias a partir das 20.30H no
BONAPARTE
Rua de S. Miguel, 70 - ALFAMA
Tel. 872761

Canal da Crítica

TV JAZZ E TV JAZ

MARIO CASTRIM

. Este TV JAZZ é exclusivamente dedicado à música que o quarteto do saxofonista e flautista Rao Kyao apresentou no 7.º Festival Internacional de Jazz de Cascais, que se realizou em Novembro de 1977. As câmaras da RTP estiveram lá para gravar e agora dar a conhecer ao País a música que estes quatro portugueses criaram naquela noite.

8 Antes porém, e de maneira breve, apenas uns tópicos gerais sobre o que penso ter sido, e o que é, a aceitação deste tipo de música em Portugal.

Assim, para começar, devo dizer-vos que o fim do fascismo neste País nada alterou o panorama da divulgação e prática do chamado jazz. Aliás, o fomento do gosto pela música e da aprendizagem das suas técnicas continua, a não existir. Musicalmente, este País é um silêncio, e isto vale para qualquer tipo de música.

Exemplo: a RTP dispõe da gravação de um excelente concerto do pianista Bill Evans no teatro S. Carlos, em Lisboa, em 1975, programa cujo realizador foi posteriormente afastado em Novembro desse ano. O programa até hoje não foi transmitido.

É de facto um crime o analfabetismo também musical ainda estar triunfante por cá e com sinais de permanecer por muito tempo, dado, por um lado, o alheamento que o poder manifesta neste campo e, dado por outro lado, o descaramento com que o imperialismo e os seus cúmplices internos ainda colonizam musicalmente os portugueses. A esmagadora programação da Rádio, da Televisão e da Imprensa que diz dedicar-se à música, ignora intencionalmente a verdadeira música popular, a importantíssima canção de intervenção e qualquer tipo de música. Por outro lado, promove todo o lixo estrangeiro nacional, alienante e embrutecedor. As divisas saem a grande velocidade pela fronteira fora, em troca de discos e discos, que se vendem a preços altíssimos que nos dão a conhecer, regra geral, o pior que as ricas multinacionais publicam e impingem. O panorama da música com M grande, mantém-se inalterável em Portugal, o que é revoltante e ofensivo.

De facto, o que veio agitar e confundir ainda mais a divulgação do chamado jazz neste País, foi o Festival de Cascais, que é anual e outonal desde 1971.

Milhares de pessoas estão lá um fim-de-semana por ano, mas, na realidade, mais nada acontece nas outras semanas.

A ignorância, a impossibilidade de distinguir o mau do bom, a histeria sem fundamento é a dominante no comportamento do público em Cascais. Tudo é bom, todos visam, o critério não existe. A confusão generalizou-se e a um simples concerto já se chama festival e no festival tudo o que vem à rede é peixe. A divulgação formativa não existe. Estilos e valores confundem-se num grande pandemónio de poeira, fumo, álcool, lucro e excitação.

Os festivais de Cascais são os responsáveis por terem ampliado a confusão que agora é anual e generalizada.

A prática entre os músicos portugueses é mínima e muito pobre. Desaguam no jazz vindos doutras linguagens musicais com vícios de discurso sem remédio. Ou é o do rock ou é a da erudita, porque no jazz poucos habitam ou lá cresceram.

Claro que este não é um panorama exclusivamente português, é europeu ocidental, área onde o poder quer incluir Portugal também culturalmente.

É aliás a política dum sistema capitalista ou semi.

Assim o esforço ou a dedicação a este tipo de música criativa neste País hoje e ainda só aparece em casos isolados, apaixonados, desligados e sem justificação no contexto. Rao Kyao no jazz é o Agostinho do ciclismo, o Carlos Lopes do atletismo, a excepção num país de silêncio musical, num país sem ciclistas ou atletas.

É positivo o balanço final da música que apresentou em Cascais o ano passado. Rao já sabe o que quer e no estilo que optou está à vontade e maduro, com som conseguido e discurso fácil. Os músicos que o acompanharam naquela noite e que só de vez em quando com ele tocam, cumpriram, embora Celso em baixo tivesse abusado do volume do som que prejudicou a sua actuação, embora Mamede em bateria evidenciasse o pouco contacto que tem com este tipo de música, embora Pinho da Silva em piano tivesse dificuldades de fraseado em tempo rápido.

Foi bom ouvir este quarteto embora o próprio Rao Kyao fosse arrastado pelas exigências exageradas do público, embora o próprio Rao Kyao errasse na duração certa dos seus solos. Há que ter em conta que um discurso muito longo nem sempre encerra mais conceitos interessantes e audíveis. Pelo contrário, às vezes o orador começa a repetir-se, com a imaginação a fugir-lhe. Enfim, a quem precisa de música na sua vida e, somos todos nós, restam agora poucas possibilidades de tornar a ouvir Rao: ou frequentar o submundo lisboeta de clubes onde o jazz aparece de vez em quando, ou usar um dos dois discos dele já publicados, ou esperar pacientemente por Cascais este ano, se é que Rao lá estará presente.

A RTP pede-me para esclarecer a propósito da minha observação sobre o concerto de Bill Evans o seguinte que passo a citar textualmente: **Tendo este trabalho ficado incompleto à data do afastamento do seu autor, o realizador Manuel Ruas, razões deontológicas óbvias que não são facilmente resolúveis, impedem naturalmente a conclusão gravação de determinadas sequências, montagem, legendagem, etc. do referido programa, motivo exclusivo pelo qual esse concerto de Bill Evans ainda não pôde ser apresentado até agora.**

(José Duarte - 6 de Novembro)

P.S. O texto que acabaram de ler foi pronunciado por José Duarte faz hoje precisamente uma semana, perante as câmaras da Televisão.

Trata-se, pela importância do seu esclarecimento, pela lucidez de análise, pela simplicidade da exposição de uma intervenção cultural de grande interesse. Digamos, já que falamos de «jazz», que se trata de um «solo» bem tirado, com um poder a que já não estamos habituados há muito tempo. Soubesse e quisesse a Televisão escolher a preceito os seus colaboradores e outra seria a alma da pobrezinha.

Quanto ao esclarecimento da RTP sobre os motivos da não transmissão do recital de Bill Evans, o menos que se pode é sublinhar a sua fragilidade.

Quer dizer: Manuel Ruas foi despedido pela RTP por motivos políticos (com perdão para os «direitos humanos» do nosso país...) e, enquanto funcionário da RTP, produziu determinado trabalho. De excelente qualidade, segundo se crê. O trabalho ficou incompleto faltam as legendas e mais não sei quê. Como Manuel Ruas já não é funcionário da RTP, esta acha que não deve utilizar esse trabalho.

Respeitemos os seus escrúpulos. Mas, dado que se trata de uma peça com muito interesse, procurou a RTP contornar o problema, entrando, por exemplo, em contacto com Manuel Ruas, com vista ao acabamento da obra, por ele ou outra pessoa profissionalmente válida!

Se calhar, não fez isso. Não o fez decerto por sentir a consciência pesada, intranquila. Coitada de ti, RTP, que tão ao fundo do abismo desceste. Tão ao fundo que não acreditas na tua própria salvação.

Vá, entra já em contacto com o realizador Manuel Ruas. Quanto mais cedo, melhor. De qualquer jeito, mais tarde ou mais cedo terás de lhe pedir desculpa, a ele e aos outros a quem tiraste o pão pelo simples facto de não pensarem como tu, pelo «crime» de serem democratas. «Crime» que, depois de 25 de Abril, tem qualquer coisa de absurdo conforme as lógicas, está claro. — M. C.

TEATRO
DO NOSSO TEMPO
a presenta
RTX 78/24
tenho ou não tenho razão?
de António Gedeão
2.º mês
de António Gedeão
Sábados e domingos
às 21.30 h
P. José Fontana, 12-B
Tel. 574037-573831
M/13 anos Sub. Sec.

HOJE E AMANHÃ
AS 24 HORAS

MADEIRA
Viagens de «Fim de Semana» e «Semana». Partidas semanais de Abril a Outubro. Preços desde 2.850$00
AÇORES
Visitando S. Miguel, Terceira e Faial. Viagens de 8, 9 e 10 dias. Partidas semanais de Junho a Setembro. Preços desde 8.500$00.
Programas e reservas
VIAGENS RAWES
Expediente Travessa Corpo Santo, 15
Correspondência R. Bernardino Costa, 47
Lisboa 2 Tel. 370231

TEATRO ABC
Tel. 366745
Hoje e todas as noites às 20.30 e 22.45
Aos Domingos Matinée às 16
SÉRGIO AZEVEDO apresenta
A REVISTA ONDE, SEM MEDO, SE DIZEM AS VERDADES

de: Eduardo Damas Carlos Coelho
Colaboração de Octávio de Matos
Música de: Manuel Paião, Thilo Krasmenn e Nuno Nazareth Fernandes

Hoje

Uma cena de «O Espelho dos Acácios»

I PROGRAMA

16.25 **«Uma Casa na Pradaria»** «A Noiva do Médico (16.º episódio).
17.30 **Reportagem do Exterior**
19.10 **Em Foco** retrospectiva de acontecimentos da semana, entrevistas, comentários, reportagens e curiosidades.
20.00 **«Marco Visconti»** 5.º episódio.
21.00 **Telejornal** 2.ª edição.
21.30 **Boletim Meteorológico**
21.35 **«Espelho dos Acácios»** com Nicolau Breyner. Um original de César de Oliveira e Nuno da Câmara. Produção: Topsom. Direcção de actores de Maria Helena Matos. Direcção musical de Jorge Machado. Realização de Pedro Martins.
22.35 **Telejornal** 3.ª edição.
22.40 **Sábado Especial** «A Fera Adormecida», um filme realizado por Victor Hambury (Joseph Losey). Intérpretes: Dirk Bogard, Alexis Smith, Alexander Knox e Hugh Griffith.
00.15 Fecho

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

21.00 **Telejornal**
21.30 **Recital de Violino e Piano** por Gerardo Ribeiro e Fernando Jorge Azevedo, ao piano, que tocam a Sonata n.º 9, em lá maior, op. 47 «Kreutzer», de Beethoven.
22.05 **Cinema de Animação**
22.40 **João Villaret** 7.º programa.
23.10 Fecho

GRUNDIG
QUALIDADE EM TODA A LINHA
DESTAQUES
I PROGRAMA
«O Espelho dos Acácios» (21.35)
II PROGRAMA
Recital de Violino e Piano (21.30)

Amanhã

I PROGRAMA

12.30: Missa de Domingo, **13.10**: Rosa Formosa **13.40**: Desenhos Animados; **14.00**: Telejornal 1.ª edição; **14.15** TV Rural; **14.45**: O Povo e a Música; **15.10**: «A Canção de Lisboa» filme português, **17.20** Uma Festa na Beira Baixa; **18.00**: A Loja do Mestre André; **19.30**: Grande Encontro; **20.30**: Os Marretas; **21.00**: Telejornal 2.ª edição **21.35** Boletim Meteorológico; **21.40**: A Festa da Música; **22.10**: «Novas Histórias de Bolamy» «10.º episódio; **23.00**: Telefutebol, **23.30** Telejornal 3.ª edição **23.45** Fecho.

II PROGRAMA

21.00: Telejornal; **21.35**: Cinemateca «As Pupilas do Sr. Reitor» **23.00** Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS
PERMANENTE
Telefs. 88 27 86 - 89
Avenida S. João de Deus, 13-B

"EUROPEU" DE HÓQUEI EM PATINS JUNIOR

Quando a goleada não ajuda à festa

Portugal derrotou a França, por 10-2, com 3-1 ao intervalo, em encontro a contar para a terceira jornada do Campeonato da Europa de Juniores de Hóquei em Patins, ontem disputado no Pavilhão Polidesportivo do Colégio Claret, em Sevilha. Marcaram por Portugal, Rocha (aos 7, 17.30 e 33 minutos), Ventura (11, 19, 23.30), Leste (9 e 17) e Almas (29). Os golos da França foram apontados por Lalet (aos 9 minutos) e Costandet (26.30). Arbitrou a partida o alemão federal Frigge, e as equipas alinharam:

PORTUGAL — José Manuel (Fernandes); Renato, Ventura, Rocha, Leste, Campelo e Almas.

FRANÇA — Renaud (Moulard); Coudyser, Lafargue, Castandet, Suron, Lalet e Vandendriessche.

Uma vez mais, nada a opôr ao triunfo de Portugal, que terá disputado, ontem, o jogo mais fácil que lhe falta cumprir até final do campeonato. Claro que o marcador expressa, por si só, a clara superioridade de Portugal e pouco ou nada haveria a dizer caso a selecção portuguesa não tivesse realizado uma exibição que primou pela irregularidade. Na verdade, durante o primeiro tempo, a actuação de Portugal foi pouco menos do que decepcionante, e isto porque Ventura foi uma sombra daquilo a que nos habituou e a que se juntou o desacerto absoluto dos atacantes Rocha e Leste.

Muitos passes extraviados, algumas bolas perdidas por nítida desatenção, tabelas que não resultaram e, a culminar, falta de pontaria no remate, o que chegou a desesperar o responsável português. Marcaram-se até ao intervalo, três golos, e muitos mais se poderiam ter obtido se não fossem as lacunas apontadas. Além disso, sofreu-se, nesse período, mais um golo, porque a defesa portuguesa estava a pensar não sabemos em quê: num lance que lhe pertencia, os defensores permitiram que um francês batesse José Manuel. Na segunda parte, como que por encanto, tudo se processou de maneira diferente, até ao momento em que a França marcou o segundo golo, quando o resultado estava em 7-1. Possivelmente acicatados pelo que Luís Barata lhes terá dito nas cabinas, ao intervalo, os portugueses regressaram à pista com outra disposição e clarividência.

Ventura, finalmente, foi igual a ele próprio, lançando a equipa para uma toada sistematicamente atacante, bem mais certa, rápida e imaginativa do que no primeiro tempo. Juntou-se a isso, um muito maior entendimento da dupla atacante, e, então, os franceses viram-se completamente sufocados pelas jogadas de ataque de Portugal, sempre variadas e mais objectivas. Os golos foram-se acumulando, como reflexo dessa melhoria, até que Fernandes consentiu um tento infantilmente, deixando passar a bola por baixo do corpo. Talvez perturbada por isso, e ainda porque Luís Barata fizera várias substituições, a equipa nacional voltou a entrar numa fase de nítido e incompreensível descontrolo. Regressaram os passes mal feitos, as hesitações, os remates sem nexo nem direcção, e, de novo, ficou no ar uma intigrante interrogação quanto às razões da irregularidade de Portugal.

Enfim, ganhou-se bem e nem tudo foi mau, até porque nos primeiros doze minutos do segundo tempo a actuação de Portugal foi, na realidade, bastante positiva e agradável. Ventura voltou a ser o jogador português mais em evidência, seguido de perto por Rocha. Leste esteve, novamente, em noite de pouca inspiração, causando algumas apreensões quanto ao seu rendimento até final da prova. Apreensiva continua a ser, também, a actuação da defesa, pouco segura e coesa, tendo sofrido já três golos em contraste com a Espanha que, com 24 golos marcados, ainda não sofreu um único. De registar que houve um cartão amarelo mostrado a Ventura, e que a arbitragem do alemão federal Frigge foi irregular do ponto de vista técnico, e bom disciplinarmente. A classificação geral é agora a seguinte:

Classificação

1.º, Espanha, 4j., 4v., 24-0g. e 12p.; 2.º, Itália, 4j., 3v., 1d., 12-8 e 10p.; 3.º, Portugal, 3j., 3v., 23-3g. e 9p.; 4.º, Holanda, 3j., 2v., 1d., 9-6g. e 7p; 5.º, França, 4j., 1v., 3d., 7-20g. e 6p.; 6.º, Alemanha Federal, 3j., 1v., 2d., 6-9g. e 5p; 7.º, Inglaterra, 4j. 4d., 1-26g. e 4p.; 8.º, Suíça, 3j., 3d., 1-12g. e 3p.

Portugal defronta amanhã a Itália e a Espanha

Grupo Desportivo Unidos de Olivais-Sul

As crianças de Olivais-Sul que a Câmara Municipal de Lisboa tentou afastar da prática de ginástica e atletismo, em condições que o «DL» noticiou na devida altura, «despejando-as da Quinta do Contador-Mor», há muitos anos vaga e ocupada pela Comissão de Moradores para fazer dos meninos e meninas de hoje homens sãos para um amanhã que todos desejamos ridente, exercitam-se presentemente na Escola da Rua Cidade de Nampula, também naquela área, por intervenção do governador Civil, JJosé Manuel Duarte. Um dos dirigentes do Grupo Desportivo Unidos de Olivais-Sul telefonou esta manhã para o nosso jornal a fim de nos informar que, felizmente, as crianças da área (há três meses, eram cerca de 300; hoje são 480) escaparam às intemperies (exercícios e corridas ao ar livre) que os técnicos da CML, com a sua decisão de reocupar as instalações do ateiier daquela quinta, lhes procuraram «proporcionar» com o «despejo», adiamando-nos ainda, em relação a tal atitude dos responsáveis do Município, que «não nos calamos, pois o Desporto está consignado na Constituição.

VOLEIBOL

Leixões-FC do Porto (hoje) é teste para o ceptro

É ao FC Porto, mantendo incólumes as suas aspirações em renovar o título nacional de voleibol, que cabe o fim-de-semana mais ingrato, pois tem de defrontar o Leixões (que «sonha» ainda com o terceiro lugar), hoje, e o Esmoriz amanhã, enquanto o Benfica, na segunda posição, terçará esta tarde 18 horas) armas com o CDUL, e amanhã, como visitante, com o Técnico, equipa que, juntamente com os leixonenses e o Esmoriz, luta para o campeonato dos terceiros.

Ainda quanto ao 3.º lugar, regista-se o facto do Técnico se aprestar (e amanhã, ante os «encarnados», poderá prová-lo) como principal candidato, tendo em conta que nos anteriores encontros derrotou os seus mais directos opositores — Leixões e Esmoriz — por 3-1 e 3-0, respectivamente.

Vejamos os encontros de hoje, 11.ª Jornada: Leixões-FC Porto (0-3, na 1.ª volta), Pav. Siza Vieira, às 22.00 h; Sp Espinho-Esmoriz (1-3), 22.30, Pav. Sp. Espinho; Lisboa Ginásio-Técnico, (1-3), 19.00, Esc. N. Gonçalves; Benfica-CDUL, (3-0), 18.00, Pav. da Luz.

E de manhã, 12.ª Jornada: Sp. Espinho-Leixões, (0-3), 21.30, Pav. Sp. Espinho; Esmoriz-FC Porto (0-3), 21.30, Pav. de Esmoriz; Técnico-Benfica, (0-3), 15.30, Gin. do Técnico; CDUL-Lisboa Ginásio (0-3), 17.30, Pav. Uni. Lisboa.

Em voleibol feminino, o desafio mais importante oporá as meninas do Vila Real às do Leixões. As leixonenses, campeãs nacionais, são favoritas, e poderão confirmar o seu triunfo

O calendário para hoje e amanhã, igualmente 11.ª e 12.ª jornadas, é o seguinte: Leixões-CDUP (3-0, na 1.ª volta), 20.30, Pav. Siza Vieira; Vila Real-Vit. Guimarães (3-0), 18.00, Pav de V. Real; Benfica-CDUL (1-3), 17.00 Pav. da Luz. Folga o Atlético; 12.ª Jornada: Vila Real Leixões (0-3), 18.00, Pav. de Vila Real; Vit. Guimarães-CDUP (2-3), 11.30, Pav. de Guimarães; CDUL-Atlético (3-0), 11.00, Pav. Uni-Lisboa. Folga o Benfica.

Centro de Carenque: 43 anos

O Centro Popular dos Trabalhadores de Carenque festeja em 28 do corrente o seu 43.º aniversário, tendo programado um vasto rol de actividades e demonstrações artísticas entre 26 de Maio e 4 de Junho, em consonância com todos esses anos de vida. Assim, no primeiro dia de festa, uma sexta-feira, proceder-se-á à abertura com o Grupo Coral dos Alentejanos do CPTC, às 21 horas, para, pouco depois, o Grupo de Teatro «Comuna» apresentar a peça «Mãe». No sábado, 27, haverá atlevismo (às 10 horas), gincana de motorizadas (16) e baile, à noite. No domingo (Dia Grande) Alvorada pelas 7 horas, içar da bandeira, banda e desfile de atletas, futebol, pingue-pongue e cinema (à noite). No dia 29 decorrerá um colóquio sobre Desporto em geral, na Verbena de Carenque, no qual tomarão parte um médico, um futebolista, um atleta e um jornalista desportivo, provavelmente um redactor do «Diário de Lisboa», para o efeito convidado pela organização do CPTC. As comemorações alusivas ao 43.º aniversário da simpática e popular colectividade continuarão nos dias 30 e 31 do corrente até 4 de Junho, sendo de realcar que, no dia 2 do próximo mês, haverá uma sessão de fados. Entretanto, o Grupo Desportivo de Carenque espera um subsídio (já prometido) da DGD para obras no seu campo, que a gravura reproduz com as carências que dele ressaltam.

"VUELTA" TERMINA AMANHÃ

Hinault: o triunfo a seus pés

Os 50 segundos que separam, no topo, Bernard Hinault de José Pesarrodona, deverão chegar ao primeiro para entrar amanhã, na última etapa desta edição da «Vuelta», com o «amarelo» bem agarrado ao dorso e triunfar na terceira mais importante prova velocipédica da Europa. A «Gitane», equipa do guia, tem, entretanto, outro homem bem classificado, Bernardeau, a 45 segundos de Pesarrodona, pelo que as suas esperanças de vencer individualmente a prova são ainda mais animadoras.

A prova entrou ontem na região de Biscaia, com a ligação Ampuero-Bilbau. José Henrique Cima venceu a (17.ª) tirada, na extensão de 123 km, gastando no percurso 3 h, 31 m e 11 s, à média de 34,945 km/h. José Martins, que perdeu 4 s em relação a Cima conservou o 24.º lugar.

A «ordem» na tirada de ontem: 1.º Enrique Cima (Esp.) 3.31,11; 2.º Ferdi van Den Haute (Bel.) 3.31,13; 3.º Enrique Martinez Heredia (Esp.) 3.31,14; 4.º Eulálio Garcia (Esp.) 3.31,15; e 7.º Bernard Hinault (Fra.); 8.º José Luís Mayoz (Esp.); 10.º José Pesarrodona (Esp.), todos com o mesmo tempo; e 21.º José Martins (Por.), todos com 3.31,15.

Geral: 1.º Bernard Hinault (Fra.), 79.01,26; 2.º José Pesarrodona (Esp.) 79.02,16; 3.º Jean-René Bernardeau (Fra.), 79.03.01: 4.º Eulálio Garcia (Esp.), 79.03,41; 5.º Adrianus Schippers (Hol.) 79.03,42; 6.º Vicente Lopez-Carril (Esp.) 79.04,48; 7.º Ferdi van Den Haute (Bel.), 79.05,15; 24.º José Martins (Por.) 79.23,55.

«GIRO»: DE MUYNCK

O belga Rik van Linden venceu a 5.ª etapa da Volta à Itália, entre Prato e Cattolica, na distância de 200 quilómetros, averbando assim a sua segunda vitória (para já) individual na prova, pois havia ganho a primeira ligação. O domínio dos ciclistas flamengos (belgas), aliás, tem-se tornado evidente nesta primeira parte do «Giro», ainda a decorrer em terrenos planos.

Na «geral», é outro belga que se impõe, Johan de Muynck, um ciclista de grande estofo que apareceu depois de Fredy Maertens e disposto a disputar com este a liderança da velocipedia do seu país

Classificação na etapa: 1.º Rik van Linden (Bélg.) 5h 51 m 04 s à média de 34,180 km/h; 2.º Moser (It.); 3.º Marino Basso (It); 4.º Roger de Vlaeminck (Bélg.) e o 5.º Alphons de Bal (Bélg.), todos com o mesmo tempo.

«Geral»: 1.º Johan de Muynck (Bélg.) 21 h 04 m 51 s; 2.º Thurau (RFA), a 8 s; 3.º Francesco Moser (It) a 15; 4.º Knut Knudsen (Nor. a 10,6; 5.º Roger de Vlaeminck (Bélg.) a 33 e 6.º Giuseppe Saronni (It.) a 35.

PASSAPORTES
Aviso Importante
Os passaportes tirados há cerca de 5 anos ou mais deverão ser-nos enviados para obtenção de novos
agencia abreu
LISBOA Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341

...TAÇÃO...
...PROBLEMA? JÁ NÃO É!
...CONTACTE-NOS AINDA HOJE
...compra e venda de propriedades todos os géneros, todos os locais, nas melhores condições e preços.
...terrenos para todos os fins
...elma
tel. 578231

"NACIONAIS" DO COURO

Benfica, viagem curta: e que futuro?

..Feirense-Boavista e Sporting-Guimarães, no campo dos primeiros (Estádios «Marcolino Castro» e «José Alvalade») abriram esta 26.ª ronda do «Nacional» maior, enquanto Leixões-União de Lamas e Luso-Vasco da Gama, nas Zonas Norte e Sul, respectivamente, constituem (e estão, como aqueles encontros, a decorrer) aperitivos no escalão imediatamente secundário.

Outros jogos desta tarde, III Divisão: Pêro Pinheiro-Bucelenses e Paio Pires-Desportivo de Beja, que começaram às 16 horas, e Prado-Tadim, marcado para as 21 e 30. Relativamente a iniciados (o que quer dizer que apenas o escalão júnior não teve desafios antecipados) temos Olhanense-Zona Azul e Serpa-Portimonense.

Entretanto, para amanhã, e na I Divisão, há vários encontros a suscitar as atenções gerais, não só pela sua importância em relação aos primeiros lugares (caso do Setúbal-Benfica), quer no que concerne à luta dos «últimos», primordialmente o jogo das Amoreiras, entre o Estoril e o Portimonense. Todos principiam às 16 horas e, além daqueles, mais estes: Braga-Académico, FC do Porto-Espinho, Riopele-Varzim (em Santo Tirso) e Belenenses-Marítimo.

II DIVISÃO

Quanto à II Divisão (compitas a partir das 16 horas), na Zona Sul são estes os confrontos: Cova da Piedade-Atlético, Nacional-Odivelas, Lusitano-Olhanense, CUF-Barreirense, Farense-Juventude, Sesimbra-Almada, e Amora-Montijo.

Zona Centro: Peniche-Covilhã, U. Santarém-Beira-Mar, U. Tomar-U. Leiria, Mangualde-E. Portalegre, Portalegrense-Acad. Viseu, Marrazes-Sintrense, Águeda-Marinhense, e U. Coimbra-Cartaxo. Nona Norte: Fafe-Rio Ave, Vianense-Régua, Penafiel-Famalicão, Paços de Ferreira-Sanjoanense, Lourosa-Aliados, Vila Real-Gil Vicente, e Chaves-Paços de Brandão.

III DIVISÃO

Para o escalão n.º 3, teremos:

Série A — Vizela-Cabeceirense, Monção-Mondinense, Ribeira de Pena-Joane, Aves-Macedo de Cavaleiros, Mirandela-Tirsense, Bragança-Limianos e Maria da Fonte-Valdevez. Série B — Amarante-Sampedrense, Cucujães-Valecambrense, Bustelo-Paredes, Vilanovense-Salgueiros, Infesta-Avintes, Freamunde-Oliveirense, Lamego-Perosinho e Leverense-Arrifanense.

Série C — Ançã-Tocha, Febres-Oliveira do Bairro, Tondela-Gonçalvense, Viseu e Benfica-Alba, Gouveia-Naval, Guarda-Molelos, Anadia-Marialvas e Covilhã e Benfica-Carapinhenses. Série D — Eléctrico-Batalha, Lousanense-Torriense, Alcanenense-Nazarenos, Bombarralenses-Desport. Castelo Branco, Benfica e Castelo Branco-Amiense, Alcobaça-Torres Novas, Almeirim-Caldas e Condestável-Matrena.

Série E — Borbense-Sacavenense, Vitória Lisboa-Campomaiorense, S.L. Olivais-Elvas (em Moscavide), Elvense-Desportivo Olivais, Loures-Sousense, Casa Pia-Benavente e Alverca-Oriental. Série F — Rosairense-Seixal, Aljustrelense-U. Montemor, Serpa-Quarteirense, U. Santiago-Costa Caparica, Silves-Reguengos, Marítimo Olhanense-Alcochetense e Esperança Lagos-Sarilhense.

JUVENIS

Os encontros de juvenis começam às 11 horas. Eis a ordem:

Zona A — 1.ª **Série**: V. Guimarães-Braga e Caminha-Limianos. 2.ª **Série**: Mirandela-Chaves e Vila Real-Bragança. 3.ª **Série**: Vizela-Freamunde e Tirsense-Varzim. 4.ª **Série**: Espinho-F.C. Porto e Leixões-Arcozelo. **Zona B**. 5.ª **Série**: Gondomar-Oliveira Douro e Douro-Cracks. 6.ª **Série**: Lourosa-Anadia e Feirense-Valecambrense. 7.ª **Série**: Covilhã-Celoricense e Mangualde-Vilanovense 8.ª **Série**. Académico Coimbra-Benfica Castelo Branco e U. Coimbra-Sp. Pombal.

Zona C — 9.ª **Série** — U. Tomar-Portalegrense e Estrela Portalegre-Tramagal. 10.ª **Série**: Peniche-Almeirim e U. Santarém-Cartaxo. 11.ª **Série**: Sintrense-Belenenses e Vilafranquense-Torriense. 12.ª **Série**: Arrentela-Unidos e Sporting-Montijo.

Zona D — 13.ª **Série**: Estoril Pinhalnovense e Benfica-Almada. 14.ª **Série**: Desportivo Olivais-Estrela Amadora e CUF-União Algés. 15.ª **Série**: Sp. Cuba-V. Setúbal e Estrela Vendas Novas-Calipolense. 16.ª **Série**: Lusitano-Farense e Silves-Zona Azul.

INICIADOS

Os iniciados também arrancam às 11 horas. Vejamos o «enquadramento»:

Série A: Leixões-F. C. Porto e Vianense-V. Guimarães. Série B: Chaves-Foz Côa e Cracks-Torres Moncorvo. **Série C**: Cortegaça-S. Félix e Estarreja-Naval. Série D: Académico Coimbra-Fundão e Benfica Castelo Branco-Marinhense.

Série E: Alferrarede-Eléctrico Ponte do Sôr e Estrela Portalegre — Chamusquense. Série F: Belenenses-Benfica e Sporting-Alhandra. **Série G**: Barreirense-Calipolense e C.U.F.-Juventude.

Palhares e Jorge: dois trunfos do Setúbal para o teste (ao Benfica) de amanhã

Bastos Lopes e Celso (potencial substituto e homem para qualquer ocasião): «armas» dos «encarnados»?

OUTRO FUTEBOL

JUVENIS E JUNIORES EM FRANÇA

Há várias equipas portuguesas (Benfica, Estoril, Anadia e FC do Porto) em França, nas categorias de juvenis e juniores. Os juvenis do Benfica alinham hoje contra o Córsega e o Ajax, e amanhã com o Antuérpia, para o Torneio Internacional de La Croix, enquanto os do Estoril participam num torneio organizado pelo Clube Athletique Romain Villois, nos arredores de Paris, entre hoje e segunda-feira, juntamente com o Ipswich, Sparta de Roterdão e o clube organizador. Os juniores do Anadia por seu turno, estarão no Torneio Internacional de Garchizy, Grupo II, com o Crossing (Bélgica), Chatereoux e Morangis, ambos franceses. Aos juniores portuenses (FC do Porto), presentes no Torneio de Dunquerque, caberá defrontarem, esta tarde, o Excelsior da Holanda e ainda o Southampton, Partizan de Belgrado e Standard de Liège.

«DIA DO CLUBE»

Estoril-Portimonense e Operário-Estrela da Amadora, para as I e III Divisões Nacionais, a disputar amanhã, são «Dia do Clube», de acordo com decisões nesse sentido tomadas pelos clubes da casa, indicados em primeiro lugar (Campos das Amoreiras e dos Telefones). O jogo CUF-Barreirense, igualmente amanhã, também é «Dia do Clube».

TÉCNICOS

Enquanto Pedroto afirma («A Bola» de hoje») que Meirim «tornou impossível a unidade dos treinadores», estando marcadas para 5 de Junho as eleições para os corpos dirigentes do novo sindicato da classe, está prevista para sábado a chegada de Pavic, o novo técnico do Sporting.

QUINHENTOS «LEÕES»

Quinhentos «leões» insulares (adeptos do Marítimo) estarão amanhã no Estádio do Restelo para apoiar a sua equipa no jogo (importante para luta que trava a fim de se safar aos últimos lugares) contra o Belenenses.

CONVÍVIO

A equipa de futebol da Federation Sportive et Gymnique du Tavail, em visita a Portugal, defrontou e venceu, ontem à noite, no estádio 1.º de Maio, em Lisboa, uma equipa do Inatel, por 2-1.

O TRAÇO DE PARGANA

A dança do sobe e desce

TÉNIS DE MESA

Palmeiras-Sporting: o título

Jerónimo Pina deverá fazer parte da equipa de ténis do Sporting que antes do fim da tarde (17 horas) defronta o Palmeiras, nas «mesas» deste, para o «Nacional» de seniores. Urge dizer, antes de mais, que é o próprio título que poderá ficar decidido (e atribuído), se a equipa da «casa» se desenvencilhar, como o fez na primeira ronda, dos «leões», pois então ganharam por 5-3. É a própria revalidação do ceptro que está à vista.

Daí, portanto, os aliciantes de que acima demos conta, com Jerónimo Pina, que já na última semana esteve em acção, como «pedra» dos «leões». Restarão então, duas jornadas, não sendo crível que o Palmeiras (se ganhar a competição de hoje) perca qualquer dos confrontos que tem no seu calendário. E (o que é curioso e altamente moralizante), mesmo que se veja esta tarde superado pelo Sporting, desde que seja por desfecho idêntico à sua vitória de Alvalade (5-4), terá todas as possibilidades de arrecadar o título. Mais: até mesmo que seja vencido por 5-3 manterá esperanças de revalidar o ceptro

A mesma hora, e também para o Campeonato Nacional da I divisão, disputar-se-á e outro encontro da ronda, em Leiria, opondo o Atlético Sismaria ao Cultural das Antas.

Mas não se julgue que é apenas em seniores masculinos que a semana é fértil em confrontos opondo o Palmeiras ao Sporting. Não, não é, como o atestará o facto da equipa feminina (sénior) do segundo clube ter ganho (3-2) às meninas do Casa Pia no terceiro encontro disputado entre as duas equipas, vencendo assim a fase regional da Taça de Portugal.

PARA HOJE E AMANHÃ

ANDEBOL

I Divisão — Hoje: FC Porto-Académico, nas Antas, e Belenenses-Sporting, no Restelo, ambos às 21.30. — Nacional feminino — Hoje: U. Leiria-Liceu de Oeiras, em Leiria, às 18; amanhã: Liceu Maria Amália-Escola Carlos Amarante, em Campo de Ourique, às 17.

ATLETISMO

Hoje e amanhã: Nacionais de juniores, no Estádio Nacional (masculinos) e estádio da Luz (femininos), a partir das 16 horas (sábado) e das 9.30 e 16 horas (domingo). — Amanhã: Grande Prémio dos Bombeiros Voluntários de Cascais, na distância de 7 km, a partir das 10 horas.

BASQUETEBOL

I Divisão — Hoje: G. Figueirense-Sporting, no liceu da F. Foz, às 17.30 (transmissão pela RTP) Sangalhos-Barreirense, em Sangalhos, às 21.30; Benfica-Académico, na Luz, às 21.30 — Amanhã: G. Figueirense-Barreirense, no liceu da F. Foz, às 17; Sangalhos-Sporting, em Sangalhos, às 17.30.

III Divisão — Final — Amanhã: [illegible]te-Leça, no pavilhão dos O[illegible] (Coimbra), às 17.30.

HÓQUEI EM PATINS

Campeonato da Europa de juniores, Hoje: Portugal-Suíça às 15, e Portugal-Holanda [illegible] 21.30. Amanhã: Portugal-Itália [illegible]15, [illegible] Portugal-Espanha [illegible]

RÂGUEBI

[illegible] Gosfor[illegible] Misto Nac[illegible] às 18, no [illegible] de Lisboa.

XADREZ

Hoje e amanhã [illegible] Nacional d[illegible] na Socied[illegible] drense, a partir das [illegible] (individual [illegible]) ambos os [illegible].

TÉNIS DE MESA

I Divisão — Hoje: A. S[illegible] no Cultural em Leiria, às 17 [illegible] Palmeiras-Sporting, na L[illegible] 21.15. [illegible] Hoje: Torneio A[illegible] da secção cultural e de[illegible] do Arsenal do Alfeite, no pavilhão D. António da Costa (Almada), a partir das 9.

Bombeiros preparam congresso nacional

Com o objectivo de proceder à preparação do XXIII Congresso Nacional dos bombeiros, marcado para o período de 1 a 10 do próximo mês de Outubro no Estoril, a Liga dos Bombeiros Portugueses realiza no dia 20 uma assembleia de delegados nas instalações do Exército Azul, em Fátima.

Na reunião será analisada a actual situação dos bombeiros portugueses, a constituição de comissões nacionais para assuntos de desporto e socorros a náufragos e respectivos planos de acção. Serão igualmente apreciados o orçamento para o corrente ano, as contas da gerência de 1977 e o relatório do conselho fiscal.

Capricho Moitense faz cinquenta anos

Para comemorar o seu 50º aniversário a Sociedade Filarmónica Capricho Moitense elaborou um programa para todo o mês de Maio, estando previstas as seguintes realizações: hoje, às 21 e 30, «Daqui fala o morto» dia 19, às 21 e 30, «Pensa enquanto tens cabeça»; dia 20, às 16 horas, concerto pela Banda da Sociedade Filarmónica Operário Amorense; dia 24, às 21 e 30, Coral Luísa Tody; dia 25, às 21 e 30, «O Mundo começa às 5,47; dia 28, às 21 e 30, «O regresso do fadista»; dia 27, às 16, concerto pela Banda da Sociedade Filarmónica Capricho Moitense; e às 21 e 30 «Noite de Canto e poesia Popular»; dia 30, às 21 e 30, «Colóquio.

O programa deste ano da colectividade procura ser essencialmente cultural e recreativo, proporcionando assim tributo válido para o preenchimento dos tempos livres dos associados e seus familiares.

Os vencedores do festival agradecendo os aplausos da assistência

FESTIVAL DA CANÇÃO POLÍTICA

"Trovante" e Carlos Paulo qualificados para Cuba

Com o Pavilhão dos Desportos completamente cheio, decorreu ontem com grande êxito o Festival Nacional da Canção Política, destinado a apurar a repesentação portuguesa ao Festival Mundial da Juventude que este ano se realiza em Cuba.

Entre 72 canções, um júri constituído por escritores, músicos e jornalistas seleccionou dez, que desfilaram perante um auditório entusiasmado e talvez admirado com a sua originalidade e elevada qualidade, muitas delas criadas e interpretadas por jovens que pela primeira vez apareciam em público. Por não corresponderem aos requisitos do regulamento, duas das peças apuradas foram interpretadas extraconcurso, a abrir o festival: uma, para flauta e guitarra, de Carlos Calazans; a outra, de um grupo das Caldas da Rainha, que fez um excelente trabalho sobre a «Ode Metálica» de António Gedeão.

Concluída a apresentação das canções, o júri qualificou, para representar Portugal em Cuba, o Grupo Trovante, com a canção «Nuvem Negra», e Carlos Paulo, com a canção «Terra Amada», decisão que, de resto, correspondia também ao voto já expresso pelo público, através dos seus aplausos. Seguiram-se, na classe de solistas: Valentina, que evidenciou uma sólida formação musical, acompanhando-se ao piano, e foi uma das grandes revelações deste festival (extra concurso, faria cantar todo o público, em uníssono o tema da «Ode à Alegria», da **Nona** de Beethoven); Carlos Nina («Vem Juntar-te a Nós»); Fernando Castro («Se as Crianças Fossem Homens»); Jorge Carvalho («Hino Jovem em Termos de Futuro). Na classe de conjuntos, classificaram-se em segundo e em terceiro lugares, respectivamente Gematopa («Pela Amizade e pela Paz») e Musiqueiros («Mundo Novo»).

Numa declaração final, lida por Rui Pedro, o júri aludiu às dificuldades que muitos destes jovens tiveram de vencer para exercitarem a sua imaginação poética e musical, dadas as carências no campo do ensino, que são conhecidas. Por outro lado, sublinhou a elevada qualidade, no seu conjunto, do grupo de trabalhos ontem apresentado, utilizando meios instrumentais bastante diversificados e revelando numerosos executantes de talento.

Carlos Paulo, 2.º classificado

O recital e o filme por fazer

Continuação da pág. 14

um recital! Isso seria outro filme!»

UM FILME COMO NUNCA SE FEZ

Angustiado com tantas interrogações e dúvidas, o imaginativo realizador resolveu adiar a opção final para mais tarde. E foi-se prevenindo com material. Chegado o dia do recital de Sequeira Costa, ali no auditório Gulbenkian, cheio de público, colocou múltiplas câmaras em múltiplos pontos de vista. Uma apontada às mãos e ao seu percurso nas teclas. Outra à fisionomia do intérprete. Outra ainda dando grandes planos das cordas a ser percutidas pelos martelos. Outra ao conjunto piano-pianista, segundo vários ângulos. Outra focando os pedais. Outra ainda virada para o público. Estabeleceu um plano de intermutação entre elas. No fim, tinha obtido seis filmes diferentes, do mesmo recital.

Mediu depois o tempo de execução de cada uma das obras e, sobre esse tempo, filmou sincronicamente do primeiro ao último compasso as partituras.

Com a mesma banda sonora, e após muito estudo e investigação, transpôs para as imagens de um oitavo filme o seu ponto de vista sobre Beethoven e Schumann. Sem palavras. Só com as imagens.

Uma vez reunido todo este material, começou a trabalhar sobre ele. Analisando e comparando, procedeu, com o maior rigor, ao trabalho de montagem.

E o resultado foi um filme em que a mecânica do piano, o esforço do intérprete, a partitura, as reacções do público e a evocação dos compositores ora alternavam, ora se sobrepunham umas às outras. Valera a pena tanto trabalho. Estava realmente ali o recital com os seus pontos altos e as suas frustrações.

Socialismo antogestionário

Várias organizações estrangeiras participam na conferência nacional da Base-FUT, que se realiza hoje e amanhã na cidade do Porto, subordinada ao tema «Socialismo Autogestionário». O secretário-geral da Confederação Mundial do Trabalho participa na reunião.

rádio

1.º Programa

18.00: Transmissão do Teatro S. Luiz da 2.ª parte de um programa de variedades organizado pela Radiodifusão Portuguesa; **18.50**: Um solista; **19.00**: Música variada; **19.30**: Orquestras; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Musica variada; **21.00**: 17.º episódio do folhetim «Grandes Esperanças», de Charles Dickens, numa adaptação de Manuela Machado; **21.20**: Contraponto; **24.00**: Último jornal; **00.20**: Jazz; **00.30**: Conjuntos; **01.00**: Som na madrugada

2.º Programa

17.40: Sinfonia n.º 7, em mi menor, «Canto da Noite», de Mahler; **18.55**: Missa n.º 3, em fá menor, de Bruckner; **20.00**: Poemas sinfónicos; **21.15**: Sonatas para violino e piano; **22.00**: Hoje respondemos por música, por António Vitorino d'Almeida; **22.28**: Recital integrado na Quinzena Romena 1977; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.17**: «Oratória do Natal», de Schutz; **01.00**: Fecho.

3.º Programa Nacional e Regional (294m)

17.30: Basquetebol: relato do jogo Ginasio Figueirense-Sporting; **19.05**: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; **19.20**: Vertical; **19.40**: Prevenção e saúde, pelo dr. José Matildes; **20.15**: O caso da semana; **20.30**: Quando o telefone toca; **21.30**: Hóquei em patins: Campeonato da Europa de Juniores: relato do jogo Portugal-Holanda; **22.30**: Quando o telefone toca; **23.05**: Hora luterana; **23.20**: Suplemento; **24.00**: Suplemento (continuação).

3.º Programa Local (187,5m)

16.00: Convite, **18.00**: Compasso; **18.15**: Sal e pimenta (repetição); **18.30**: Bric-a-brac; **19.03**: Implacável, por Carvalho Ramos; **20.40**: Serviço de agenda; **21.00**: Fecho.

4.º Programa Emissão Total em Estereofonia

16.00: Gong; **19.00**: Em orbita; **20.00**: Forum, realização de Jorge Lopes; **22.00**: Auditorio, **00.00**: Prisma, realização de Fernando Quinas; **02.00**: Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

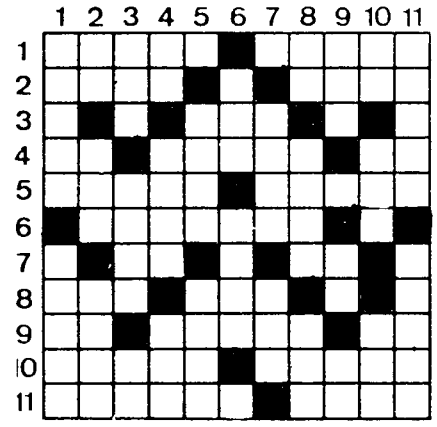
18.08: Apelos; **18.15**: Ao encontro da palavra; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença: **20.00**: Objectivo; **20.53**: Apelos **21.05**: Pentagrama, **22.00**: Quando o telefone toca, **22.30**: Temas vivos; **23.30**: No mundo do trabalho; **23.55**: Meditando

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 12 039

HORIZONTAIS:

1 Prendeis Alem
2 Aquele que Abundancia (pl. e fig.)
3 Recusa
4 Érbio (s.q.) Sente prazer Aparência
5 Bater Que e do ar
6 Membro do senado
7 Sodio (s.q.) Artigo definido
8 Arara Negativa
9 Nota musical Natureza Senhor.
10 Roer Paixao
11 Desenrugas Gasta.



VERTICAIS:

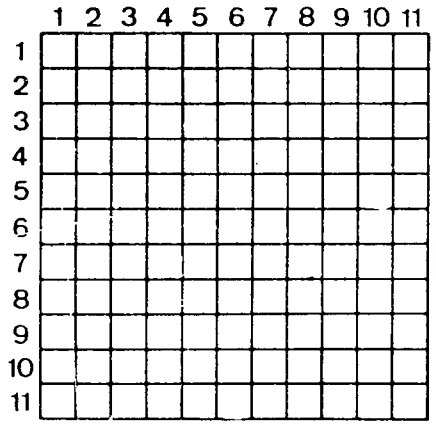
1 Da parte de ca Toucinho fresco
2 Pronome pessoal Chefe etiope Verdadeiro
3 Prefixo que designa ar. Palco Pronome pessoal
4 Prefixo de negação Forne Cabelos brancos
5 Esposa do filho em relação aos pais dele Cidade do Japão.
6 Futeis Fazes doação de.
7 Rei da Baviera que atacado de loucura foi enclausurado no castelo de Fustenried Base Aerea portuguesa
8 Cromio (s.q.) Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar Donzela de Orleães
9 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia Sada Compaixao
10 O lado do vento A mais velha de determinadas mulheres (inv.) Ruido
11 Guarnecera de asas Fortaleza

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 8099

HORIZONTAIS:

1 Chinela Esmurrara
2 Base aérea portuguesa Predestinem
3 Agarrei Citadas
4 Antiga capital do reino de Israel Liga Preposição Adv. nhava
5 Liga Preposição Adv. nhava
6 Cromio (s.q.) Pao de milho Tens
7 Gosta muito de Esmoncais
8 Cremes Pequeno simio do Brasil
9 Preposição e artigo Acredite
10 Relatamos
11 Tribo de indigenas brasileiros Patroes



VERTICAIS:

1 Soltaro Vila e concelho do distrito de Santarem
2 Freguesia do concelho de Alenquer Mana Brisa
3 Tecido transparente de linho ou algodao Prendera
4 Segua Gorgulho tropical
5 Simples Campeao
6 Curamos Cromio (s.q.)
7 Rio da Beira Guarnecera de arames
8 Concede Tempo do verbo ir
9 Juntas aos poucos Moderato
10 Menina (Bras.) Artigo definido
11 Aiteza Serenissima Atravessais

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 038

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Canso Acama	1 Capri Aramo
2 Abaia Capas	2 Abre CHORAM
3 Proas Unira	3 NAO Ga LI
4 Re Risola	4 Siaras
5 Gas Fa	5 Oasis Adita
6 Cas Casar	6 Craves
7 Ah! Arc Nio	7 Acuo Ac
8 Rosaoa Atou	8 CANTES Aros
9 Ar IV Re	9 Apia Antena
10 Mal Te ONDE	10 Mar Frio De
11 Omitas Saem	11 Asara Ourem

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 8098

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Cada Tocara	1 Cre Vas Aer
2 Rios Aramar	2 Ara Retrao
3 Era Anelas	3 Dous Arar
4 Assoa Arta	4 As Soma Asa
5 Osga Eon	5 Aos Use
6 Aram Real	6 Tanagra Tre
7 Sera Arga	7 Ore Aerea
8 Fa eis	8 Cala Agrem
9 Arrastar Br	9 Amarelas Lo
10 Ea Ser Elai	10 Rasto Ba
11 Roma Ermo	11 Ar Animara

Provérbio: ONDE CHORAM NAO CANTES

tempo

SITUAÇAO DO TEMPO ÀS 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral limpo e o vento era fraco a moderado de Nordeste.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	21.º
BRAGANÇA	14.º
VILA REAL	16.º
PORTO	20.º
PENHAS DOURADAS	13.º
COIMBRA	19º
PORTALEGRE	18º
LISBOA	19º
ÉVORA	20º
SINES	18º
BEJA	19º
SAGRES	20º
FARO	22º
PONTA DELGADA	15º
FUNCHAL	21º

TEMPERATURAS EXTREMAS

BRAGA
Maxima 26,9º

PENHAS DA SAÚDE
Minima 5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.50	3,2 m	0.05	1,5 m
19.07	3,3 m	12.18	1,6 m
Dia 14			
7.41	3,1 m	0.56	1,6 m
20.01	3,2 m	13.13	1,7 m
Dia 15			
8.45	3,0 m	2.00	1,7 m
21.08	3,1 m	14.24	1,8 m

PREVISAO DO TEMPO ATÉ AS 24 H. DE AMANHA

Céu limpo nas regiões do Centro e Sul e pouco nublado nas regiões do Norte; vento fraco ou moderado de Nordeste; continuação do tempo quente.

AMANHÃ

NASCER AS 6.26
OCASO AS 20.41

DIA 15 DIA 22 DIA 29 DIA 5

farmácias

Lisboa
TURNO 41

Até às 22 horas

ANDRADE RIBEIRO — Av. Infante Santo, 66-B Tel 666971. **ASCENSO** — Pr Norte, 11-A (B.º da Encarnaçao). Tel 311216-310172 **BELO** — Av de Roma 53-A Tel 776314 **CENTRAL** — Rua de S Paulo 108 Tel.320389 **DOURO** — Alameda Linhas de Torres, 93-A-B Tel 791131 **FRAZAO** — Rua Cruz Santa Apolonia, 90-92 Tel 847019 **GARANTIA** — Av P. Manuel da Nóbrega 54-A--B. Tel. 727300. **GONÇALVES, LDA.** — Rua da Rosa, 176-178 Tel 362687 **IMPARCIAL** — Rua General Taborda, 328 Tel 680931 **LEMOS** — Rua Morais Soares, 91-D Tel 844350. **LANAIDA** — Rua Ferreira Borges, 30 Tel 660955 **MACEDO** — Estr Poço do Chão, 69-C Tel.703697 **MAGALHAES** — Av Almirante Reis, 4-D. Tel 549479 **MARBEL** — Av. de Roma, 131-A. Tel 776235 **MARLUZ** — C. da Picheleira, 140-B-C Tel 720703-728395 **MORÃO** — Largo da Graça, 63. Tel 860700 **NEVES** — Rua Bela Vista à Lapa, 35. Tel 661251. **SALDANHA** — Av Praia da Vitoria, 53--55. Tel. 43938 **S. BARTOLOMEU** — V Paulo Jorge, 1 Tel 790969. **S. JOAO** — Estrada da Luz, 124-A. Tel 783179. **S. SEBASTIÃO** — Largo de S Sebastião da Pedreira, 1-9 Tel 548642 **SEREJO** — Rua Rui de Sousa Lote 65 (Chelas) **SIMOES PIRES** — R. da Prata 115 Tel 36235? **TANARA** — Rua Rodrigo Reinel, 3-Aa Tel 611814 **TELES** — Rua João de Barros, 2-Frente Tel 638176 **UNIVERSITARIA** — Rua Alfredo R Gameiro, 29-D Tel 778953 **VALE** — Av Marquês de Tomar 45 49 Tel 773043 **VITALIS** — Rua Morais Soares 69 Tel 841779

Permanente

ANDRADE RIBEIRO — Av. Infante Santo, 66-B Tel 666971 **FRAZAO** — Rua Cruz Santa Apolonia, 90-92 Telef 874019 **MAGALHAES** — Av. Almirante Reis, 4 D Tel 549479 **MARBEL** — Av. de Roma 131 A Tel 776235 **SALDANHA** — Av Praia da Vitoria 53-55 Tel 43938 **SEREJO** — Rua Rui de Sousa Lote 65 (Chelas) **UNIVERSITARIA** — Rua Alfredo R Gameiro 29-D Telef 778953 **CENTRAL** — Rua de S Paulo, 108 Tel 320389 **DOURO** — Alam Linhas de Torres, 93-A-B Tel 791131 **MACEDO** — Estr. Poço do Chao 69-C Tel.703697

NOTA — As farmácias que nao estao de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

Outra Banda

ALMADA — Central — Rua de Olivença, 11-B. Tel. 2750504 **COVA DA PIEDADE — Atlântico** — Av. Rainha D Leonor, 45-A Tel. 2764466 **LARANJEIRO — Moderna** — Rua Dr António Elvas **RO — Moderna** — Rua Dr. António Elvas, 84. Tel. 2490911. **COSTA DA CAPARICA — Carlos** — Av. do Mar, 34-A (Quinta de St.º António) **SESIMBRA — Lopes** — Rua Cândido dos Reis, 21. Tel. 2233028. **BARREIRO — Mascarenhas Neto — Rua Almeida Garrett, 1.** Tel. 2076454. Permanente. **Normal** — Av. Alfredo da Silva, 116. Tel. 2073035. Até às 19 horas. **SEIXAL — Godinho** — Largo da Igreja, 51. TEl. 228580. **MONTIJO — Diogo** — Rua Almirante Reis, 50. Tel. 2310032. **MOITA — Silva Rocha** — Praça da Republica 16 Telef 230029 **ALHOS VEDROS — Portugal** — Av da Bela Rosa 8 Tel. 204250 **ALCOCHETE — Nunes** — Largo Coronel Ramos da Costa, 10 Tel 234147

Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes — Av Combatentes G Guerra, 166. Tel 2113953 **CARCAVELOS — Vilar** — Até às 24 e das 0 às 9 horas. **PAÇO DE ARCOS — Pargana** — Av Eng Bonneville Franco Tel 2435147. Ate às 22 horas **OEIRAS — Oeiras** — L Henrique Paiva Couceiro TEl 2430485 Ate às 24 e das 0 às 9 horas **PAREDE — Macau** — Rua J. Elias Garcia, 60-C Tel 2471785 Até as 24 horas **PAREDE — Junqueiro-Mendes** — Ate às 24 e das 0 às 9 horas **AMOREIRA — Amoreira** — Telefs 262313-267314 **MONTE ESTORIL — Ostende** — Rua de Espinho, 1 Telef. 260391 ate às 24 e das 0 as 9 horas **CASCAIS — A. Costa** — Rua Freitas Reis, 24-C Tel. 280214 até às 24 e das 0 as 9 horas

Linha de Sintra

AMADORA — Confiança — Av. Du- Nuno Álvares Pereira, 15-A Tel 938149 Permanente **Jardim** — Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira Tel 938424 Ate às 22 horas. **DAMAIA — Confiança** — Estr Militar, Lote D Tel 9710231 **QUELUZ — Zeller** — Rua da Republica, 83 Tel 950045 **CAMARATE — Batalha** — Rua Avelino S Oliveira, 6 Tel. 2513669. **CACEM — Garcia** — Av dos Missionarios 2 Tel 2942181 **MEM MARTINS — Miranda Garcia** — Estr do Mem Martins 173 D Tel 2914?0? Permanente **RIO DE MOURO — Riomouro** — Av Oscar Monteiro Torres, 3 Tel 2960194 Ate as 23 horas **SINTRA — Misericordia** — Vila Tel 2930091 Permanente **COLARES — Abreja** — Tel 299088

Porto

(De dia e so ate as 22 horas)

CONTUMIL — Rua de Contumil, 540 Tel 485755 **VAZ TEIXEIRA** — Rua do Heroismo, 56 Tel 52857 **PITRA** — Praça da Liberdade 125 Telef 20463 **COSTA LIMA** — Av da Boavista, 855 Tel 60606 **MARQUES DE MENDONÇA** — Rua do Ameal, 251 Tel 487118 **MAFALDA** — Rua do Monte Cativo, 441 Tel 481687 **CARDONA DOS SANTOS** — Rua de D. Manuel II, 90 Tel 315051. **ORIENTAL** — Rua de Bonjardim, 727 Tel 27878

(De dia e toda a noite)

PASTELEIRA — Rua Andre de Resende, 92 Telef 687011 **ALMEIDA CUNHA** — Rua Formosa, 327. T 24874 **SAMPAIO** — Rua de Cedofeita, 636 Tel. 21782 **SÃO JERÓNIMO** — Rua de Santos Pousada, 622 Tel. 54526

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

ADRIANA — Praça da República, 20--22 Tel 23609. **ESTÁDIO** — Rua do Brasil, 348, r/c. Tel. 72710.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
Sala A
14 30, 16 30, 18 30, 21 30 e 23 30 h.
Nao acons men 13 anos
QUANDO O AMOR SE TORNA LENDA
Sala B — Não acons men 13 anos
As 15 17 19 21 30 e 23 30 h
O HOMEM QUE GOSTAVA DE MULHERES

ALVALADE 897480
Av. de Roma
Hoje e amanhã
As 14, 16 30, 19 e 21 30 h
TEXAS ADEUS
com Franco Nero
Int. men. 13 anos
Colorido

APOLO 763319
Av. Julio Dinis, 10-A
As 14, 16 30, 19 e 21 30 h
Jack Nicholson e Maria Schneider em
PROFISSÃO REPÓRTER
2.ª semana
Um filme de Michelangelo Antonioni
As 24 h
O HOMEM QUE MATOU LIBERTY VALANCE
13 anos

AVIS 547163
Av. Duque D'Avila 45
2.ª semana
As 15 30 18 30 e 21 30 h
A VOZ DO SILENCIO
com Jaya Bhaduri
Nao acons men 13 anos

BERNA 776098
Av Marques de Tomar
As 14, 16 30 19 e 21 30 h
ENCONTRO COM A SORTE
com Richard Dreyfuss
Oscar da Academia 1978
Nao acons men 13 anos

CALEIDOSCOPIO 795093
Campo Grande
Às 14, 16 30, 19 e 21 30 h
O GRANDE RESTAURANTE
com Louis de Funès
Para todos

CASTIL 580194
Rua Castilho
Às 15, 17, 19 e 21.30 h
4.ª semana
ESPOSAMANTE
Int. menores 13 anos
com Laura Antonelli e Marcello Mastroianni

CINEBOLSO 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30 16 45 19 00 e 21 30 h
AS COELHINHAS NA CAMA
Interd a men 18 anos
As 24 00 h
007 CONTRA GOLDFINGER
com Sean Connery
14 anos

CINE CITY
Rua Tomas Ribeiro, 34
As 14 30, 16 45 19, 21 30 e 23 45 h
O ADVOGADO DO DIABO
com John Mills—Stephane Audran
Não acons men. 13 anos
Amanha, as 11 h
MANHÃ INFANTIL
HEIDI

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2
Às 14, 16.30, 19 e 21 30 h
O HOMEM DAS PISTOLAS DE OURO
M 13 anos
com Richard Widmark, Henry Fonda, Anthony Quinn

DOIS MIL 2100055
Av. Bombeiros Voluntarios
Lote 113 — Alges
A 15.30, 18.00 e 21.30 h
FUGA NO SECULO 23
[illegible]

D. JOAO V 971794
Praca Centro Comercial — Damaia
As 16 h
O INDIO VALENTE
Maiores de 6 anos
As 21 15
O CAMINHO DA VERDADE
Maiores de 13 anos
As 23 45
GUARDA-COSTAS DE FERRO
Maiores de 18 anos

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21
Às 14, 16 30, 19 e 21.30
INFERNO DE GANGSTERS
Nao acons. men 18 anos
Hoje às 00.30 h
PUNHOS VIOLENTOS
18 anos

ESTUDIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
Às 15, 17, 19 e 21.30 h
4.ª semana
As 15, 17, 19 e 21 30 h
Não acons. a men. 13 anos
Óscar melhor actor do ano
Richard Dreyfuss
NÃO HÁ DOIS SEM TRÊS

ESTUDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
Às 15.30 18 30, 21 30 e 24 h
Realizado por Artur Semedo
com Mario Viegas e Zita Duarte
O REI DAS BERLENGAS
Um filme politico, apolítico e apocaliptico
Int. men 13 anos

EUROPA 661016
R. Almeida e Sousa, 35
As 15.15 e 21.30 h
A GRANDE AMEAÇA
com Burt Lancaster e Richard Widmark
Nao acons a men 13 anos
Hoje às 24 h Int men 13 anos
ORCA A FÚRIA DOS MARES

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
As 15 15 18 30 e 21.30 h
Não estamos sos
9.ª semana
«ENCONTROS IMEDIATOS» do terceiro grau
70 mm Ecran gigante
O espectaculo mais deslumbrante de todos os tempos

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A
Às 14 15, 16 30, 18.45 e 21 30 h
Não acons a men 18 anos
JULIA
6.ª semana
com Jane Fonda
Hoje, as 00 15 h
PERSEGUIÇÃO ALUCINANTE
Maiores 18 anos

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
As 15.15, 18.15 e 21.30 h
com Amitabh e Jaya Bhaduri
ALGEMAS DO PASSADO
Int a men 13 anos

MUNDIAL 538743
R. Martens Ferrao, 12-A
As 15 15 18.30 e 21.30
2.ª semana
STURMTRUPPEN
O retrato grotesco do militarismo nazi
Interd a men 18 anos

NIMAS 574362
Av 5 de Outubro, 42-B
As 14 30 16 45 19 00 e 21 30 h
GOLPE DE MISERICORDIA
Um filme de Volker Schlondorff
[illegible] 18 anos

NOVOCINE 840678
Av General Rocadas, 7
As 15 15 e 21.15 h
CAMINHO DA FELICIDADE
O filme indiano mais premiado
Nao acons men 13 anos
As 00.15 h int m/18 anos
BEL-AMI

ODEON 326283/4
R. Condes, 12 a 20
As 15 15, 18 15 e 21.30 h
ORGIA EM ACAPULCO
Não acons. a men. 18 anos

OLYMPIA 325309
Rua Condes, 11 a 23
Sessoes continuas a partir das 14.00 h.
FANTASIA AZUL
Interd a men 18 anos
com cenas eventualmente chocantes

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122
Às 15 15, 16.30, 18.45 e 21.30 h
OS ENAMORADOS
com Jaya Bhaduri
Int men 13 anos

POLITEAMA 326305
R. Portas de St.º Antão
Às 14.15, 16 30, 19 e 21.30 h
AL CAPONE
com Ben Gazzara
Não acons. men. 18 anos
Às 24 h
Int men 18 anos
CAMA COM MÚSICA

QUARTETO 771378
R. Flores do Lima, 16
SALA 1 — 14 30 16.45, 19, 21, e 23 30
OBSESSÃO
Interd men 13 anos
SALA 2 14 30 16 45, 19, 21 15 e 23
FESTIVAL ROCKY DE TERROR
SALA 3 - 15 17 19 21 e 23 horas
O TESTA DE FERRO
SALA 4 - 14 30 16 45, 19 21 15 e 23,30
A MULHER, O CORPO E O ESPIRITO
Interd men de 18 anos

RESTELO 810375
Av Torre de Belem
Às 21.30 h
FEIOS, PORCOS E MAUS
Nao aconselhavel a men. 18 anos

ROMA 887778
Av. de Roma, Lote JRB
As 15 30, 18 30 e 21.30 h
AVE DE RAPINA
com Lino Ventura
Nao acons. men. 13 anos

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20
As 14 15, 16 30 18 45 e 21 30 h
VÁ GORILA, CHEGA-LHE!
com Fabio Testi
Nao acons men 18 anos

SAO JORGE 579144 - 579344
Av da Liberdade, 175
[illegible] 18 30 e 21 30 h
[illegible] semana
[illegible]
O HOMEM QUE GOSTAVA DAS MULHERES
[illegible] François Truffaut
[illegible] 13 anos

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
[illegible] 19 00 e 21 30 h
DESERTO DE ALMAS
[illegible] men 13 anos
[illegible] Teatro
[illegible] Apolloni
Pedro Pinheiro
GUILHERME E MARINELA

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
As 14 30 16 45, 19 00 e 21 30 h
O ACUSADOR
com Marlene Jobert e Michel Picoli
Não acons men de 13 anos
As 24 horas
OS ANJOS DA GUARDA
Int men. 18 anos

TERMINAL (CINE-ESTUDIO)
Estaçao do Rossio
Às 11, 13 15, 17, 19, 21 30 e 23 h
NÃO HÁ DOIS SEM TRÊS
Richard Dreyfuss
Não acons. men. 13 anos
Amanhã. Matinée Infantil—11 h
A GRANDE PARÓDIA

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188
15 15 18 30 e 21 30 h
O GRANDE RESTAURANTE
com Louis de Funès
Para todos
Amanha, as 11 h.
Matinée Infantil
PIPI DAS MEIAS ALTAS

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
As 14 15, 16 30 19 00 e 21 30 h
O ADVOGADO DO DIABO
com John Milles
Não acons men 13 anos

circular é viver

Lisboa

TEATRO ABERTO — «O Caso da Mãozinha Misteriosa», às 20.30 e 22.45 (13 anos)
SATÉLITE — «Guilherme e Marinela», às 21.00 (18 anos)
ÁDÓQUE — «Roupa Velha», às 20.30 e 22 45 (18 anos)
MONUMENTAL — «É!», às 20 45 e 23 (13 anos)
MARIA MATOS — «O Crime do Padre Amaro», às 21.30 (18 anos)
VARIEDADES — «Aldeia da Roupa Suja», às 20.30 e 22 45 (18 anos)
ABC — «Põe-te na bicha», às 20.30 e 22 45 (18 anos).
D. MARIA II — «Auto da Geração Humana», às 21.30 (6 anos).

OUTROS CINEMAS

Lisboa

PROMOTORA — «Os Padrinhos de Hong-Kong», as 21 15 (18 anos)
LUMIAR — «Punho sangrento», às 21 30 (18 anos)
MOSCAVIDE — «Mendigo», as 21 15 (18 anos)
ROYAL — «Os Violentos», às 21 30 (18 anos)
PARIS — «007 contra Goldfinger», as 21 30 (14 anos)
JARDIM — «Harry — o implacavel», as 21 15 (18 anos)
CINEARTE — «Sol Vermelho», as 21 30 (18 anos)
CAPITOLIO — «Paraiso Sexual», as 19 00 21 00 e 23 30 (18 anos)
COLISEU — «Jovens apaixonados» às 21 30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — Stadium — «Dona Flor e os seus dois maridos», às 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS — Chaplin — «O Regresso do Invencivel», às 21 15 (18 anos)
PAREDE — Royal-cine — «Viagem ao centro do mundo», às 21 15 (13 anos).
ESTORIL — Palácio — «O Regresso de King Kong», as 21 15 (13 anos)
CASCAIS — S. José — «Ajuste de contas» às 21 15 (13 anos)
CASCAIS — Impala — «A companheira da minha vida» as 21 30 (13 anos)
CASCAIS — Oxford — «Adivinha quem vem para roubar», às 21 30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «O Ouro de Mackena», às 21 15 (13 anos)
ALMADA — Incrivel — «Rocky», as 21 15 (18 anos)
TRAFARIA — Pavilhão Jardim — «O Jogo de Ouro», as 21 15 (18 anos)

Linha de Sintra

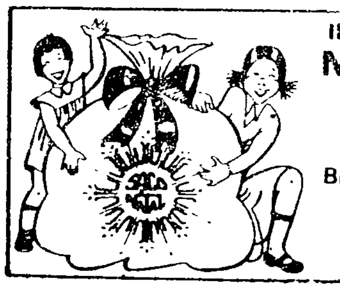
AMADORA — Recreios Desportivos — «O Implacavel», as 21 15 (18 anos)
AMADORA — Lido — «Os Tigres não Choram», às 21 15 (13 anos)
MEM MARTINS — Cine Chaby — «A Força do Destino», as 21 15 (13 anos)
SINTRA — Carlos Manuel — «A Super Patrulha» as 21 15 (13 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «O Ultimo Mundo Canibal» as 21 30 (18 anos)

Porto

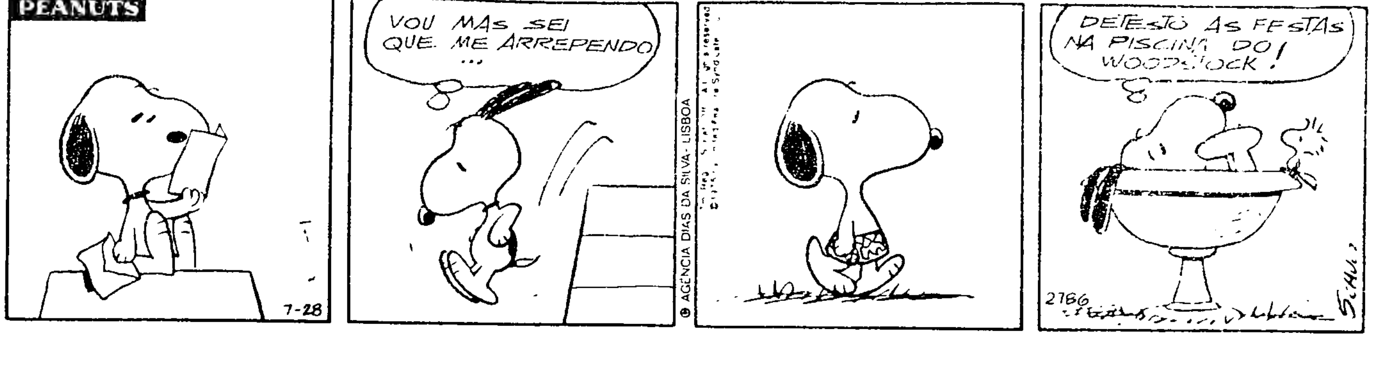
ESTUDIO FOCO — «Os revoltados do ano 2000», as 21 30 (18 anos)
S. JOAO — «Quando Acaba a Inocencia» às 21 30 (18 anos)
TRINDADE — «Violência e paixão», às 21.30 (18 anos).
RIVOLI — «O outro lado da meia-noite», às 21.30 (18 anos).
COLISEU — «Keoma», as 21 30 (13 anos)
SALA BEBE — «Monica e o Desejo», as 21 30 (13 anos)
PASSOS MANUEL — «Annie Hall», às 21 30 (13 anos)
VALE FORMOSO — «Promessa de Amor», às 21 00 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA — Teatro «Alto e Pára o Baile», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO — «A lenda do xerife Pusse» as 21.30 (13 anos)
AGUIA DE OURO — «Os Cinco Mestres de Shacin», às 21.30 (18 anos)
CHAPLIN — «As Belas Mulheres dos Outros», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO 400 — «Cenas da Vida Conjugal», às 21.30 (18 anos)
CARLOS ALBERTO — «Esposamante» às 21 30 (13 anos)
BATALHA — «Outlaw Blues», às 21 30 (13 anos)
OLIMPIA — «A Lei do Sexo» as 21 30 (18 anos)
JÚLIO DINIS — «Cabaret — Adeus Berlim», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT — «Sturmtruppen» as 21 30 (18 anos)

Coimbra

AVENIDA — «Che Guevara», as 21 30 (13 anos)
S. TEOTONIO — «A Beira do Fim», as 21 30 (18 anos)
TIVOLI — «Jovens Apaixonados», as 21 30 (18 anos)
GIL VICENTE — «Nem Guerra Nem Paz», as 21 30 (13 anos)



INSCREVA OS SEUS MIÚDOS
NO SACO DE NATAL
Funguço
Brinquedos, jogos livros, etc...
CONTACTE-NOS
Av. 5 de Outubro, 77-4.º Dt.º
LISBOA Tel 556369



DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO 185
TELEFONES 654531 2/3
REDACÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS: RUA LUZ SORIANO 44
TELEFONES 321154/5 320271 2 3
320229 372781 /
SERVIÇO DE NOITE - DEPOIS DAS 21
PORTEIRO 321154 PUBLICIDADE 368741
MENSAGENS GRAVADAS 320229
ENDEREÇO TELEGRÁFICO DIBOA TELEX 1236
LISBOA PORTUGAL

Moçambique nacionalizou a Mineira de Moatize

Moçambique nacionalizou a Companhia Mineira de Moatize, situada na província de Tete. A decisão, tomada pela Comissão Permanente da Assembleia Popular de Moçambique, saiu já no «Boletim da República» que anuncia também que os accionistas serão indemnizados em modalidade a fixar, com exclusão das normalmente referentes ao direito sobre a terra.

Os bens daquela empresa passam para o Estado moçambicano que acaba de criar uma empresa pública denominada Empresa Nacional de Carvão de Moçambique que assegurará a gestão das minas de Moatize sob coordenação do Ministério da Indústria e Energia.

A Companhia de Moatize cujo capital é de 40 mil contos, era dominada pelo grupo sul-africano Iscor, que dispunha de 49 por cento das acções. Seguia-se o grupo português Entreposto, com 41 por cento e o Estado moçambicano através de 10 por cento das acções herdades do governo colonial.

No texto introdutório à lei da nacionalização diz-se que a Carbonífera de Moatize vinha causando graves danos morais, sociais e materiais ao Estado Moçambicano, apesar do sucessivo apoio prestado pelo Governo, recordando-se a propósito os acidentes originados nos últimos anos por não observância das regras elementares de segurança, o que provocou a morte de 250 mineiros.

CONSELHO NACIONAL DO PSD ESTÁ REUNIDO

Decisões importantes só no Congresso de Julho

Está reunido este fim-de-semana em Portalegre o Conselho Nacional do PSD que tem inscrito na sua agenda, além da análise da situação político-partidária, o eventual exame de sugestões para alterações estatutárias e a aprovação do regulamento do Congresso, a realizar em Lisboa nos dias 1 e 2 de Julho.

Sá Carneiro, cuja figura está na origem da crise interna daquele partido, estará presente aos trabalhos, conduzidos por elementos da sua confiança, saídos das decisões que este ano afastaram a Comissão Política liderada por Sousa Franco. Sá Carneiro regressou recentemente de uma das suas viagens ao estrangeiro.

Uma tentativa de conciliação entre as partes em confronto (grupo Sá Carneiro e ex-Comissão Política) tentada em vésperas desta reunião, terá falhado, Daí que o semanário

«Expresso» adiante hoje que «não é considerado provável que os elementos da anterior Comissão Política Nacional tomem parte na reunião do Conselho Nacional».

Registe-se, contudo, que este posição choca aparentemente com a intenção de algumas figuras do PSD de suscitarem um debate interno em torno do diferendo que os opõe à linha «sá-carneirista». Entre estas contar-se-ia Magalhães Mota que para o efeito teria solicitado a abertura das páginas do «Povo Livre», órgão oficial do PSD, aos elementos da ex-Comissão Política.

De qualquer forma, é opinião da maioria dos círculos dirigentes do PSD que este CN não será decisivo, remetendo-se toda a importância para as decisões que venham a ser tomadas no Congresso de Julho.

O mais natural será que o CN preconize uma linha política a seguir até ao Congresso, a qual se poderá caracterizar por uma certa moderação em relação às teses «sá-carneiristas», designadamente na posição do PSD face ao Presidente da República.

tome nota

FASTOS DA NOVA HISTÓRIA

Na Secretaria de Estado da Segurança Social foi nomeada uma comissão destinada a estudar a reestruturação da actual prjvidência o sistema da segurança social.

Acpntece que a dita Comissão é constituída exclusivamente por elementos afectos ao PSD e ao CDS. Entre eles encontra-se o sr. Henrique Penha Coutinho que se tornou muito célebre com o pseudónimo de Manuel de Portugal.

Não há dúvida: as conquistas de Abril estão em boas mãos...

CINISMO

Ontem, na Assembleia da República, depois do violento ataque de Acácio Barreiros, deputado da UDP, à decisão da Presidência da República que permite o regresso a Portugal de Américo Tomaz, o grupo parlamentar socialista aplaudiu.

Reacções diferentes foram as que se verificaram na banda do outro parceiro da coligação governamental, o CDS. Com efeito, enquanto os socialistas aplaudiam, os «centristas» Cunha Simões e Walter Cudell desfechavam punhadas nas carteiras.

Cunha Simões, perante os protestos do comunista Francisco Miguel (21 anos no Tarrafal e noutras prisões fascistas) e de alguns deputados do PS que também conheceram a prisão e a tortura no regime de que Tomaz foi presidente, teria o desplante de exclamar: «Olha! Lá está o grupo desportivo de Caxias».

O cinismo desta frase lembra irresistivelmente as provocações pidescas sofridas pelos democratas nos cárceres fascistas.

CHIPENDA TEM UM IRMÃO GÉMEO?

O titular do Ministério dos Negócios Estrangeiros, dr. Sá Machado, emitiu uma nota em que desmentia ter recebido ou encontrado em qualquer circunstância, o sr. Daniel Chipenda, dirigente do grupo FNLA-UNITA, que em Portugal pratica acções conspirativas contra a República Popular de Angola. Entretanto, há quem jure, a pés juntos, ter visto alguém muito parecido com Chipenda (terá ele um irmão gémeo?...) entrar na residência do ministro.

SÃO TOMÉ NÃO TEM CANDEIA NA ANOP

São Tomé, um santo bastante impopular na Antiguidade, em tempos do predomínio do espírito de abstracção, por causa do seu sólido bom-senso pragmático («ver para crer»), também não tem candeia acesa na ANOP, onde os «chefes» sentados à secretária sabem melhor qual o volume de uma manifestação do que o repórter que a viu e testemunhou.

Com efeito, depois do jornalista destacado pela casa para a «cobertura» do desfile do 1.º de Maio convocado pela CGTP ter referido a presença, naquela manifestação, de «mais de 100 mil pessoas», o recém-nomeado director-adjunto da informação da ANOP, sancionou, na agência, a alteração para «dezenas de milhar».

O Conselho de Redacção reprovou a «subtracção». Não será de reciclar o tal director-adjunto, não só em aritmética, mas também em questões de deontologia profissional?

Exigências do FMI: o que se esperava

Continuação da pág. 1

cresceu cerca de 22 por cento em 1977, em comparação com 33 por cento de crescimento nominal do produto interno bruto (PIB) mas espera-se que seja reduzida para cerca de 18 por cento contra um crescimento antecipado do PIB da ordem dos 27 por cento ao ano até Março de 1979».

O crédito interno líquido do sistema bancário, que em Dezembro do ano passado se elevou a 654 milhões de contos não poderá exceder os 701,6 milhões de contos antes do final de Junho próximo, os 795,7 milhões antes de 31 de Dezembro deste ano e aos 811 milhões antes de 31 de Março de 1979.

CRÉDITOS-TECTO PARA OS BANCOS

Para cumprir estes limites o actual Governo pretende introduzir créditos-tecto aos bancos, ou seja, limites máximos do crédito. Pretende-se ainda manter o crescimento da base monetária sob controlo contínuo e rigoroso, tendo sido estabelecidas as seguintes metas para o ano que decorre entre Abril de 1978 e Março de 1979; 143,6 milhões de contos até 30/6/78; 143,6 milhões até 30/9/78; 151 milhões até 30/12/78 e 149,2 milhões até 31/3/79.

A redução gradual dos volumes de redesconto e a exigência de reserva uniforme de 7 por cento sobre todos os depósitos monetários, o que já reduziu a posição de liquidez dos bancos, são algumas das medidas destinadas a manter os limites acima indicados.

RESTRIÇÕES FISCAIS E AUMENTOS DE PREÇOS

Conter ainda mais o consumo público e aumentar equivalentemente os impostos, são outras medidas que o actual Governo promete (aliás já em prática). Assim, a «carta» garante que o défice do sector público continuará a ser baixado (houve reduções de 11 por cento em 1976 e de 8 por cento em 1977 em relação ao PIB) devido principalmente ao aumento da carga fiscal e à contenção do consumo público. Para 1978 garante-se ao FMI que esta política continuará a ser seguida para o que o actual Governo dispõe já do instrumento director, o Orçamento Geral do Estado aprovado na Assembleia da República pela coligação PS/CDS e sujeito há dias a alterações.

A «carta» dá ainda conhecimento ao FMI do aumento a que o Governo sujeitou os preços administrativos (água, gás, electricidade, transportes e alimentos essenciais) como forma de controlar os custos crescentes e moderar a necessidade de subsídios, indicando que, como contrapartida foi elevado o salário mínimo, o subsídio de desemprego e as pensões.

Mas, acrescenta, isto não exclui uma política salarial «firme», diz a «carta» ao FMI, situando-se neste âmbito a limitação dos aumentos nos contratos salariais a 20 por cento em 1978 e a legislação que permite às empresas em dificuldades financeiras suspender contratos de trabalho.

CONSTÂNCIO NA RTP

O ministro das Finanças e do Plano, Vítor Constâncio, que cancelou a comunicação ao País prevista para ontem, falará provavelmente na próxima terça-feira através da RTP. «Carta de intenções» e o agravamento da vida dos portugueses através do acordo com o FMI serão os temas centrais da intervenção do ministro.

IMPONENTE CORRIDA DE TOIROS

CAVALEIROS
FERNANDO SALGUEIRO
EMÍDIO PINTO
ESPADAS
DAMASO GONZALEZ
RICARDO CHIBANGA
FORCADOS AMADORES DE SANTAREM
capitaneados por Jose M Soutto Barreiros
8 TOIROS 8
ORTIGÃO COSTA

CAMPO PEQUENO
Domingo, 14 de Maio, as 5H da tarde

Operário atingido mortalmente

Ontem, pelas 18 e 45, um operário que trabalhava numa vivenda em construção foi atingido mortalmente a tiro por um cidadão dinamarquês que se entretinha, nos jardins da sua residência, a disparar sobre os pássaros.

O operário, José de Sousa Ralhetas, casado, de 55 anos de idade, capataz do Estádio Nacional e residente no campo de ténis daquele estádio, chegou ao Hospital de S. José sem vida.

O cidadão dinamarquês, de nome Poul, que reside numa vivenda próxima do local do acidente, explicou mais tarde ao subinspector Sousa da P.J. que disparara três tiros para uns arbustos do jardim da sua residência com uma carabina de recreio (ponto 22) como já vinha sendo hábito, sem se dar ao cuidado de observar se havia ou não pessoas nas imediações.

D. ANTÓNIO RIBEIRO EM FÁTIMA

"O grande problema da Igreja e do mundo"

«O problema da fé é hoje o grande problema da Igreja, e também do mundo» — afirmou o cardeal-patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, ao presidir no Santuário de Fátima à solene concelebração da peregrinação de 13 de Maio.

Relativamente à falta de fé, afirmou também o cardeal: «basta passar de olhos abertos por algumas ruas das nossas cidades para ver o estendal de corrupção e degradação de costumes que por aí impera; «Basta passar de olhos abertos nismo de certas pessoas que se afirmam crentes ou descrentes, conforme a conveniência social ou política do momento; basta observar o desplante de alguns que persistem em acender uma vela a Deus e outra ao diabo, dizendo-se simultâneamente cristãos e ateus, como se na unidade de uma só consciência fosse possível a síntese dos contrários.»

Falando da responsabilidade particular dos pais na educação dos filhos, o cardeal sublinhou que lhes cabe o papel «insubstituível» de cuidar e orientar «a educação integral das gerações novas que sobem para a vida». A propósito, D. António Ribeiro citou o Papa João XXIII, que defendeu ser preferível «deixar aos filhos a capacidade concreta de exercício de uma profissão digna e honesta do que fazê-los herdeiros de outros bens de fortuna».

Por ultimo, o cardeal sublinhou a obrigação dos cristãos em «catequizar e receber catequese», acentuando que «a catequese não se destina só às crianças» e afirmando não ter sido «ainda convenientemente resolvido o problema da catequese para jovens e adultos no nosso País». O cardeal concluiu que «é indispensável que a Igreja em Portugal responda a esta necessidade urgente».

(Hoje 28 páginas)

FIM-DE-SEMANA PARTIDÁRIO

Sessões de esclarecimento e convívios preenchem a actividade partidária desenvolvida pelo Partido Comunista este fim-de-semana.

Assim, hoje, realizar-se-ão convívios promovidos por este partido político em Silves, Paranhos, Albufeira, e Entroncamento. Sessões de esclarecimento estão previstas para S. Domingos da Serra e Mato Cheirinho (Cascais) e sessões de cinema para o Porto (centro de trabalho da Aníbal Cunha) e Aldeia Nova de S. Bento.

Amanhã, domingo, haverá festas na Cruz Quebrada, em Aljustrel, em Serpa e em Monchique e uma sessão de Cinema na Casa do Povo de Cuba.

Quanto ao MDP, a actividade mais relevante deste partido será a inauguração da sua nova sede em Sines, onde também se realizará, no Salão do Povo, um comício com a participação de José Manuel Tengarrinha, Antunes da Silva, Marcos Antunes e António Amaral.

Na nova sede será ainda inaugurada, por Blasco Hugo Fernandes uma exposição subordinada ao tema «Libertação da Roménia».

As bases de Benfica e S. Domingos do mesmo partido realizam também amanhã uma festa convívio comemorativo do seu 3.º aniversário

cial
CENTRO DE LÍNGUAS

PASSAGENS de avião, barco ou comboio
PREÇOS OFICIAIS reservas na Central de Passagens da Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

13 DE MAIO
DE 1978

sete PONTO sete

AGENDA SEMANAL DOS TEMPOS LIVRES

ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & LAZER

sete PONTO sete
suplemento semanal

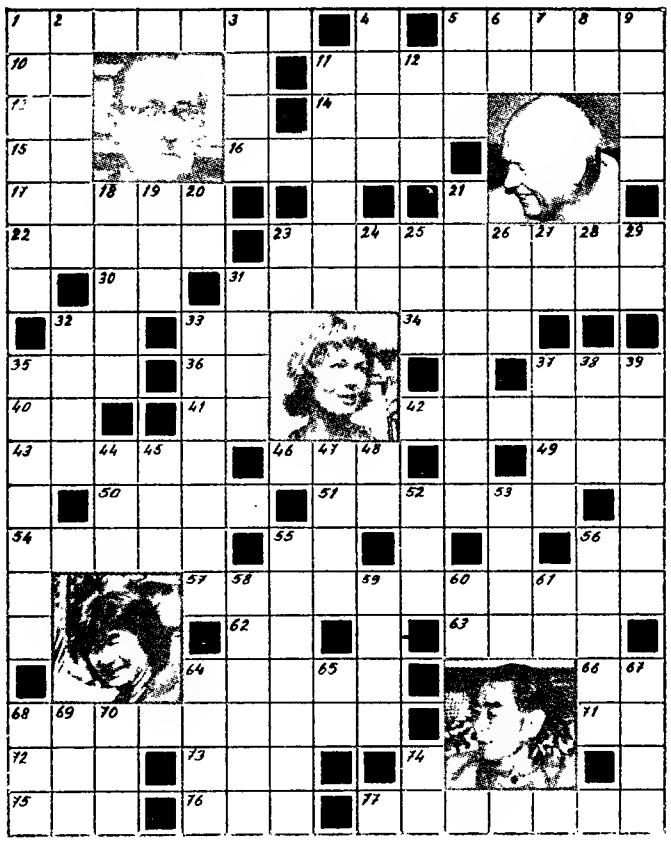
cinema
jorge leitão ramos — 3

teatro
carlos porto — 7

televisão — 8

Lisboa, 13 a 19 de Maio de 1978

palavras cruzadas



HORIZONTAIS:

1/11, Em 1957 era conservadora, dois anos depois liberal, esta actriz detentora de muitos prêmios de representação. Concorreu ao Parlamento pela lista do Partido Revolucionário dos Trabalhadores em 1974. Hoje, é definitivamente de esquerda e disse ao eleitorado do distrito operário de Newham que, se fosse eleita, o seu partido substituiria o exército por uma milícia de trabalhadores. **5,** Transferir para outro dia; **10,** Amónio (S.q.). **13,** Interpreta o que está escrito. **14,** Vagueia. **15,** Prefixo de privação. **16,** Tostas. **17/23,** Os fãs de artes marciais já o conhecem da série da TV «Kung Fu». **22,** Separa de. **30,** Porco. **31,** Perfeitos. **32,** Cobalto (s.q.). **33,** Batráquio. **34,** Pedra de altar. **35/36/46,** Político chinês que foi primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular Chinesa de 1949 a 1958. Em seguida foi presidente do Conselho. **37,** Caminho. **40,** Preposição e artigo (inv). **41,** Moderato. **42/77,** Político soviético, primeiro-secretário do Comité Central do Partido Comunista de 1953 a 1964, presidente do Conselho de Ministros da URSS de 1958 a 1964 e que empreendeu uma política de desestalinização e de coexistência pacífica. **43,** Ablução. **49,** Igual. **50,** Nascimento dum astro. **51,** Cercado. **54/56/63/68,** Presidente da Assembleia da República que esteve exilado em Espanha. **55,** Nesse lugar. **57,** Defendereis. **62,** Coisa sem valor (fig). **64,** Circuito. **66,** Bário (s.q.). **71,** O lado do vento (inv). **72,** Escudeiro. **73,** Tanto. **75,** Sufixo que designa abundância. **76,** Suspiros.

VERTICAIS:

1, Oficial do Exército português assassinado em Moçambique em 1890. **2,** Deliciosas. **3,** Rio de França. **4,** Nome de fruto. **5,** Nome de letra. **6,** Doutor. **7,** Papagaio da Amazónia. **8,** Fútil. **9,** Nada (fig.). **11,** Sobrai. **12.** Doutores. **18,** Consagrou. **19,** Rei lendário de Tróia, fundador de Ílion. **20,** Quinto filho de Jacob. **21,** Fileira. **23,** Crómio (s.q.). **24,** Antiga unidade monetária da Alemanha. **25,** Rate. **26,** Faz doação de. **27,** Nota musical. **28,** Laço. **29,** Tempo do verbo ser. **31,** As velas de um navio. **32,** Terreno. **33,** Afastados. **35,** Pau. **38,** Fruto da ateira. **39,** Cunhos. **44,** Uma das Espórades. **45,** Donzela de Orelães. **47,** Despacho. **48,** Seguia. **52,** Perscrutar. **53,** Espécie de sorgo. **55,** Conformidade (pl). **56,** Santanás, **58,** Alvitrai. **59,** Cursos de água naturais e abundantes. **60,** Acrescentando uma vogal é povoação do concelho de Condeixa. **61,** Preposição. **64,** Pesquisa. **65,** Cério (s.q.). **67,** Casa de campo. **68,** Freguesia do concelho de Esposende. **69,** Aqui está.

SOLUÇÃO

HORIZONTAIS:
1/2, VANESSA REDGRAVE. **5,** Adiar. **10,** Am. **13,** Lê. **14,** Erra. **15,** An. **16,** Assas. **17/23,** DAVID CARRADINE. **22,** Isola. **30,** To. **31,** Primorosos. **32,** Co. **33,** Ara. **35/36/46,** CHU EN LAI. **37,** Cam. **40,** Ao. **41,** Mo. **42/77,** NIKITA KRUCHEV. **43,** Loção. **49,** Par. **50,** Orto. **51,** Valado. **54/56/63/68,** VASCO DA GAMA FERNANDES. **55,** Ai. **57,** Socorrereis. **62,** Pó. **64,** Circo. **66,** Bá. **71,** Lo. **72,** Aio. **73,** Tão. **75,** Oso. **76,** Ais.

VERTICAIS:
1, Valadim. **2,** Amenas. **3,** Sena. **4,** Pêra. **5,** Agá. **6,** Dr. **7,** Ia. **8,** Vá. **9,** Rema. **11,** Restai. **12,** Drs. **18,** Votou. **19,** Ilo. **20,** Dá. **21,** Carreira. **23,** Cr. **24,** Rm. **25,** Roa. **26,** Doa. **27,** Si. **28,** Nó. **29,** Es. **31,** Pano. **32,** Chão. **33,** Remotos. **35,** Colavas. **37,** Cipó. **38,** Ata. **39,** Marcas. **44,** Cós. **45,** Arc. **47,** Avio. **48,** Ia. **52,** Ler. **53,** Dora. **55,** Acordos. **56,** Diabo. **58,** Opinai. **59,** Rios. **60,** Eg. **61,** Em. **64,** Cata. **65,** Ce. **67,** Vila. **68,** Fão. **69,** Eis.

PAPEIS DE PAREDE
COLOWALL · LANCEL · WINDSOR e outras marcas
desde 100$00
MILHARES DE ROLOS PARA ENTREGA IMEDIATA
BARROS & BARROS, LDA.
R. José Duro, 22-D (Alvalade) Lisboa
Telfs. 89 20 57/80 06 16

A SUA OPORTUNIDADE
ANDARES
SEIXAL — Quinta Manuel André, Rua Bernardim Ribeiro, Lotes 50 e 51
4 ASS. SÓ POR 950 CONTOS
ENTRADA 150 CONTOS
Trata das 10 às 19 horas
(Inclusive sábados e domingos)
IMOTIL
TRAV. CONCEIÇÃO DA GLÓRIA 7-3.º SALA 29 LISBOA — TELEFONES 36 05 65 - 37 29 72

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES
AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA
Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se todos os consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 14 (Domingo) das 8 às 15 horas, nas seguintes localidades:
PONTE DE LOUSA VERA LOUSA
C.º DE MONTACHIQUE E FREIXEIRA.
Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES
10 DE MAIO DE 1978
O Engenheiro Director Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

EA ELECTRO ALEGRA
REPARAÇÕES
FRIGORÍFICOS
MÁQUINAS DE LAVAR
TODAS AS MARCAS
REPARAÇÕES COM GARANTIA
BOBINAGENS
R. da Junqueira, 200 — Porta 36-36-A
Tel. 63 96 86 — LISBOA - 3

CAPAS HELE EM PLASTICO PARA AUTOMÓVEIS
PARA PROTECÇÃO DE POEIRAS E CHUVA
6 TAMANHOS: de 450$00 a 710$00
PRÁTICAS — POUCO VOLUME — RESISTENTES
ENVIAM-SE A COBRANÇA

HELE — Portela de Baixo — Gulpilhares — V. N. de Gaia — Estrada Nova n.º 109, de Porto a Espinho — Telef. 9622556.

VIDROS
EM CHAPA OU CORTADOS
CONSULTE A UNIÃO
Rua Luz Soriano, 23-A — Telef. 36 30 84/5/6/7
PREÇOS ESPECIAIS
para fabricantes de caixilhos metálicos

CARTAS DE CONDUÇÃO
PARA BEM SERVIR PROCURE A
GRANCOOP
COOPERATIVA DE ENSINO DE CONDUÇÃO AUTOMÓVEL DE LISBOA
PREÇOS INFERIORES AOS MÁXIMOS
(Portaria 212/76 de 8/4/76)
Av. João Crisóstomo, 66, 1.º-Dt.º (S. SEBASTIÃO) LISBOA 1
Telef. 577209 Telef. 53 52 63

CINE/PONTO

O REI DAS BERLENGAS
de Artur Semedo
(portugal-1975-77)

Salazar, citado por António Matoso no seu «Compêndio de História de Portugal» — livro único para o 6.º ano liceal, ed. 1942, dizia que «por toda a parte o orgulho de ser português (...) permite repousem tranquilas no túmulo as cinzas heróicas dos portugueses de ontem». As suas, por certo, revolvem-se hoje nos abismos ante este filme de Artur Semedo, o mais anti-Matoso, anti-Salazar, anti-épico filme «histórico» por cá feito. Com alguns defeitos e a qualidade de uma irreverência feroz, **O Rei das Berlengas** é o riso desbragado que volta, enfim, ao cinema português. E já tardava.

Cinema Estúdio 444 (15.30, 18.30 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

O HOMEM QUE GOSTAVA DAS MULHERES
de François Truffaut
(França-1977)

Truffaut e a sua visão do «donjuanismo». Charles Denner que lhe dá corpo e uma câmara que teima em o desnudar, mesmo quando parece ficar «de fora», na superfície. O retrato de uma criança que não amadureceu ou o medo escondido atrás da sedução, eis **O homem que gostava das mulheres,** mais uma pedra na carreira de um dos mais prestigiosos cineastas franceses.

Cinemas ABCine e S. Jorge
(não acons. men. 13 anos)

PROFISSÃO: REPÓRTER
de Michelangelo Antonioni
(Itália-França-Espanha- 1975)

Há um plano-sequência de sete minutos que é já um dos mais belos da História do Cinema há um homem que foge de si mesmo e encontra a morte; há a «doença» de viver já tradicional em Antonioni e há um filme incómodo e seco na sua justeza, na sua economia de meios na sua quase agressividade.

Cinema Apolo 70 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h.)
(int. a men. 13 anos)

NÃO HÁ DOIS SEM TRÊS
de Herbert Ross
(USA-1977)

Um diálogo ritmicamente exacto e três actores. Um funcionário da realização (Ross) a funcionar. Os actores são inacreditáveis e já se sabia. O resto é silêncio.

Cinemas Estúdio (15.30, 18.30 e 21.30 h) e Terminal (11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

A MULHER, O CORPO E O ESPÍRITO
de Gilles Carle
(Canadá-1976)

Para quem gosta de Carole Laure e de Gilles Carle este filme é uma desilusão. Mastigado, com umas vagens de «problemática» para fazer **raccord** entre o corpo de Carole Laure, o rosto de Carole Laure e o talento de Carole Laure, **A mulher, o corpo e o espírito** é a exibição de uma actriz sem nada em troca.

Cinema Quarteto- sala 4 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h.)
(int. a men. 18 anos).

O FESTIVAL ROCKY DE TERROR
de Jim Sharman
(G.B.-1975)

Uma opera-rock onde o mau-gosto e o novo-riquismo dão cartas. Um amigo meu dizia-me que se tratava de um filme **foleiro**. Tinha razão.

"O REI DAS BERLENGAS" DE ARTUR SEMEDO

FICHA:
Realização, argumento e diálogos: Artur Semedo (Portugal 1975/77)
Fotografia: António H. Escudeiro
Cenografia: António Casimiro
Música: Raul Ferrão
Montagem: Maria José Martins
Interpretação: Mário Viegas, Zita Duarte, Santos Manuel, Joaquim Letria, Paula Guedes, João Vasco, Artur Semedo, Maria Albergaria, Pedro Ramos Pinto, Isabel de Castro, Max, etc.
Distribuição: Instituto Português de Cinema
Cinema: Estúdio 444
Classificação: Interdito a menores de 13 anos
Duração: 110 minutos

Há filmes desconcertantes. Filmes que arriscam, jogam, alucinam e numa espécie de perde-ganha, de tudo ou nada, nos deixam pendulares. **O Rei das Berlengas** é um desses filmes.
Desejava, neste momento em que escrevo, ter gostado ou detestado este filme. Ter embarcado, ou não, nesta nau. Fui dentro e fiquei com um pé em terra, naveguei e apercebi-me, com frequência, que era só água pelos joelhos. Fiquei, por isso, naquela posição incómoda que faz com que um texto a escrever seja um caminho tortuoso e difícil. Avancemos, porém.
Artur Semedo é um homem com ideias delirantes, um grande argumentista de comédia. Talvez seja essa uma das razões porque, em o **Rei das Berlengas,** haja sequências que são mais divertidas narradas do que vistas, haja o muito bom (todo o último quarto de hora, por exemplo) e o muito mau (a sequência de Afonso Henriques).Além disso, Semedo escolheu filmar em tom superlativo e isso é um risco muito grande. Expliquemo-nos: ao utilizar durante toda a película, uma linguagem verbal e visual absolutamente empolada, Semedo faz uma aposta que dificilmente seria ganha; é que representar nesse tom é uma das coisas mais árduas que se podem fazer em cinema. Entre o delírio e o ridículo não cabe a espessura de uma folha de papel. O que neste filme acontece era, assim, previsível. Ou tudo está no ponto exacto e se acerta em cheio (e são algumas as vezes em que isso se passa) ou há um pequeno desequilíbrio e tudo muda para o outro lado (e são demasiadas as ocasiões em que tal acontece).
Uma das razões possíveis é que este filme quase não tem actores. Retire-se Mário Viegas, Zita Duarte, Artur Semedo, J. Letria, Paula Guedes, a breve «ponta» de Maria Albergaria e o que resta? Um conjunto anónimo, descoordenado, incapaz de se aperceber que nada há de mais rigoroso que a farsa. Mas centremo-nos em Mário Viegas.

António Escudeiro (director de fotografia, à esq.ª) e Artur Semedo na rodagem de «O Rei das Berlengas»

Mesmo um actor da sua craveira e do seu inegável talento não consegue, aqui, estar sempre sobre a corda tensa. Mesmo ele tem momentos em que o exagero ultrapassa-se para tombar no ridículo (a cena com Afonso Henriques) enquanto noutros é justíssimo (todas as sequências no hospício, a cena — impagável — em que tem como oponente Artur Semedo, a morte da avó, a invasão espanhola...).
Por outro lado é muito evidente que este filme exigia meios técnicos e financeiros que não teve. Exigia uma iluminação mais trabalhada (as cenas com Afonso Henriques são, neste ponto, exemplares em negativo), muito mais figurantes, outra amplitude de **décors,** enfim, uma «máquina» que não está ao alcance do cinema português.
Apesar disto tudo, porém, **O Rei das Berlengas** tem uma rara virtude. Consegue rir, e muito, e na cara, de toda uma mitologia de heróis, santos e pregadores, batalhas, impérios e traições que os Matosos e todo um aparelho de propaganda inculcaram neste país ao longo de meio século de regime fascista. Consegue rir, e muito, na cara, de generais e estratégias, de beatas e santidades, de natos e ditadores. O enterro de Salazar no «Portugal dos pequeninos» é, a este título, ácido puro sobre o quinto império, a revolução nacional, a diáspora portuguesa. Artur Semedo sem dúvida que urdiu, com talento e percutência, a sua (nossa) terrível vingança de português nado e erguido sob a trilogia de Deus-Pátria-Família.
Dizia, no início, que há filmes desconcertantes. E dizia-o porque me ri muito, ou pouco, ou nada, porque quando não ria, mesmo assim, percebia onde estava a graça (só que não dita naquela forma), porque me senti magoado, eufórico, desgostoso, divertido, envergonhado, tudo alternadamente e sem compasso. Às vezes ri-me do filme, outras com o filme. É essa dualidade que eu não sei se o público poderá unir numa mesma gargalhada. E até gostava que isso acontecesse.

Cinema Quarteto — sala 2 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h)
(int. men. 13 anos)

ENCONTROS IMEDIATOS DO TERCEIRO GRAU
de Steven Spielberg
(USA-1977)

Agora é uma bola de neve que por aí vai. Enquanto houver gente há publico, há dinheiro na

Um Antonioni bem agressivo...

bilheteira. Cumpre-se assim o ciclo deste filme, obra de um realizador que sabe fazer muito melhor. Se não fossem os efeitos especiais «de terceiro grau» de Trumbull, tratar-se-ia mesmo de uma coisa intragável.

Cinema Império (15.15, 18.30 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

O TESTA DE FERRO
de Martin Ritt
(USA-1976)

O **mcarthysmo** tratado obliquamente. Um grande actor (Woody Allen) a fazer centrar sobre si o fulcro da questão. O filme passa, assim, a ser a história de um homem que aliena a sua personalidade. E sob esse ponto de vista atinge o alvo.
Sobre o **mccarthysmo** fica, porem, um filme por fazer.

... e outro com marca americana

Cinema Quarteto-sala 3 (15, 17, 19, 21 e 23 h)
(não acons. men. 13 anos)

OBSESSÃO
de Brian de Palma
(USA-1975)

O herdeiro de Hitchcock é um melodrama. A música de Herrmann como fundo e uma câmara que sabe sempre, exactamente, onde estar e o que dizer. Uma obra belíssima.

Cinema Quarteto-sala 1 (14.30, 16.45, 19, 21 e 23.30 h.)
(int. a men. 13 anos)

JÚLIA
de Fred Zinnemann
(USA-1977)

Entre o academismo e o arrojo se joga este filme. Jane Fonda e Vanessa Redgrave dão-lhe corpo e justeza e renovam a tradição das meias-palavras. Um amor que extravasa no político, um filho impossível, Dashiell Hammett que passa. **Júlia** é uma daquelas obras que apetece rever.

Cinema Londres (14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

DESERTO DE ALMAS
de Michelangelo Antonioni
(Itália-USA-1969)

DESERTO DE ALMAS
de Michelangelo Antonioni
(Itália-USA-1969)

A America dos **sixties** no [illegible] Dez anos depois chega esta **Zabriskie point** [illegible] quem, meu Deus, teria pr[illegible] o «[illegible]» título **Deserto de almas?**), e [illegible] um [illegible] que talvez nunca chegue a ser um [illegible]

Cinema Satelite (15, 17, 19 e 21.30 h)
(int. a men. 13 anos)

Cinema portu amanhã já é

A hora é de mudança no cinema português. Medidas governamentais (promulgadas e na forja), tomadas de posição de cineastas, debates, filmes que se vão estreando rompendo as barreiras, muitos acontecimentos têm vindo a testemunhar que algo mexe no reino das vinte e quatro imagens por segundo. Neste emaranhado, por vezes estreitamente «familiar», pensamos poder, hoje, fazer um rápido ponto da situação. A tanto aspira este texto com o qual se pretende, ainda estender um debate público que ajude a clarificar a actualidade e o próximo futuro do cinema em Portugal.

QUINZE POR CENTO

Até há pouco, como estatuía a Lei de Cinema (7/71), as principais receitas do Instituto Português de Cinema provinham de um adicional de 15 por cento sobre os bilhetes de cinema. Quer dizer, 15 por cento do que cada um de nós paga na bilheteira de um cinema revertia directamente para o IPC que, com essa verba (acrescida de outras receitas, aliás mínimas), produzia filmes, promovia a divulgação do cinema português no país e no estrangeiro, apoiava festivais em território nacional, editava documentação e apoiava trabalhos de pesquisa histórica dentro do seu domínio, funcionava como possível fonte de empréstimos e subsídios junto de pequenos exibidores, etc.

Com a votação na Assembleia da República do Orçamento Geral do Estado para 1978 todo este estado de coisas se alterou. Ao decidir a supressão desse adicional e a sua transformação num imposto de transacções de igual montante, o Governo e a Assembleia punham em causa o funcionamento daquela que era a instituição fulcral no campo do cinema. Tal facto parecia testemunhar uma vontade política de a suprimir; não admira que tenha provocado larga agitação no sector cinematográfico, sobretudo se atendermos a que nenhuma comunicação ou consulta fora feita à sua comissão administrativa nem, ao que supomos à própria Secretaria de Estado da Cultura.

NORMAS PARA SUBSÍDIOS EM 1978

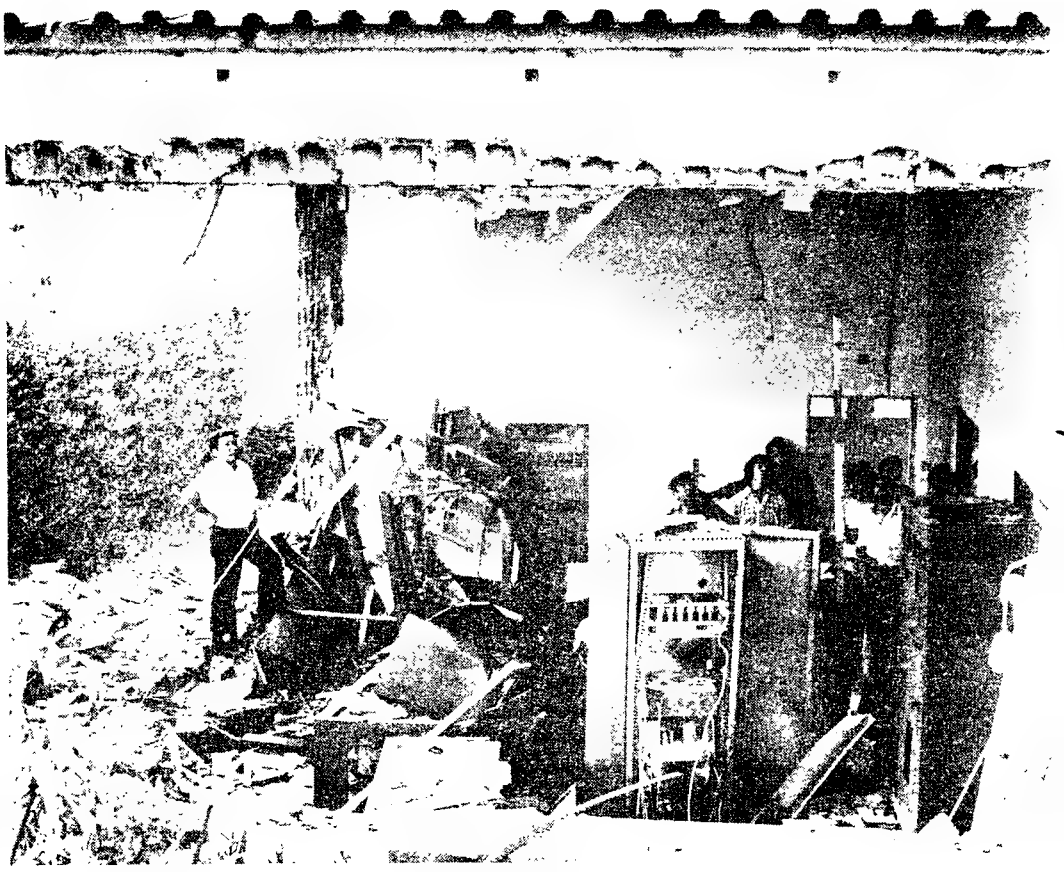
Entretanto, a 21 de Abril, o secretário de Estado da Cultura, António Reis, assinava um conjunto de despachos em que fixava as normas para os subsídios em 1978. Ao lados das medidas tidas, comumente, como saneadoras (como a estipulação de **plafonds** máximos de 5000 contos por filme ou as etapas e prazos de concessão dos ditos subsídios) referem-se nesses despachos condições de tal modo vagas e indefinidas (como as referências ao «interesse estético», ao «êxito comercial de obras anteriores» ou à «idoneidade») que podem servir para os mais variados critérios e para eventuais injustiças. Como é possível que o êxito comercial seja uma condição de preferência quando não estão asseguradas condições de divulgação minimamente alargada e equitativa dos filmes já feitos? Quem (e como) vai avaliar a «idoneidade» dos realizadores?
Além disso o despacho contém a determinação de exclusão expressa do plano de produção de 1978 de todos os projectos apresentados por cineastas que não tenham ainda concluído trabalhos anteriores contratados com o IPC. Esta medida, aliás evidentemente correcta, vem colocar como insubsidiáveis realizadores como Galvão Telles, Seixas Santos, Rui Simões, António Reis, Margarida Cordeiro, Cunha Telles, Fernando Matos Silva, Luís Rocha, Lauro António, José Álvaro Morais, Sá Caetano, Brum do Canto, António de Macedo, Fonseca e Costa, Manuel de Oliveira, Paulo Rocha, António Pedro Vasconcelos, ou seja a larga maioria dos cineastas mais conhecidos. O que evidentemente, levanta uma questão (que nada tem a ver, claro, com o teor do despacho): porquê tantos filmes incompletos ou mesmo nem sequer iniciados?
No ano transacto as condições de financiamento de projectos de filmes foram particularmente difíceis. O IPC, nas normas então publicadas, não financiava a totalidade dos projectos mas apenas 60 por cento até ao montante de 3500 contos tendo os produtores que encontrar, por si, outras fontes de financiamento. Ora é sabido que não há, em Portugal, outras instituições públicas ou privadas que se dediquem à produção de filmes. Assim sendo está a acontecer que, na totalidade dos casos, o financiamento do IPC é insuficiente. Os filmes estão, por isso, bloqueados a meio de rodagem ou nem sequer iniciados.

Como o IPC (mercê da indefinição legal e administrativa em que se encontra) não pode conceder empréstimos (uma das formas de financiamento previstas na lei que permitiria resolver alguns dos casos) e como a SEC determinou que não haveria, em caso algum, reforços de verba, esses filmes pura e simplesmente ficarão parados se, entretanto, não for encontrada uma solução para o problema. De resto ao estabelecer (**a posteriori**, isto é, depois de os projectos estarem já elaborados), como **plafond** moralizador e austero, para os filmes deste ano, a verba de 5000 contos, a SEC está em vias de poder criar novos impasses. É evidente que é possível fazerem-se filmes com essa verba. Mas já será discutível que esses filmes possam ter aquele mínimo de condições técnicas que os torne penetráveis no mercado. Este um ponto de controvérsia, em aberto e a discutir.

Aliás, alguns dos filmes que, em 1975, foram possíveis com muito menos que 5000 contos (p. ex. **«Os Demónios de Alcacer Kibir»** — 3000 contos, ou **«O princípio da Sabedoria»** — 2400 contos) hoje não seriam feitos com essa verba, tal foi a subida dos custos em cinema.

UM PROJECTO GLOBAL

Entretanto, António Reis parece ter um projecto global para o cinema. Assim, pelo menos, anunciou no debate realizado há dias no Centro Nacional de Cultura. Entre outras medidas prevê-se a construção de um novo complexo laboratórios-estúdios com a participação da RTP, a reserva de mercado para o filme português, a moralização da produção, a ampliação do parque de exibição com a construção de salas ao longo do país, etc. Isto tudo acontecerá ao mesmo tempo que o IPC irá ser transformado a custo prazo numa repartição que o IPC irá ser transformado a curto a curto prazo numa repartição da SEC, de todo em todo directamente dependente do seu titular.
Um tal projecto que, embora autocrático, pode vir a ser eficaz e é, em linhas gerais, defensável culmina, assim, um período de gestão infeliz do IPC que, ao longo de quatro anos, não foi capaz (por incapacidades várias, políticas e técnicas) de abrir uma real política cinematográfica.
Essa má gestão, fruto de vários períodos políticos, parece porém, um alibi que nos merece algumas reservas. Se ela é real, e isso é indiscutível, não se sente como é possível à actual Comissão Administrativa do IPC ouvir, publicamente, tão graves acusações sem se demitir nem, de resto, é claro porque António Reis lhe faz essa crítica severa e não a demite. Há neste ponto, uma obscuridade de actuações que vem levantar a primeira dúvida: serão as razões invocadas pela SEC as razões reais que a levam a desmantelar o IPC?
Queiramos ou não, e para já, o que



«Colónia e Vilões» de Leonel Brito: que futuro para um cinema documental e directo? A RTP, o circuito paralelo, ambos ou nenhum?

O «Princípio da Sabedoria» de António de Macedo: este filme não seria possível nas normas de produção para 1978?

...guês: futuro

JORGE LEITÃO RAMOS

...a actual situação vem criar é a completa dependência do poder político (a nível financeiro e a nível decisório). Argumentar-se-á que, de qualquer modo, a Lei 7/71 já previa essa dependência. Só que: ela não era financeira nem era, politicamente, tão concreta, como agora se institui.

Por outro lado o projecto António Reis para o cinema vai exigir, por certo, avultadas verbas. Não é estando estreitamente dependente da vontade política do Ministério das Finanças em cada ano (e essa vontade é variável) que é possível lançar-se um plano de investmentos tão arrojado e tão necessário. Para já, e para este ano, a verba atribuída é metade de que existiria sem a supressão da autonomia financeira. Qualquer coisa como 70.000 contos em boa parte já dotados a projectos de filmes de anos anteriores. E, se é verdade que a vontade da RTP (expressa pelo cineasta e director do 2.º canal Fernando Lopes) em produzir filmes pode constituir um recurso estimável, também não é transparente a que fundos pode a RTP ir buscar as verbas necessárias para um apoio visível. O que, provavelmente, irá acontecer neste domínio será o reatamento de relações com o cinema do mesmo tipo que existiram em 1974/75/76, isto é, a produção de séries de programas e não de filmes propriamente ditos.

UM BODE EXPIATÓRIO?

No meio disto tudo que papel para os trabalhadores de cinema, para os cineastas? Há quem tema, e com razões, que eles se venham a transformar numa espécie de bode expiatório de uma situação que, se é caótica, não é, nem por sombras da sua exclusiva responsabilidade.

Para já, um documento oficioso classifica-os, sumariamente de «irresponsáveis», (advirá, daí, a nomeação de Cunha Telles para a CA da Tóbis?), para já o tom da intervenção de A. Reis no debate no CNC é duro para com aqueles que, aos altos e baixos, têm erguido o que há de cinema português. Não nos parece, assim, justo o possível atestado de menoridade colectiva que se sente a pairar no ambiente. Daremos porém, a António Reis, o benefício de uma espera. Teremos, para já, os olhos e os ouvidos abertos e a expectativa em ver como, no quotidiano político-administrativo, ele vai resolver os múltiplos escolhos que já se adivinham. Pelo menos, agora,

Será que, com a reserva de mercado anunciada por A. Reis, iremos ver, finalmente, «A Confederação»?

as atenções vão canalizar-se para uma só figura. A centralizar, totalmente o poder, António Reis colocou-se no ponto de mira de todos os focos de iluminação do cinema português. Esperemos que ele queira e saiba fazer, da sua actuação, um «filme de fundo». É que, de fitas estamos já cansados.

«O Funeral do Patrão» de Eduardo Geada: a RTP vai voltar a produzir filmes?

Pub.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDUSTRIA HOTELEIRA E SIMILARES DOS DISTRITOS DE COIMBRA, LEIRIA, GUARDA E CASTELO BRANCO
SINDICATOS DOS TRABALHADORES NA HOTELERIA TURISMO RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL

Anúncio de greve nas castinas, bares, residenciais, creches e restantes serviços sociais das universidades de Lisboa e Coimbra

—Ao Ministério do Trabalho
—Aos Serviços Sociais da Universidade de Coimbra
—Aos Serviços Sociais da Universidade de Lisboa
—Ao Instituto de Acção Social Escolar (IASE)
—A todas as entidades interessadas

Dando cumprimento ao disposto nó Artigo 5 da Lei 65/77, de 26 de Agosto, os Sindicatos dos Trabalhadores na Indústria de Hotelaria e Similares dos Distritos de Coimbra, Leiria, Guarda e Castelo Branco e o Sindicato dos Trabalhadores na Hotelaria Turismo, Restaurantes e Similares do Sul, como forma de chamar a atenção dos organismos responsáveis para a necessidade de rever a contratação dos trabalhadores por nos representados nas cantinas, bares, residências, creches, e restantes serviços sociais das Universidades de Lisboa e Coimbra, decidiram:

Uma greve geral de dois dias a realizar nos dias 16 e 17 de Maio de 1978 a observar por todos os trabalhadores daqueles serviços em Coimbra.

Uma greve de um dia a realizar no dia 17 de Maio de 1978, por todos os trabalhadores daqueles serviços em Lisboa.

Lisboa, 12 de Maio de 1978
Coimbra, 12 de Maio de 1978

AS DIRECÇÕES

Instalação do Conselho Municipal de Almada

A realizar no dia 20/5/78 pelas 21.30 horas na Sociedade Filarmónica União Artística Piedense

Organizações que integram o Conselho	Representadas por
Comissão Trabalh. da CMA	José Augusto da Cruz Eugénio
Comissão Trabalh. dos SMAS	Joaquim Francoso
União dos Sindicatos de Almada	Álvaro Joaquim Pereira Farinha
	Marcelino da Rosa Júnior
Coord. Comissões de Trabalhadores	Alberto Francisco Mendes
	Fernando Gabriel S. D. Vicêncio
Conselho de Moradores de Almada	Fernando Rosa Simão
Conselho de Moradores da Cova da Piedade	Joaquim Manuel Silva Avó
Conselho de Moradores de Laranjeiro	Manuel da Silva Calceteiro
Conselho de Moradores da Caparica	José Henrique Ferreira Barata
Conselho de Moradores da Costa da Caparica	Rui Soares de Albergaria
Conselho de Moradores da Trafaria	António Gabriel da Silva
C.E.L.P.H.	António José O. S. Correia
C.A.A.R.A.	Henrique Evaristo Melo Banha
A.I.P.I.C.A.	Victor Manuel Nunes Barreto
Associação dos Comerciantes C. Almada	Joaquim Manuel Barroca Pedro
Assoc. Industriais Construção Civil C.A.	António Tavares Fontes
Assoc. Inquilinos Lisbonenses C. Almada	José António Calado
Assoc. Reformados e Pensionistas do C.A.	Manuel Vasques Farinhas
Associação de Pais e Pensionistas do C.A.	João José Gonçalves Rocha
Associações dos Bombeiros Voluntários	Ludgero Soares Braz
Trabalhadores da Saúde	João Luís Sequeira
Cooperativas de Produção	Joaquim José Pereira
Cooperativas de Consumo	António Almeida Santos
Cooperativas de Habitação	Edgar Xabregas Duarte Machado
Secretariado das Colectividades	Adelino Gonçalo S. Valadares
	Carlos Alberto de Almeida
Centros Paroquiais	Albino José Leitão
Centros de Bem-Estar	Maria Luísa C.I.G. Oliveira
C.P.P.C. — Delegação de Almada	Amílcar de Sousa Almeida
M.U.T.I.	Inocêncio da Silva Amaro
U.R.A.P.	Armando Henriques da Silva
Misericórdia de Almada (asilo)	Fernando Miranda Barão

Convida-se toda a população do Concelho a estar presente nesta cerimónia

O Presidente da A.M.

SURDOS
CASA SONOTONE

DIA DA MÃE

Da nossa querida mãe!... Os que têm a felicidade de ainda a possuirem. A minha infelizmente já a perdi. Como eu, tantos nas minhas condições. A melhor oferta para a mãe que não ouve, é um aparelho auditivo para renovar a alegria perdida. Fazemos exames e demonstrações que são gratuitas. Prestamos assistência técnica a todos os aparelhos. Pilhas de todas as voltagens. LARINGES ELECTRONICAS para os operados à laringe. Aguardamos a vossa visita com a qualificamos muito reconhecidos e em:

LISBOA — **POÇO DO BORRATEM, 33 S/L.** — **TELEF. 86 83 52-86 59 78**
PORTO — **PRAÇA DA BATALHA, 92-1.º** — **TELEF. 31 56 02**

O ESPÍRITO DE SAN FRANCISCO

LOUIS MARCORELLES

Lugar de nascimento da contracultura americana e mundial, Berkeley voltou há já muito tempo a encontrar uma calma quase olímpica. Professores de fato completo, estudantes de «jeans» como em qualquer outra parte do mundo, dão e recebem um ensino sem história e não perturbam a paz do «campus». Ouvir um dia Angela Davis, aplaudida como uma velha amiga, no estrado do Weeler Auditorium, a traduzir uma palavra do cineasta senegalês Sembene Ousmane, cujo *Ceddo* acaba de ser projectado, não traz nenhuma nostalgia. Uma jovem que nos leva ao aeroporto de San Francisco até Berkeley confessa ter participado activamente no «movimento» nos anos 60, e depois ter vivido em comunidade na cidade. Mas como as comunidades foram desaparecendo, a acção será levada a efeito por outras maneiras. Jane Fonda, que voltou a ser uma grande vedeta de Hollywood, e o marido, Tom Hayden, vão de vez em quando a Berkeley para apresentar um filme não renegaram o passado, mas também agem por meios diferentes, no interior do «sistema». Jean-Pierre Gorin, o antigo parceiro de Jean-Luc Godard, embora continuando a ser afectivamente um cidadão de Berkeley, dá aulas na Universidade de San Diego. Passam por Berkeley personalidades tão diferentes como Chris Marker, Paula Delsol, as actrizes Bernadette Lafont e Delphine Seyrig. Yvette Biro, colaboradora do realizador húngaro Miklos Jancso, uma das críticas mais finas do cinema mundial, dá aulas nas universidades de Berkeley e de Stanford.

Sim, em Berkeley fala-se muito de cinema, e vem-se de toda a parte visitar ou revisitar um local bastante extraordinário, o Pacific Film Archive, dependência da University Art Museum, de que o conservador, Tom Luddy, fez em poucos anos um dos grandes centros da cultura cinematográfica.

A SOLIDÃO DE ROBERT KRAMER

É preciso ir recuando até ao pós-guerra, à cinemateca francesa da Avenida de Messina, para encontrar o equivalente do que hoje se sente nos arquivos de Tom Luddy. O cinema já não é somente um *business*, nem mesmo uma planta de estufa para amadores esclarecidos. Ele surge em toda a nossa cultura, nas outras artes, na vida. Não surpreende o facto de Henri Langlois ter pensado muito seriamente, pouco antes de morrer, em convidar o actual conservador do Pacific Film Archive a juntar-se à equipa que devia animar a sucursal da cinemateca francesa em Nova Iorque.

Tom Luddy, de trinta e cinco anos, nascido em Nova Iorque, soube fazer da sua cinemateca, em seis anos, o pólo de atracção da costa ocidental, conseguindo despertar a curiosidade por tudo o que diz respeito ao cinema, misturando habilmente arte e política, juntando a essa perpétua disponibilidade o sentido da organização. No entanto, a situação material do Pacific Film Archive põe problemas muitas vezes angustiantes.

A Universidade da Califórnia, proprietária do museu onde se encontra a cinemateca, atribui uma soma insignificante ao cinema, 29 000 dólares, embora o seu orçamento anual seja de 800 000 dólares (só para o Museu). O resto do dinheiro necessário ao funcionamento da cinemateca, 350 000 dólares deve ser conseguido por outros meios: pelo governo federal através do National Endowment for the Arts, a Fundação Louis B. Mayer, aluguer ocasional da sala de projecção, e, acima de tudo, as receitas obtidas. O ano passado faltaram 60 000 dólares. No entanto, George Lucas e Martin Scorsese apresentaram os seusfilmes *A Guerra das Estrelas* e *Nova Iorque, Nova Iorque* em sessão de gala a favor da cinemateca. Scorsese, que durante as filmagens de *Nova Iorque, Nova Iorque*, aparecia todas as noites com Liza Minelli para ver comédias musicais e clássicos, ofereceu mesmo dinheiro.

Local de encontro artístico, e em certo sentido político — se se tiver em vista que Berkeley não esqueceu o passado — o Pacific Film Archive acolhe todos aqueles que querem ver ou rever um filme, desde que as razões apresentadas sejam válidas. Logo que chega, o visitante, seja ele quem for, dá entrada na pequena sala de projecção, donde logo lhe mostram as obras que ele próprio escolheu, ou que foram escolhidas por Tom Luddy. Chris Marker, diz Tom Luddy orgulhosamente, viu vinte e três vezes, porque a cópia era infelizmente má, o *Vertigo* de Hitchcock.

Muita gente se instala actualmente em San Francisco e não em Berkeley. Robert Kramer, autor de *The Edge*, de *Ice*, de *Milestones*, abandonou definitivamente Nova Iorque, «*essa cidade que está a cair em ruinas*», segundo ele próprio diz. A vida é menos cara em San Francisco: «*Os meus filmes não me dão muito dinheiro. Consegui ao todo, na Europa, 5000 dólares!*» O ano passado subsistiu guiando um camião. Hoje, por iniciativa de Tom Luddy, a cinemateca mostra uma retrospectiva da sua obra. Vimos *The Edge* (1967), de que o tempo fez uma obra-prima, obra de perfeição gelada na mais pura tradição de Bresson e Ozu, «antiamericana» ou melhor, europeia, pela sua rejeição dos clichés do cinema de Hollywood. Não é irrisório que um artista da categoria de Kramer viva assim marginalizado?

«*Se jogarmos o jogo de Hollywood*, diz ele, *somos progressivamente devorados, capitulamos sem darmos por isso*». Um dia, depois da projecção, num restaurante mexicano, que é também local de encontro dos que se interessam pela América Latina — são mesmo projectados filmes de Cuba — Robert Kramer discute amigavelmente com militantes que são muito individualistas. Kramer sabe transpor a sua experiência política para uma escrita que sobreviverá às modas.

Ontem, em San Francisco, numa taberna escocesa, cheia de fumo, Tom Luddy encontrava-se com Phil Kaufman, amanhã encontrar-se-á com Francis Coppola na casa deste, onde são visionadas as «quedas» do seu filme *Apocalypse Now*, sobre o Vietname. Coppola arrisca toda a sua fortuna nessa obra de uma beleza extraordinária. Durante alguns dias George Lucas recebe-nos com a mesma simplicidade na sua grande casa rústica de San-Anselmo, a norte de San Francisco. O êxito fabuloso da *Guerra das estrelas* não lhe deu volta à cabeça.

A parte que um dia lhe caberá nas receitas atingirá os 80 milhões de dólares. Lucas já se considera em férias do cinema tradicional. Claro que prepara onze filmes que serão continuações do primeiro, mas não será ele a dirigi-los. Já contratou o excelente argumentista Leigh Bracket para o segundo. O seu tempo repartir-se-á entre «os negócios» e a investigação cinematográfica.

O VIDEO-DISCO VAI CHEGAR

George Lucas, tal como o seu amigo Francis Coppola, tem perfeita consciência de ter obtido uma autêntica independência dos estúdios que lhe permitirá de futuro recusar toda e qualquer interferência. Antes de mais considera-se um técnico, quase um cientista, antes de mais preocupado com os dados técnicos da sétima arte. Adiviha-se nele uma assimilação muito profunda daquilo que a vanguarda conseguiu, a recusa do cinema como simples «*reprodução da realidade*», embora sem se perder no seu *ego* artístico. Considera muito importante o video-disco — compra-se um video-disco que se liga ao aparelho de televisão:

«*Funciona perfeitamente*, diz ele. *Em breve estarão à venda em todas as lojas. Vão modificar completamente a exploração cinematográfica. Podemos ter um filme por 13 dólares*». Para ele o cinema terá uma maior liberdade para fazer experiências.

Absolutamente nada afectado pelo êxito, não tendo modificado a sua forma de viver, Lucas acaba de comprar um terreno perto de San Anselmo onde vai construir as instalações ultramodernas que permitirão trabalhar livremente e fazer experiências à vontade. A pequena produção estilo Robert Kramer terá, paralelamente, direito à existência? É um caso a ver.

(Le Monde)

S. R.

CAMARA MUNICIPAL DE ALMADA

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO

ANUNCIO

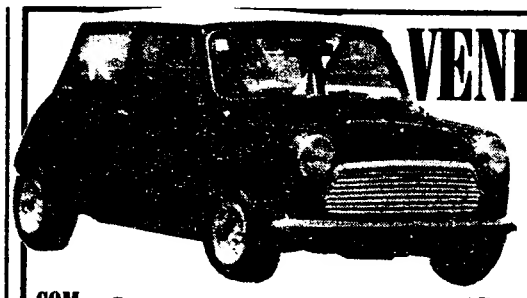
Precisam-se:

2 Fiscais Técnicos de Obras
Habilitados com o curso de Construção Civil

Prestam-se informações nos Serviços de Gestão de Recursos Humanos, nos dias úteis, durante as horas normais de expediente.

Almada, 11 de Maio de 1978

O presidente do Conselho de Administração
(Francisco Simões Gomes)



VENDE-SE

COOPER 1000 DE 1970

COM: ☆CARROÇARIA ESPECIAL ☆DUAS SUSPENSÕES ☆SERVO-FREIO ☆ RADIADOR D'OLEO ☆JANTES ESPECIAIS NOVAS ☆PNEUS ESPECIAIS 165/70 COM 2000 KM ☆BANCOS DE VELUDO ☆ESTEREOFONIA ☆VOLANTE DE COMPETIÇÃO ☆PINTURA NOVA.

DOU GARANTIA TOTAL E COMPROVO CONSUMO DE 7,7 L A 130 KM/H E 8,8 A 165 KM/H

SUJEITO À MAIOR OFERTA E A TROCA

RUA JOSE LINS DO REGO, 26-1.º-Esq.º. Tel. 764387

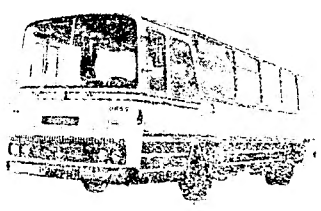
Descubra tudo o que pode comprar no Terminal

Um nunca acabar de coisas — de se perder a cabeça.
Mais três novos pisos cheinhos de lojas irresistíveis, internacionais. Vale a pena conhecer este Terminal ainda maior. É o ponto alto das compras na Baixa. Aberto todos os dias, mesmo aos sábados, domingos e feriados. Com escadas rolantes. A dois passos do Metro.
Venha até cá, a Estação do Rossio.

NO CAMINHO DAS SUAS COMPRAS

Terminal
Centro Comercial do Rossio

R.N.



nasceu com o País Novo para aproximar os portugueses

J.N.P.P.

Comunica-se que o endereço telegráfico da Junta Nacional dos Produtos Pecuários passou a ser

PECUÁRIOS

COMITÉ DISTRITAL PREPARATÓRIO DE ÉVORA DO XI FESTIVAL MUNDIAL DA JUVENTUDE E DOS ESTUDANTES

CONVOCATÓRIA PÚBLICA

Convocam-se todas as estruturas e organizações da juventude e dos estudantes que fazem parte do Comité Distrital Preparatório do XI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, e todas aquelas que não fazendo parte estejam interessadas em fazê-lo, que compareçam a uma reunião a realizar no dia 14/5/78 às 15 horas, na S. O.I.R. Joaquim António de Aguiar em Evora, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS
1 - Informações
2 - Plano de actividades
3 - Vários

P/o Executivo do Comité Distrital Preparatório

AOS FOTOGRAFOS AMADORES

Compram-se diapositivos de paredes com cartazes da Revolução de preferência de 1974 e 1975

Resposta ao apartado do 5037

caixa do PONTO

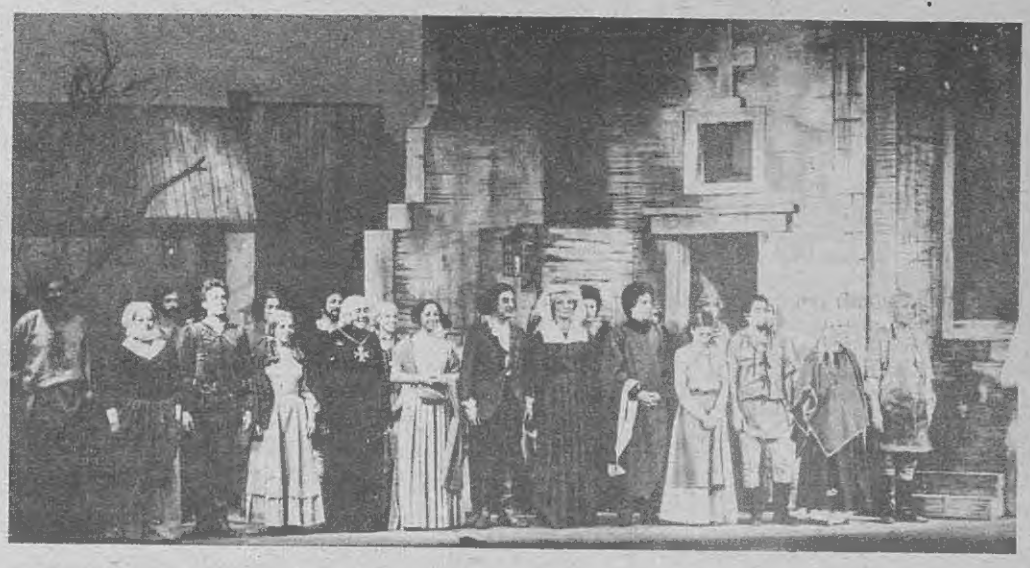
AS ESTRELAS DA SEMANA

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
(Casa de Garrett)
Rossio Tel. 32 22 10
AUTO DA GERAÇÃO HUMANA
atribuído a Gil Vicente
Encenação: Carlos Cabral

ALFAGEME DE SANTARÉM
de Almeida Garrett
Encenação: Francisco Ribeiro
Intérpretes: Assis Pacheco, Irene Isidro, Ligia Teles, Eunice Muñoz, Rui de Carvalho, Barroso Lopes, Victor Ribeiro, Fernanda Alves, etc. Pode ser um acontecimento importante, no caso do Nacional se transformar naquilo que devia ser: um elemento de dinamização da cultura portuguesa. Pode ser, e tememos que o seja, uma forma de deixar tudo na mesma.

ÁDÒQUE
(Martim Moniz Tel. 87 44 76)
ROUPA VELHA
A equipa do Ádòque revive os números mais interessantes (alguns deles cortados pela censura) de revistas a que estiveram ligados alguns dos seus elementos. Para fazer a história da revista à portuguesa.

TEATRO ABERTO
(Pr. de Espanha Tel. 69 72 99).
«O CASO DA MÃOZINHA MISTERIOSA»
de Ary, Sobral e & Rui
Indispensável ver um espectáculo que é importante por três razões: porque é divertido, porque é crítico, porque representa um passo em frente para a criação de um novo espectáculo musical português.



CASA DA COMÉDIA
(Rua Francisco Borja Tel. 69 72 99)
SAUDADES
Cabaret Erosatírico de Ricardo Pais
É crueldade falar-lhe nisto: é, amanhã, domingo a sua última oportunidade para ver este espectáculo (se ainda não viu). O pior é conseguir lugar. Tente sempre. Delicioso, e mais do que isso.

SATÉLITE
(Saldanha Tel. 56 26 32)
GUILHERME E MARINELA
de Viveca Malander
Io Apolloni e Pedro Pinheiro explicam com graça o que se passa na vida da mulher e do homem, desde que nascem até que morrem. Ao mesmo tempo, didáctico e divertido. Não deixe de ver.

"Música para si": o fazer e o ser

«MÚSICA PARA SI», de Franz Xaver Kroetz. Sem ind. de tradutor. Encenação: Jorge Silva Melo e Luís Miguel Cintra. Assistentes de Encenação: Linda Gomes Teixeira e José Bartolomeu. Cenários: Jorge Pacheco. Direcção Técnica: Cristina Reis. Realização e locução do programa de rádio: João David Nunes. Interpretação: Isabel de Castro. Teatro da Cornucópia. Instituto Alemão. Maio 1978.

Vejamos como o autor explica a sua peça: «A peça propõe-se representar objectivamente um facto que me impressiona bastante nos relatórios policiais. Em muitos casos, o suicida mata-se com uma incrível preocupação de ordem. O suicida de quem os preparativos procedem sem transição das actividades quotidianas e por consequência considerados normais, realiza-se como a vida que o provocou, com o mesmo amor pela ordem; tão limpo e sério, tão morno e mudo como ela.
Este facto pode querer dizer muito sobre a vida de alguns de nós, sobre os seus desejos irrealizados, as suas esperanças condenadas ao fracasso, os seus pequenos sonhos; pode ser um documento sobre a sua incapacidade em se libertarem da escravatura da produção, pode mostrar que a sua vida é semelhante à dos animais de carga. Como animais, estes seres projectam a sua situação miserável nessa atitude de mutismo que encerra uma forte propensão para a ordem, para a resignação, para «estarem de acordo sem que ninguém lhes tenha perguntado nada», para se deixarem explorar e aceitar as proibições até à fraqueza e à ruína.

Se a força explosiva desta exploração e desta opressão massiças não fossem infelizmente dirigidas contra os próprios oprimidos e explorados teríamos uma situação revolucionária. Assim temos apenas numerosos casos de mesquinhos suicídios insignificantes e assassínios que funcionam apenas de uma maneira afirmativa, aqueles que chegam a tal ponto que teriam a força e a coragem de «lançar a sua própria vida no prato da balança», entregam-se eles mesmos à alçada dos seus inimigos naturais. É assim que depuram involuntariamente a sociedade de que se queixam. E passam a ser eles os acusados e desaparecem nas prisões ou nas campas, o que vem a ser a mesma coisa.
Só assim é possível manter a ordem inumana em que vivemos e devemos continuar a viver.»

A transcrição foi longa, mas valeu a pena: pela minha parte não saberia dizer melhor para apresentar esta peça criada pelo Teatro da Cornucópia no Instituto Alemão.
A peça de Kroetz é uma obra-prima porque consegue ser ao mesmo tempo um acto com uma única personagem que nada diz sendo, no entanto, uma peça cheia de palavras (audíveis com um mínimo de atenção); porque consegue ser uma peça cheia de um terrível, insuportável silêncio, embora três partes dela sejam preenchidas com a transmissão de um programa radiofónico em que além das canções de amor (amor de fotonovela claro) há a voz de um destes locutores palavrosos que possuem o segredo do lugar-comum sentimental; é ainda uma obra-prima porque consegue, através dos processos mais simples, directos e imediatos — embora carregados de significados — dar a imagem teatral da existência humana como forma exclusiva de Fazer, da qual a função de Ser parece ter sido eliminada.
O que vemos em palco durante um pouco mais de uma hora é uma mulher que realiza os seus gestos quotidianos, gestos cuja mecanização tornou quase num ritual, e através desses gestos, que constituem a sua forma única de estar na vida, exprime o que há nela de efectividade inexprimível: o vazio, ou seja, a solidão despovoada, ou seja, a ausência de vínculos sociais capazes de criar a rede de relações através da qual poderia, ela própria, tentar lutar contra essa situação. Sem querer fazer jogo de palavras, poderíamos dizer que essa rede de relações funcionaria como a rede que salva a vida do acrobata que falhou o golpe. A situação desta mulher que (se) realiza (n)os seus gestos insignificantes ou do seu quotidiano (lavar, lavar-se, bordar, olhar o bordado, escutar ou não escutar o rádio, ver ou não ver televisão, comer, preparar a comida, arrumar, ler, dormir ou não dormir) até não poder mais e se resolver ao gesto que transgride esse quotidiano — e é por isso uma espécie de jogo —, não é apenas o resultado duma determinada sociedade, que seria neste caso a sociedade de consumo da RFA, é também a meu ver, o ponto final dum itinerário que vem de muito mais longe e tem a ver com a própria constituição da sociedade, com a concepção cristã da família, com traumas sofridos ao longo dos séculos tanto a nível mental como sentimental e sexual.
Parece óbvio, e embora seja agora moda defender o ponto de vista contrário, que à superação possível desses problemas (embora nem todos os problemas humanos pareçam resolúveis) passa por uma reorganização da sociedade e é óbvio que essa reorganização passa pela leitura marxista dessa sociedade. Não podemos fugir a isto.
Farei apenas duas reservas ao espectáculo: o excesso de mensagens de **amor** veiculadas pelo rádio como se esse fosse o problema da sra. Rasch (embora seja magistral o trabalho de José David Nunes); o facto do cenário não corresponder ao ambiente proposto pelo autor e que me parece mais adequado aquilo que ele se propunha: «o 'odor' de Viagens organizadas» e de «Arte e Decoração» respira-se em todo o aposento».
Esquecidos esses pormenores, podemos dizer que «Música para Si» é mais um grande trabalho do Teatro da Cornucópia. Os encenadores conseguiram criar o tom naturalista pedido pela peça e ultrapassá-lo, transformando cada gesto, cada movimento, cada objecto, cada som, cada expressão, a própria luz, o próprio tempo, em signos de múltiplos significados que conduzem inexoravelmente ao resultado final.
Isabel de Castro participa activamente nessa criação de signos e consegue ao mesmo tempo uma composição da personagem que se reveste duma pungência que faz mal. A certa altura, não sabemos se é a actriz ou a personagem que está à nossa frente: contudo, permanecemos alertados paa os significados que nos são propostos. Essa dupla carga, essa dupla leitura classificam um espectáculo e uma intérprete.
Absolutamente indispensável.

CARLOS PORTO

AS TRÊS "LADY CHATTERLEY"

Em 1926, instalado sob as árvores florentinas da vivenda Miranda, D. H. Lawrence escrevia uma narrativa cujo tema era a ternura. *The Virgin and the Gipsy*, que se aproximava mais da sua maneira de escrever de 1912 do que das suas últimas produções. E foi precisamente em *Terderness* que ele primeiro pensou para o título do novo romance que ia começar. Escreveu três versões. A primeira só seria publicada em 1944, em Nova Iorque, pela The Dial Press e intitular-se-ia *The First Lady Chatterley*.
O prefácio seria da autoria de Frieda Lawrence. Esta versão teve os seus partidários a testa dos quais se encontrava a própria Frieda. O absurdo prefácio de Esther Forbes, que acompanharia, dois anos depois, a tradução francesa, nada mudaria, até porque essa versão não era mais do que um esquisso. Compreende-se que Frieda Lawrence tenha querido favorecer essa versão ajuizada e pudibunda (onde não figuram as palavras tabus), visto ser bem claro que este livro põe em cena a sua própria aventura sentimental. Lawrence escreveu três vezes a sua obra: dificilmente se compreende a razão que pode ter levado Esther Forbes a considerar essa primeira *Lady Chatterley* como definitiva.
Ao publicar ele próprio a terceira versão (em Junho de 1926, na editora florentina (de Pino Orioli) Lawrence designava aquela que preferia. Durante longo tempo foi essa terceira versão, *The Lady Chatterley's Lover*, que conhecemos. Lawrence hesitara entre vários títulos: *Tenderness, John Thomas and Lady Jane* e *The Lady's Keeper*. Foi finalmente com o título que fez a sua glória que ela foi publicada, não sem algumas reticências porque Lawrence pressentia que a sua obra só lhe iria valer, como antes acontecera com *The Rainbow*, ódio e insultos. Mas quando o livro apareceu, Lawrence lançou-se com entusiasmo na batalha, que foi severa para defender a sua obra. Pode dizer-se qe gastou nisso as suas últimas forças, tantas foram as críticas negativas que teve de suportar, tal como as proibições dos poderes públicos. Ao seu lado só estiveram Aldous Huxley, David Garnett e Richard Aldington. A Edição inglesa, (Martin Secker, 1932) seria expurgada e manter-se-ia até 1960 a única autorisada. Richard Aldington dizia que, assim mutilada, ela se apresentava como *«uma espécie de Hamlet sem príncipe da Dinamarca, sem família real e sem Ofélia»*.
Restava uma segunda versão, desconhecida do público até à sua publicação em 1972 na Heinemann: *John Thomas and Lady Jane, the second version of Lady Chatterley's Lover*. Recentemente publicada em França com o título de *Lady Chatterley e o homen da floresta*. É, de longe, a versão mais longa (mais de quarenta mil palavras que a terceira). Nela, o guarda florestal Parkin, é um camponês inculto, bem diferente do Mellors da terceira versão que, segundo Lady Chatterley, podia «ser um gentleman». A própria Constance é menos intelectual, e a sua feminilidade surge muito a par com a rudeza moral e física de Parkin. Para mais, Lawrence dá ao mundo vegetal, à floresta, um valor que justifica, sem dúvida, o título escolhido pelo tradutor francês, cujo trabalho, é, de resto, excelente.
Será esta versão preferível à última? Já disse que se devia contar com o desejo de Lawrence ao distinguir a terceira. Mas também podemos passar por isso, adoptar Perkins em vez de Mellors, preferir o Lawrence-poeta ao Lawrence-pensador. Agora que temos as três versões, podemos observar o caminhar desta obra que Lawrence quis um *«romance fálico, embora suave e delicado»*.
É certo que Lady Chatterley (nas suas três formas) não é, de modo algum, a melhor obra de Lawrence, embora seja a mais célebre. Mas impressiona-nos devido a essa energia desesperada do autor em nos deixar uma mensagem que completará, para além da morte, a prosa febril do *Apocalipse*.

J. F. TEMPLE
(Le Monde)

DOMINGO, 14

I PROGRAMA

12.30 Abertura e Missa de domingo
13.10 Ilhas perdidas
(já o décimo-terceiro episódio de uma série com muitos «fans» entre a malta miúda, o senão é passar a uma hora em que a maioria está a almoçar)
13.40 Dsenhos animados
14.00 Telejornal
14.15 TV - Rural
(com o eng. Sousa Veloso)
14.45 O povo e a música
(o rancho «Flores do Campo», da Nazaré, e alguns aspectos do folclore da zona, que é riquíssimo)
15.10 «A Canção de Lisboa»
(o velho filme de Cottinelli Telmo, primeira longa-metragem sonora inteiramente rodada em Portugal; no elenco Vasco Santana, Beatriz Costa, António Silva, Teresa Gomes, Manuel Santos Carvalho e outras glórias do antigamente, incluindo «oito discípulos da Tobis» que viraram a cabeça a muita gente)
17.20 Uma festa na Beira-Baixa
(documentário sobre os festejos e a forma de vida das populações do concelho do Sabugal)
18.00 A loja do Mestre André
(com «A cidade do Cata-vento», o jogo «Eu digo... tu pensas», «Cantigas, cantigas», em que entra Paulo de Carvalho com duas músicas giras, segundo se diz, e, atenção, Pitum! Pitum com a família em mais um «sketch» cheio de humor)
19.30 Grande encontro
(com Mário Zambujal)
20.30 Os Marretas
(a não perder pelos vários escalões de idades: os miúdos porque gostam e os graúdos porque idem)
21.00 Telejornal
21.35 Boletim meteorológico
21.40 A festa da música
(magazine musical produzido por João Martins)
22.10 Novas histórias dos Bellamy
(«Edward, criado da família Bellamy, vai a um bar beber cerveja e estar com uns amigos, e conta um pequeno escândalo a que assistiu quando acompanhou os amos ao campo»)
23.00 Telefutebol
23.30 Telejornal

II PROGRAMA

21.00 Abertura e Telejornal
21.35 Cinemateca
(ainda no «Ciclo Leitão de Barros», um Júlio Dinis passado ao cinema em 1935: «As pupilas do sr. reitor», com Joaquim Almada, Leonor d'Eça, Maria Paula, Lino Ferreira, etc)

SEGUNDA, 15

I PROGRAMA

09.15 Ano Propedêutico
12.10 Tempos livres
(a Conquiologia, ou o passatempo de coleccionar conchas — guarde os seus berbigões por causa das coisas!)
12.40 A Escrava Isaura
13.15 Telejornal
13.30 Ciclo Preparatório TV
18.25 Reabertura e Telejornal
18.32 As aventuras de Tom Sawyer
(Tom Sawyer, Huckleberry Finn e o gosto de fazer tolices)
19.00 Inglês a sorrir
19.35 Cientificamente
20.00 Teoejornal
20.35 O Casarão
(aí aquele João Maciel, que tipo mais misterioso!)
21.10 Boletim meteorológico
21.15 Noite de Teatro
(«Sábado, domingo e segunda», de um grande senhor do Teatro italiano chamado Edoardo de Filippo, adaptado em Inglaterra com Joan Plowright e

Mais uma vez «A canção de Lisboa»

Laurence Olivier no «cast»)
23.20 Telejornal

II PROGRAMA

19.00 Ano Propedêutico
22.00 Telejornal
22.30 A Escrava Isaura

TERÇA, 16

I PROGRAMA

09.15 Ano Propedêutico
12.10 Música para o almoço
(o quarteto vocal «Gente», numa realização de Correia Alves)
12.40 A escrava Isaura
13.15 Telejornal
13.30 Ciclo Preparatório TV
18.25 Reabertura e Telejornal
18.32 As aventuras dos Hardy
(desenhos animados)
19.00 Jardins Zoológicos do Mundo
(um pulo à Suíça para ver o de Basileia)
19.25 O retrato...
(... do escritor quando jóvem: a RTP anuncia «Miriápode e Natália Correia»)
20.00 Telejornal
20.35 O Casarão
21.10 Boletim meteorológico
21.15 Forum
(com os Açores no programa)
22.10 O perito
(terceiro episódio da nova série policial com Marius Goring no protagonista)
23.05 Telejornal

II PROGRAMA

19.00 Ano Propedêutico
22.00 Telejornal
22.30 A escrava Isaura

QUARTA, 17

I PROGRAMA

09.15 Ano Propedêutico
12.10 Falemos de Agricultura
(com o eng. Eurico Campos Gondim: a importância da riqueza dos solos)
12.40 A escrava Isaura
13.15 Telejornal
13.30 Ciclo Preparatório TV
18.25 Reabertura e Telejornal
18.32 Sandmann
18.45 Volta ao mundo das fábulas
(«O merceeiro e o burro» contado em cinco minutos)
18.50 Operação «Pala Negra»
(«George, Page e Tom fazem uma emboscada à diligência que vai levar Vick para Southampton»)
1920 Lamire
(magazine de música e bailado)
19.50 Vamos jogar no Totobola
(ou as últimas oportunidades de comprar o tal andar na Caparica)
20.00 Telejornal
20.35 O Casarão
21.10 Boletim meteorológico
21.15 Trinta e um de boca
(um concurso sem graça)
22.15 Dentro da cidade

«Ilhas perdidas». 13.º episódio

Os Bellamy têm muito que contar

(«que futuro para o passado?»)
22.45 Contos portugueses
(uma noite de gala com «a rapariga dos fósforos», de José Cardoso Pires, conto belíssimo da primeira fase do escritor; no elenco Josefina Silva, um «papelão», segundo consta, e ainda Margarida Carpinteiro, Orlando Costa e Luís Lello)
23.10 Telejornal

II PROGRAMA

19.00 Ano Propedêutico
22.00 Telejornal
22.30 A escrava Isaura

QUINTA, 18

I PROGRAMA

09.15 Ano Propedêutico
12.10 Entrevista
(nome e tema, viste-los...)
12.20 Música para o almoço
(com «The English Cradle is the Rocking» — «O berço inglês é o rock»)
12.40 A escrava Isaura
13.15 Telejornal
13.30 Ciclo Preparatório TV
18.25 Reabertura e Telejornal
18.32 Ideias e mãos
(as flores de papel: para que servem, como se fazem)
18.55 Onde nasce o Nilo
(último episódio desta série juvenil que conquistou algum público)
19.35 A ideia e a imagem
(com Álvaro Manuel Machado)
20.00 Telejornal
20.35 O Casarão
21.10 Boletim meteorológico
21.15 O jogo do século
(o futebolinha em ano de Campeonato, e campeonite, mundial!)
21.45 Matar ou não matar
(filme de Nicholas Ray com Humphrey Bogart — «In a lonely place» no original)
23.25 Telejornal

II PROGRAMA

19.00 Ano Propedêutico
22.00 Telejornal
22.30 A escrava Isaura

SEXTA, 19

I PROGRAMA

09.15 Ano Propedêutico
12.10 Culinária
(Mestre Silva ensina a fazer pudim de claras com caramelo, que é bem bom e custa pouco dinheiro)
12.40 A escrava Isaura
13.15 Telejornal
13.30 Ciclo Preparatório TV
18.25 Reabertura e Telejornal
18.32 Gulp
(Sebastião ensina a construir um electromagnete em ponto pequeno)
18.37 Telejuvenil
19.25 Portugal Romano
(«A caminho da Galécia» apresentação e texto do dr. Vasco Montez)
20.00 Telejornal
20.35 O Casarão
(pode acender o bolo de velas que hoje é o centésimo episódio — parabéns e muita paciência)
21.10 Boletim meteorológico
21.15 Poesia, liberdade livre
(com Vasco Graça Moura)
21.35 O Caminho das estrelas
(aventuras galácticas com encontros do 4.º e 5.º graus)
22.30 Melomania
(com João de Freitas Branco e o «dedo» de Augusto Cabrita)
23.05 Telejornal

II PROGRAMA

19.00 Ano Propedêutico
22.00 Telejornal
22.30 A escrava Isaura

SÁBADO, 20

PROGRAMA

13.30 Abertura e Formação contínua de professores do Ensino Primário
14.00 Telejornal
14.15 Desporto 78
14.30 Inglês a sorrir
(tema de hoje: alugar um carro)
14.55 Ida e volta
(os transportes)
15.20 Entre Barreiras
(os toiros)
15.50 Uma casa na pradaria
(o episódio deste sábado chama-se «Discussão familiar» e conta uma história de ovos)
16.35 Cinema de animação
(«Arabiantics» e «Felix the Cat hits the deck», de Pat Sullivan; «O grande e os pequenos», de Boika Makrodieva; «We give pink stamps», de Fritz Freleng e Hawley Bratt; «Jack and the beanstalk», de Lotte Reiniger; e «Phantom ship», de Nabuzo Ofugi — coordenação de Vasco Granja)
17.40 TV-Jazz
(ainda e sempre o «Cascais-Jazz» do ano passado, apresentando o «summit» do quinteto de Dusko Goykovich e Sal Nistico; Dusko é jugoslavo e Sal americano de origem italiana; quanto às tradições de que se servem, uma palavra basta — «bebop»)
18.50 Em foco
19.50 Marco Visconti
21.00 Telejornal
21.30 Boletim meteorológico
21.35 Os arquivos de sábado
(uma viagem até aos antigos programas de variedades da RTP: vinte anos de história)
22.35 Telejornal
22.40 Sábado especial
(«A última ira», ou «The last angry man» no original, de Daniel Mann, com Paul Muni, David Wayne, Betsy Palmer, Luther Adler, Claudia McNeill e Joby Baker)

II PROGRAMA

21.00 Abertura e Telejornal
21.30 Recital de piano
(por Manuela Gouveia, que interpreta variações sobre um tema da «Eróica», de Beethoven)
21.55 Cinema de animação
(filmes de Karin Wiertz, Béla Ternovszky e Adrian Petringenaru; curioso o filme de Karin Wiertz, com utilização da técnica da pixilagem)
22.25 João Villaret
(um recurso aos «enlatados» de prestígio)

SERVIÇO PERMANENTE
(INCLUINDO SÁBADOS E DOMINGOS)
Repara em sua casa
até às 24 horas
todas as marcas com garantia
LISBOA E ARREDORES
MARCELO
TELEFONE JÁ!
659118 - 659119 - 659110 - 644097 - 643525 - 641202